



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

“ESPELHO MEU, ESPELHO MEU, QUAL DE NÓS
SOU EU?”

INÊS FILIPA SIMÕES ROÇAS

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA ÂNGELA VILA-REAL

Coordenador do Seminário de Dissertação:

Professor DOUTOR LUÍS DELGADO

**Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do
grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Ângela Vila-Real, apresentada no ISPA – Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer à Professora Ângela Vila-Real por me ter acolhido. Obrigada por todo o trabalho que criamos ao longo deste ano que passou. Obrigada por ter sido a minha mentora de pensamento. Por todos os ensinamentos e pensamentos partilhados, e por estar sempre disponível para me ouvir. Obrigada pela paciência e por se ter mantido interessada. Obrigada por todo o tempo e dedicação. Pela confiança que depositou em mim. Foi transformador tê-la como orientadora.

Quero também agradecer ao Filipe ao Luís, à Carmo e à Teresa, a vossa história mudou a minha. Obrigada por terem partilhado o que para vocês significa “ser gémeo”.

Quero agradecer à minha mãe, sem ti nada disto teria sido possível. Obrigada pelo apoio incondicional, por acreditares sempre em mim. Obrigada por me teres ensinado que nunca devemos desistir dos nossos sonhos. Obrigada por me fazeres acreditar que posso ser tudo! O que sou hoje, devo-te a ti. Não tenho palavras para te agradecer o suficiente.

Ao meu pai, por tudo. Por conseguirmos transformar a nossa relação, por teres um lugar especial. Obrigada porque mesmo estando distante fisicamente, estiveste sempre presente.

À minha irmã gémea, Joana, porque ser gémea é poder permanecer ligada, guardada dentro de alguém para sempre, é poder representar-me separada, mas permanentemente ligada. É viver permanentemente com a certeza de que existe alguém que nos tem num lugar especial dentro de si. Ser gémea é partilhar. Ser gémea não é viver num mundo de semelhantes, mas conviver no mundo com um semelhante. Sem ti não seria a mesma. Obrigada pelo apoio incondicional e pela inspiração.

À Cláudia, por ser incansável, por estar sempre disponível, pelo carinho e por todo o apoio.

À minha família, irmão, avós, afilhada, prima Eva, tio Carlos, Maria, vocês são a minha força, o lugar onde me posso encontrar.

Quero também agradecer aos meus colegas de seminário pela partilha de ideias, por poder pensar e criar connosco. Juntos, pensamos melhor. Obrigada pelas vossas palavras.

Aos meus amigos porque sem vocês a minha vida seria cinzenta, a vossa amizade preenche-me.

Quero agradecer especialmente à Joana e à Rute por terem sido as minhas maiores confidentes, e por se terem tornando melhores amigas. Obrigada pela paciência. Por todas as conversas e por terem sido fundamentais neste último ano, quer para o meu crescimento pessoal como profissional. Obrigada pela vossa amizade, vocês foram fundamentais!

À Andreia e ao Luís, são 22 anos de amizade! Não interessam as voltas que a vida dá, a amizade e o carinho nunca se perdem. Obrigada por me receberem sempre de braços abertos.

Ao meu grupo de amigas, vocês sabem que são. Só vos posso agradecer por todos os momentos que partilhámos e que iremos partilhar. Vocês fazem a minha vida mais feliz.

Ao Rodrigo, ao Gil, e ao Marujo por serem três amigos muito importantes que guardo para a vida, apesar de não estarmos sempre juntos, sei que posso contar connosco.

À Inês, e à Maria Joana por todas os momentos partilhados, por me fazerem sorrir e acreditar que posso sempre ser melhor. Obrigada pela vossa amizade.

À minha afilhada Bia, pela nossa amizade. Por acreditar em mim! Obrigada pelo teu carinho.

Ao meu grupo de amigas do ISPA, este cinco anos foram inesquecíveis graças a vocês. Obrigada por todo o crescimento em conjunto, por todos os momentos de alegria, por nos apoiarmos mutuamente sempre, e por todas as conquistas partilhadas.

Obrigada a todos aqueles que poderei não ter referido mas que de algum modo mudaram a minha vida.

RESUMO

A relação entre gémeos encontra-se muitas vezes associada, na literatura científica a problemáticas identitárias. Até ao momento o sujeito foi maioritariamente compreendido a partir do olhar do outro, e o mesmo acontece com os gémeos, a compreensão da relação emerge do olhar de outro.

O presente estudo, pretende compreender o sujeito que vive a relação e o que para ele se constitui como experiência gemelar. Os processos psíquicos de identificação e diferenciação contribuem assim, para a dinâmica relacional, e conseqüentemente, para a configuração identitária dos dois pares de gémeos – com ambos os géneros representados e com idades compreendidas entre os 46 e os 60 anos.

O instrumento utilizado foi a Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI). A sua aplicação resultou na obtenção de quatro narrativas que foram analisadas individualmente e em conjunto numa análise conduzida pelos elementos do discurso dos participantes que mais se destacam.

Os resultados evidenciam diferenças entre os pares de gémeos. Para Filipe e Luís a família promove a indiferenciação entre ambos, no caso de Carmo e Teresa o lugar ocupado na família permite a sua diferenciação. No entanto, entende-se que também existem pontos em comuns, transversais, aos dois pares de gémeos, referentes a uma relação anaclítica de dependência e apoio, e à presença do gémeo promovendo a gratificação e a satisfação narcísica. A conquista da autenticidade configura-se, por outras palavras, através da resolução do conflito entre a indiferenciação e a autonomia.

O presente estudo foi enriquecedor, permitindo uma melhor compreensão do sujeito que vive a relação, e do impacto da relação na configuração identitária. O presente estudo contribuiu para o desenvolvimento e reflexão acerca da relação gemelar, e para a necessidade de se pensar a mesma em contexto terapêutico, mas precisamente na transferência.

Palavras-chave: Relação gemelar; Identificação; Diferenciação; Individuação; Identidade;

ABSTRACT

The relationship between twins, is often associated in the scientific literature with identity problems. Until now, the subject has been mostly understood from the eyes of the other, and so does the twins. The understanding of the relationship emerges from the eyes of another.

The present study intends to understand the subject that lives the relationship and what for him, constitutes a twin's experience. The psychic processes of identification and differentiation contributes to the relational dynamics and, consequently, to the identity configuration of the two pairs of twins - with both genders represented, and ages between 46 and 60 years old.

The method used was the Narrative Interview in Free Association (FANI). Its application resulted in the obtaining of four narratives that were analyzed individually, and posteriorly, together in an analysis conducted by the elements of the speech of the participants that stand out the most.

The results show differences between the pairs of twins. For Filipe and Luís, the family promotes the undifferentiating between both, in the case of Carmo and Teresa the place among the family allows its differentiation. However, it is understood that there are also points in common, transversal to the two pairs of twins, referring to an anaclitic relationship of dependence and support, and to the presence of the twin promoting gratification and narcissistic satisfaction. The conquest of authenticity is configured, in other words, through the resolution of the conflict between the undifferentiating and autonomy.

The present study was enriching, allowing a better understanding of the subject who's living the relationship, and the impact of the relationship on the identity configuration. The present study also contributed to the development and reflection about the twin relationship, and to the need to think about it in a therapeutic context, but precisely in the transference.

Key-words: Twin relationship; Identification; Differentiation; Individuation; Identity.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
A Antiguidade e a Mitologia	3
O PARADIGMA GEMELAR	3
O interesse científico	3
O OBJETO GÉMEO E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	4
O desenvolvimento psicoafectivo vivido a dois	4
O conceito e a Formação da Identidade	8
A RELAÇÃO GEMELAR E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE	12
O OBJETIVO DO ESTUDO	16
A PERTINÊNCIA DO MÉTODO UTILIZADO	18
INSTRUMENTO - ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE (FANI)	18
PARTICIPANTES	20
RECOLHA DE DADOS	20
PROCEDIMENTO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	21
RESULTADOS	22
Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Filipe Luís	22
Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Luís Filipe	26
Análise dos grandes temas dos gémeos Filipe e Luís	30
Luta pelo Eu	30
A partilha do nome e a Construção da Identidade	31
O Terceiro e a mudança da relação	31
Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Carmo	32
Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Teresa	36
Análise dos grandes temas das gémeas Carmo e Teresa	40
Do vínculo estabelecido à indiferenciação - Uma identidade partilhada	40
O lugar ocupado na construção da Identidade	41

DISCUSSÃO	42
CONCLUSÕES	55
REFERÊNCIAS	58
ANEXOS	63
ANEXO A – NARRATIVA DE FILIPE LUÍS	63
ANEXO B – NARRATIVA DE LUÍS FILIPE	69
ANEXO C – NARRATIVA DE CARMO	77
ANEXO D – NARRATIVA TERESA	85

INTRODUÇÃO

Ao longo de várias décadas, os gémeos têm sido conceptualizados como o “*grupo de controlo perfeito*” para estudar os fenómenos físicos e comportamentais inerentes ao ser humano. Apesar das investigações serem cientificamente úteis, pouco ou nada se sabe sobre como é realmente, crescer como gémeo (Klein, 2012).

Várias formulações emergiram da prática Clínica Psicanalítica, tentando compreender o fenómeno gemelar e de que forma, são construídas as relações de objecto. Sabe-se que a proximidade entre os gémeos idênticos potencia o desenvolvimento de um vínculo único, bem como de uma conseqüente relação de objecto interno diferente de qualquer outra relação (Milton, 2006). Importa agora referir, de que modo são construídos esses objectos internos, tendo em conta que o sujeito se constrói através deles. Segundo a teoria proposta por Melanie Klein (1946; 1963), as relações de objecto são o princípio central da formação da identidade na sua interacção com o mundo externo (Hollway, 2010).

A literatura Psicanalítica sobre gémeos revela-se consensual no que diz respeito a alguns componentes próprios à relação gemelar, nomeadamente: a *folie à deux* (loucura a dois); a identificação dupla; a falta de Identidade; uma Identidade perturbada; a impossibilidade no desenvolvimento do Ego (consciência de que cada gémeo é apenas o reflexo do outro); a relação que coloca em causa todas as outras relações; o conflito entre o desejo de se diferenciar e precisar do outro e a similaridade física potenciando a identificação mútua (Burlingham, 1952; Demasrest e Winestine, 1955; Joseph e Tabor, 1961; Leonard, 1961; Winnestine, 1969). Outros componentes referidos por Burlingham (1946, 1949, 1952) incluem: que o gémeo activo desenvolve características dominantes como a agressividade e o gémeo passivo desenvolve traços mais submissos; o ego de um gémeo responde às necessidades e aos afectos do outro em simultâneo com os seus; cada gémeo vive a complexidade de diferenciar comportamentos, pensamentos e desejos entre Eu e Outro; a relação de objecto primária é estabelecida com um outro idêntico a si (uma imagem espelhada com quem a maioria das experiencias são partilhadas).

Partindo do pressuposto, que formação da identidade se encontra subjacente às relações de objecto, sendo que os modelos de relação estabelecidos ao longo do desenvolvimento permitem não só a representação de si, como a representação do objecto separada de si. No caso dos gémeos, cada criança deve passar pela identificação

e separação da mãe, bem como do respectivo gémeo. Gradualmente, o bebé irá consciencializar-se que o seu gémeo é realmente um outro objecto, e não uma extensão de si, ou uma imagem espelhada. Pelo exposto e dada a escassez da literatura científica acerca do impacto dos factores inter e intra psíquicos no desenvolvimento gemelar, o presente estudo propõe-se analisar a relação e os processos de identificação e diferenciação inerentes à construção da Identidade. Entende-se, que cada um dos gémeos deve ser analisado de forma separada, como dois indivíduos únicos, permitindo uma melhor compreensão dos processos de desenvolvimento precoce e posterior subjacentes à construção da Identidade individual de cada um dos gémeos (Lewin, 2014).

A presente investigação estruturou-se, contemplado no primeiro capítulo, uma revisão da literatura existente acerca do paradigma gemelar, especificamente, o interesse científico. Seguidamente foi analisada a relação de objecto gemelar e a construção da identidade, destacando o desenvolvimento psicoafectivo nos gémeos, bem como a formação da identidade através da relação gemelar. No capítulo seguinte, será apresentado o objectivo do estudo, onde se pretende compreender e aceder à subjectividade de ambos os sujeitos, bem como ao significado atribuído à relação.

Após uma leitura mais aprofundada acerca do tema, surgiram uma série de questões: *Como é que sujeito se constrói através da relação? De que forma o olhar do outro sobre si influencia o modo como se constrói? Que processos subjacentes ocorrem que nos tornam quem somos? Como é que a narrativa pessoal de cada sujeito tende a reforçar as diferenças entre ambos e de que forma podem ser interpretadas? De que modo a qualidade da relação, promove ou impede, o desenvolvimento de uma identidade separada? Como é que o sujeito se constitui como único?*

Considerou-se que poderia ser pertinente estudá-las e até mesmo, poder responder às mesmas. Para tal, recorreu-se ao método de investigação psicanalítica – Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI) (Hollway e Jefferson, 2000). Posteriormente serão apresentados os resultados. Em primeiro lugar será feita uma análise compreensiva sobre a história de vida de cada sujeito, o que se constitui como significado e significante. Após uma leitura dinâmica, serão agrupados os grandes temas que se estabelecem como significativos da experiência de cada um dos sujeitos. Por último, foram apresentadas algumas considerações relativamente à presente investigação, reforçando assim, o interesse e a necessidade do desenvolvimento desta temática em investigações futuras.

A Antiguidade e a Mitologia

Desde a Antiguidade, que os gémeos, principalmente os gémeos idênticos, despertam interesse e admiração (Lewin, 2014; Pietilä, Björklund e Bülow, 2012; Principe et al., 2013; Segal, 1999; Trancredy e Fraley, 2006; Zazzo, 1986). Na Mitologia de quase todas as culturas antigas e primitivas os gémeos, eram conhecidos como heróis, semideuses e o seu nascimento era muitas vezes considerado um símbolo mágico, em que os poderes sobrenaturais eram atribuídos ao par de gémeos. Um gémeo tornar-se-ia um deus mortal e o outro, um homem mortal, o gémeo dominante caracterizado por excelentes qualidades de força e sabedoria, o outro fraco e covarde (Arlow, 1960). Na literatura científica, os gémeos encontram-se muitas vezes associados a problemas identitários, como evidenciado desde as culturas mais clássicas, Castor e Pollux, Romulus e Remus e Jacob e Esaú. Desde a Antiguidade, os gémeos têm sido parte integrante da condição Humana.

O PARADIGMA GEMELAR

O interesse científico

Desde o trabalho pioneiro de Francis Galton (1875) há mais de cem anos, vários investigadores (Newman, 1937; Kallman, 1948; Slater, 1953), procuraram compreender essencialmente, os factores biológicos inerentes à relação gemelar. Inicialmente, o principal foco de interesse sobre os gémeos baseou-se, no fenómeno biológico da gemelaridade, mais especificamente, na compreensão das implicações médicas referentes à gravidez e ao nascimento de gémeos. Os geneticistas comportamentais, continuam a usar os gémeos para compreenderem o impacto relativo do ambiente e da doação genética (Klein, 2012). Através da história de vida de gémeos idênticos e fraternos, várias hipóteses foram testadas, nomeadamente no que diz respeito à influência do meio ambiente, da hereditariedade na estrutura da personalidade e na formação do carácter (Segal e Hershberger, 1999).

Os gémeos foram estudados minuciosamente, a partir de dois pontos de vista: a própria gemelaridade “*Twinning*”, incluindo particularmente os fenómenos fisiológicos e do desenvolvimento, desde o nascimento até à morte e a hereditariedade *versus* ambiente que, no caso dos gémeos idênticos separados à nascença e criados em ambientes diferentes, parece oferecer dados fundamentais, no âmbito da Fisiologia e da Psicologia.

Várias investigações procuraram identificar as diferenças na relação entre gémeos idênticos e fraternos, com o objectivo de estudar os fundamentos genéticos e ambientais do comportamento humano (Joseph, 1975; Segal, 1999). Klein (2012) refere que, várias investigações psicológicas demonstraram que o vínculo estabelecido entre os gémeos está sujeito a várias discussões, tornando-os objecto de interesse científico. No entanto, o interesse e a compreensão acerca do desenvolvimento gemelar, tem sido pouco investigado. Os aspectos interpessoais da identidade de um gémeo, são muitas vezes utilizados por profissionais de saúde mental para descrever a psicopatologia.

A Psiquiatria interessou-se assim, por compreender o fenómeno gemelar, desenvolvendo vários estudos estatísticos, correlacionando o desenvolvimento gemelar e a natureza hereditária com a criminalidade, a psicose e a perversão sexual. Como seria espectável, estes estudos atribuíram pouca importância à experiência subjectiva de ser gémeo (Arlow, 1960; Kallmann, 1948; Slater, 1953; Woodworth, 1941).

A relação entre gémeos, encontra-se muitas vezes associada na literatura científica a problemáticas identitárias. Até ao momento, o sujeito é compreendido a partir do olhar do outro, e o mesmo acontece com os gémeos, a compreensão da relação emerge do olhar de outro. Vários investigadores (Adelman e Siemon, 1986, Ainslie, 1997) reconheceram a falta de literatura que analise a relação gemelar partindo da própria experiência de ambos, como cada um se experiencia e vive a sua própria experiência de ser gémeo, como constrói a sua identidade através da relação.

O OBJETO GÉMEO E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

O desenvolvimento psicoafectivo vivido a dois

Vários estudos, no âmbito da psicanálise procuraram compreender os fenómenos de Individuação, Identificação e da Identidade, assim como também da Psicopatologia (Dibble e Cohen, 1981). Mais tarde, com o avanço progressivo da Psicologia do Ego e das investigações Psicanalíticas, o estudo sobre gémeos conquista especial importância no que se refere ao processo de diferenciação Eu-Outro (Burlingham, 1952; Joseph and Tabor, 1961; Leonard, 1961; Winnestine, 1969).

Desde que nasce, um bebé gémeo, vive num ambiente diferente de todas as crianças que não são gémeas. Como os filhos únicos, cada gémeo atravessa uma fase indiferenciada, onde não existem ainda limites entre o Eu e o mundo exterior, até ao momento em que o bebé se consciencializa que a mãe não é apenas uma extensão de si.

A identificação primária entre mãe-bebé, evolui gradualmente para uma relação de objecto à medida que o bebé delimita a sua própria identidade individual da união simbiótica com a mãe e se separa (a representação de si separado da mãe). Embora não seja o mesmo que a interacção mãe-bebé, a identificação gemelar primária encontra alguns aspectos comuns (Leonard, 1961). No caso dos gémeos, ambos devem separar-se simultaneamente da relação simbiótica estabelecida com a mãe e com o gémeo. Segundo a Teoria proposta por Mahler (1975), ambos os gémeos enfrentam o desafio de superarem o processo de separação-individuação em relação à mãe e em relação ao respectivo gémeo.

Partindo deste pressuposto, Athanassiou (1986) refere que a relação gemelar depende da dinâmica construída a três, Lewis (2014) acrescenta que, a mãe e ambos os gémeos, formam um triângulo relacional (anterior à Triangulação Edipiana), e ao compreender a relação gemelar, a autora refere que sempre que a mãe se relaciona com um gémeo, o outro sente-se parcialmente excluído. Existindo menos oportunidades de se relacionar com a mãe, o bebé recorre à imitação do objecto mais próximo, o gémeo. Quanto mais idênticos, mais forte a tendência para tratá-los como uma unidade e não como separados, enfatizando a sua identificação um ao outro. A separação em relação à mãe, torna-se mais fácil, uma vez que o irmão gémeo substitui naturalmente o objecto materno, favorecendo a autonomia em relação a ele, ao mesmo tempo que aumenta proporcionalmente a interdependência entre ambos os gémeos (Engel, 1975).

Ao introduzir o pai, quatro triângulos relacionais emergem. Assim, cada gémeo terá de lidar com as tensões vividas na relação com a mãe, com o gémeo e com o pai e consequentemente o sentimento de exclusão face ao casal parental. É através desta estrutura complexa, que cada gémeo desenvolve e constrói a sua própria identidade. A relação gemelar estabelece-se assim, sob o domínio de uma rivalidade acentuada e da fusão entre ambos os gémeos (Lewis, 2014).

Burlingham (1946, 1949, 1952) concluiu, através das observações desenvolvidas no "Hampstead Nersery", durante a Segunda Guerra Mundial, que a rivalidade gemelar é instaurada através da disputa pelo objecto materno. A mãe torna-se o principal objecto libidinal de cada um dos gémeos e a sua capacidade de tratá-los como separados, assim como a qualidade da atenção dada a cada um deles, torna-se decisiva para que se constituam como sujeitos separados. A autora enfatiza que a identificação rudimentar entre gémeos é a consequência natural de dois bebés terem a mesma idade, estarem

consequentemente no mesmo estágio de desenvolvimento e experienciem as mesmas emoções face à mãe.

Burlingham (1949) entende que aos quatro meses, cada bebé já demonstra sinais de vinculação à figura materna e que, após os oito meses, cada um dos gémeos começa a interessar-se e a procurar pelo outro. É durante o décimo mês após o nascimento, que surgem as primeiras manifestações de competição pela atenção da mãe, principalmente durante as refeições. Existe assim, numa fase inicial, o desejo onipotente do bebé possuir o seio da mãe sem consideração pelo gémeo, sendo esse desejo acompanhado de ressentimentos dirigidos à mãe e ao gémeo por ter de partilhar o seio, atenção ou qualquer outra forma de amor. Na fase seguinte, o bebé percebe que gratificação exclusiva é impossível e começa a estar disposto a renunciar às suas reivindicações, na condição de que exista uma renúncia igual exigida pelo rival (o gémeo). A partir desta condição, gradualmente emerge uma fase de partilha completa dos mesmos objectos ou da total renúncia dos mesmos. Uma vez que a gratificação exclusiva é impossível de alcançar, uma solução final é efectuada, por meio da qual a posse separada mas igual do objecto, torna-se a condição necessária sob a qual a relação gemelar mantém a harmonia. (Arlow, 1960).

Ortmeyer (1970) interpreta a dinâmica gemelar de forma diferente, referindo que, um dos gémeos reage espontaneamente à mãe e o segundo imita o primeiro promovendo o vínculo “*nós-eu*”. Um gémeo torna-se dependente do outro que, por sua vez atua como porta-voz emocional, aquele que age. Assim, um atributo desenvolve-se num gémeo servindo a ambos. O gémeo imitativo, recorre à imitação para evitar a consciência da sua individualidade, evitando a competição. Se um gémeo imita o outro, o conflito é minimizado. Engel (1975) enfatizou, no sentido de Bowlby (1969), que a necessidade e o comportamento de vinculação entre um par de gémeos, tende a aumentar gradualmente, tornando-se opositora ao processo de separação-individação.

Glenn (1974) refere que a relação gemelar é marcada por uma intensa rivalidade, controlada na infância pelo desenvolvimento de jogos agressivos. A diferenciação, surge como estratégia comumente utilizada para resolver as principais rivalidades na relação gemelar (Vivona, 2007). A atitude que cada par de gémeos adopta depende de qual o aspecto da relação foi reprimido. A rivalidade, torna-se especialmente notável durante a fase edípica. Se os gémeos competem como indivíduos ou tentam agradar como um, depende dos vários factores que são operacionalizados desde a fase oral, passando pelo conflito edípico, até às fases posteriores do desenvolvimento. Entre

estes factores, deve ser dada especial atenção à atitude da mãe face aos gémeos, bem como a maneira pela qual os gémeos são integrados no ambiente familiar e social (Arlow, 1960).

Vários autores (Ablon et al., 1986, Jarrett e McGarty, 1980; Leonard, 1961; Ortmeyer, 1970) referem que a separação da mãe pode ser acelerada, porque nesta fase, há um substituto na simbiose gemelar.

Ablon et al. (1986) apresentam a origem do problema gemelar como a impossibilidade de aceder ao potencial fálico-agressivo, uma falha na resolução de conflitos pré-genitais. A intensa agressividade entre os gémeos é contida através de compromissos incomuns, que servem para conter o seu efeito destrutivo, como a renúncia à hostilidade pela adopção de um pacto mútuo não agressivo (o gémeo mais forte inibe as suas competências e permite que o gémeo mais fraco, e conseqüentemente mais competitivo, vença). Freud (1920) refere-se a este mecanismo “*de um gémeo se retirar, favorecendo o rival*” como uma possível predisposição para a homossexualidade. Um gémeo assume a posição activa-agressiva, o outro a passiva-agressiva. A constante união e a interacção prazerosa entre ambos, reforça a interdependência inibindo a agressividade. Através da aliança construída “*Gang of two*”, descrita Burlingham (1949) a agressividade é projectada no exterior, contra os outros. A tendência pré-fálica de cada gémeo assumir o papel dominante ou passivo é utilizada para consolidar a relação estabelecida, como uma reacção-formação contra a intensa rivalidade presente nas fases anteriores (Arlow, 1960). A forte ligação afectiva entre ambos condiciona inegavelmente a evolução da criança, que se separa prematuramente do objecto materno, sofrendo um atraso na resolução do Complexo de Édipo.

Abrams e Neubauer (1994) entendem que a personalidade dos gémeos permanece essencialmente dominada por elementos pré-edípiacos, como o amor e a rivalidade quando são mal integrados pelos pais no período de latência, e que, portanto, não os permitem alcançar um desenvolvimento psicosexual completo.

Segundo Blos (1987), a adolescência é fase do desenvolvimento psicoafectivo onde são reativados os conflitos vividos no Complexo de Édipo. Nesta fase a relação estabelecida entre a tríade pai-mãe-criança é revivida. No caso dos gémeos ambos devem reviver os conflitos vividos no Complexo de Édipo, tendo em conta a relação estabelecida entre as quatro tríades (pai-mãe-gémeo¹; pai-mãe-gémeo²; mãe-gémeo¹-gémeo²; pai-gémeo¹-gémeo²).

Muitas vezes é apenas na adolescência ou na idade adulta que o vínculo "nós-eu" é desmantelado. Segundo o estudo de Ablon et al. (1986), o desenvolvimento e a consolidação da posição fálico-agressiva complexifica-se nos gêmeos. Através da análise de dois gêmeos adultos, os autores referem que ambos lutaram contra a posição fálico-agressiva na tentativa emergirem ambos como homens. Tais observações sobre o desenvolvimento da posição fálico-agressiva e a competição entre gêmeos, são significativos e tecnicamente úteis para a análise dos gêmeos e para o trabalho analítico em geral. Jarrett e McGarty (1980) evocam o efeito disruptivo que a privação precoce do objeto materno pode ter sobre a evolução adequada da simbiose mãe-criança, bem como a capacidade de tolerar estados de frustração. O processo de separação é, portanto, complexificado nos gêmeos devido à presença do gêmeo, ambos recriam o vínculo simbiótico, e ao fazê-lo, serão forçados a superar não só a fusão mãe-filho, mas também a fusão gêmeo-gêmeo. Para que possam construir relações de objeto maduras, os gêmeos terão que desistir de suas reivindicações pré-genitais e edipianas, tanto para a mãe/pai como para o/a gêmeo(a). As diferenças individuais são igualmente importantes, para que ambos se possam individuar. Os autores identificam a ordem do nascimento, o tamanho dos bebês, o comportamento, e a influência dos pais como fatores de separação entre os gêmeos Ablon et al., 1986).

Ao compreender que identidade se constrói através de diversos processos de identificação e diferenciação, e que existe uma verdadeira e única identificação primária entre os gêmeos através da incorporação visual, bem como de uma identificação recíproca e precoce que tende a aumentar à medida que as semelhanças físicas dificultam a consolidação de uma identidade distinta entre ambos os gêmeos, o presente estudo procurou compreender como é que o sujeito se pensa, sendo um ser pensante e se constrói através da relação gemelar. Entende-se, que no caso dos gêmeos idênticos, a aparência física desempenha um papel fundamental na percepção que o sujeito tem da sua identidade pessoal.

O conceito e a Formação da Identidade

O conceito de Identidade foi introduzido na psicanálise por Tausk (1933) e, difundido em grande parte através do trabalho de Hartmann (1939), Erikson (1993), Lichtenstein (1977), Edith Jacobson (1964) e mais tarde, por Heinz Kohut (1971) e Daniel Stern (1955). Freud (1926) usou o termo Identidade, referindo-se: "*à consciência de uma identidade interior*". Jacobson (1964) afirmou que o ser humano se adapta, vive, e obtém gratificação através do outro, sentindo-se realizado através das relações

personais e sociais que estabelece. Kohut (1977) colocou o Self no centro do desenvolvimento psicológico, subjacente à matriz Self / Self-Objeto, sublinhando a sua importância através do espelhamento, da idealização, e da necessidade de um Self-objeto gemelar, contribuindo deste modo para o desenvolvimento individual do sujeito (Minolli, 2004).

Os acontecimentos no mundo externo não são apenas mediados pela linguagem ou pelo discurso, mas sobretudo pelo “mundo interno” do sujeito, onde o desejo e a ansiedade atuam de forma criativa sobre a experiência, transformando-a. A ideia de um “mundo interno”, refere-se na teoria das relações de objeto, à fantasia inconsciente de um mundo construído a partir do Self e de outros objetos como pessoas, ideias e valores (Fakhry Davids, 2002, cit por Hollway, 2010). Neste sentido, a Identidade refere-se à capacidade que o sujeito tem de pensar acerca de si, e do que representa para os outros, incluindo o sentido adaptativo do sujeito existir num mundo complexo, envolvendo a mediação entre a representação de objetos internos, o mundo externo das relações, e os papéis e situações que desempenha (Erikson 1950, cit por Seligman, e Shanok, 1995), a Identidade refere-se à experiência subjetiva do sujeito. A maioria dos estudos sobre a subjetividade individual procuram compreender o sujeito separado do objeto e simultaneamente em relação com ele. Segundo esta perspectiva, Mahler (Mahler, Pine, Bergman, 1975) enfatiza o processo de separação-individuação, enquanto Kohut (1977) destaca a permanente relação entre o Self e os Self-Objectos. Esta diferença de paradigma tem contudo o mesmo fundamento, o estabelecimento de uma Identidade diferenciada (Seligman, e Shanok (1995).

Grinberg e Grinberg (1976) referem-se então à Identidade com resultado de um processo de interação contínua entre três vínculos: o *vínculo de integração espacial, temporal e social*. O primeiro corresponde à relação espacial entre as diferentes partes do Self entre si, incluindo o *Self* corporal (mantendo a coesão e permitindo a comparação e o contraste com os objetos), o segundo é responsável por uma continuidade entre as várias representações do Self ao longo do tempo (fornecendo a base para o sentimento de autenticidade), e o terceiro interliga aspetos do self e aspetos dos objetos, através de mecanismos de identificação projetiva e introjetiva.

Assim, a consolidação e a estruturação dos três vínculos possibilita ao sujeito a consciência de si, ou Identidade do Eu. A formação da Identidade pressupõe a assimilação mútua e integrada de todas as identificações da infância que procedem as introjeções precoces, sendo que o seu sucesso depende da relação estabelecida com os

objetos primários e depois com a família. O nome ocupa também um lugar central na identidade do sujeito, são as relações estabelecidas no seio da família que determinam o nome da criança (Falk, 1975).

Segundo Erikson (1959, 1968 cit por Berzonsky, Rice e Neimeyer, 1990), a tarefa central de desenvolvimento na adolescência consiste na consolidação da Identidade. A individuação adolescente é o reflexo das mudanças estruturais que acompanham a separação emocional dos objetos infantis internalizados. O processo de crescimento e a própria evolução conferem à adolescência um aspeto particular, que Blos (1967) descreve como o “*segundo processo de individuação*”. O adolescente é conduzido ao abandono da dependência familiar e dos laços objetais infantis, para assim aceder à vida de adulto e investir em novos objetos. Deste modo, é possível dizer que quanto melhor se processou o investimento precoce, quanto melhor foram vividas e sentidas as interiorizações dos objetos a todos os níveis e instâncias, e quando melhor tenha sido vivido o processo de individuação, com a separação dos objetos e do *self*, mais capacitado está o adolescente para viver as mudanças psíquicas que surgem com este período do desenvolvimento.

Na adolescência, os jovens abandonam assim a dependência infantil e avançam no sentido de uma identidade madura, através de um ambiente facilitador, que promove o crescimento individual do sujeito (Winnicott, 1968).

Partindo das ideias de Coimbra de Matos (2002) «*a identidade é o resultado, melhor ou pior conseguido, da ou das identificações*» (p. 215). Citando LaPlanche e Pontalis (1998, p.207): “*a identificação é o processo psicológico através do qual o sujeito integra um aspeto, uma propriedade ou um atributo do outro e o transforma, parcial ou totalmente, após ter sido integrado. Considera-se que, através dos vários processos identificatórios o sujeito constrói a sua própria personalidade*”.

Freud (1921) introduziu a definição de identificação como “*a expressão original de ligação emocional ao objeto*”. Partindo do pressuposto que a primeira escolha objetal é dirigida ao pai e à mãe, e a relação é construída através da identificação primária, é possível dizer que, a identificação surge primeiro que qualquer investimento objetal, antes do bebé investir no objeto e de se relacionar com ele, identifica-se. A identificação primária consiste na fusão do Self com o objeto, não existindo ainda uma diferenciação entre Eu e não-Eu (Sandler, 1960 cit por Zepf, 2009).

Freud (1923) distingue então duas formas de identificação: a identificação histórica ou primária, em que o investimento objetal não é afetado, e a identificação

narcísica ou secundária, que pressupõe o abandono do investimento objetal, e a modificação da representação que o sujeito tem de si. A identificação narcísica encontra-se associada à depressão melancólica e à formação do Super Ego no Complexo de Édipo, constituindo-se como “*a condição principal sob a qual o Id abdica dos objetos primários*” (p.29). A identificação narcísica implica uma duplicação dos atributos do objeto (objeto-eu), sendo que na introjeção não existem ainda limites definidos entre o Self e o objeto (objeto/eu) (Zepf, 2009.)

A projeção, a identificação, a identificação projetiva e introjetiva, são assim, entendidos como “*caminhos*” para a construção do self (Sandler e Rosenblatt, 1962; Schafer, 1968; Sandler, 1981; Mitchell, 1991 cit por Seligman e Shanok, 1995).

Melanie Klein (1946) introduz o conceito de Identificação Projetiva para descreve o mecanismo pelo qual bebé o (mais precisamente na posição esquizo-paranóide) projeta as partes “boas” e “más” do self ou dos objetos internos no objeto materno. Segundo a autora, o termo “identificação” é usado porque o objeto sobre o qual a projeção é feita introjeta com os conteúdos projetados, processo intitulado por Grotstein (1995) de “identificação introjetiva”, o sujeito que projeta re-identifica-se com os conteúdos agora modificados pelo objeto.

Thomas Ogden (1979) entende que, a identificação projetiva pressupõe três fases: à fantasia de projetar uma parte do Self no objeto, e que esses conteúdos sejam integrados pelo próprio objeto como seus; o objeto deve pensar e comportar-se com o que foi projetado nele; e depois de serem processados psicologicamente pelo objeto, os conteúdos são reinternaliza-dos pelo sujeito.

Coimbra de Matos (2002) atribui um papel importante à identificação no que se refere à construção da Identidade. O autor define três tipos de identificação: a identificação imagóico-imagética, a identificação idiomórfica e a identificação alotriomórfica. A primeira refere-se “*a mãe de todas as identificações*”, à identificação primária, sendo uma identificação introjetiva precoce, constitui-se através da relação com o objeto primário. A segunda diz respeito à identificação sexual, a criança constrói a sua identidade sexual, através do reconhecimento e integração dos caracteres sexuais externos. E por último, a identificação com o modelo. O sujeito identifica-se com o objeto escolhido, introjetando atributos do objeto amado ou admirado. A identificação alotriomórfica é a identificação que nos determina e constrói por toda a vida.

A RELAÇÃO GEMELAR E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE

Sendo que a relação promove a construção, e o sujeito se constrói na relação, a presente investigação, apoiando-se na teoria das relações de objeto, procura compreender como é que o sujeito se constrói através da relação. Partindo deste pressuposto, vários autores referem a importância dada às relações de objeto no seio da psicanálise e o enfoque consequente na relação materna, sendo a relação fraterna assente na rivalidade e na luta pelo amor materno (Coles, 2003; Freud, 1923; Vivona, 2007). Contudo, a relação gemelar difere, no seu conjunto das relações fraternas entre irmãos, sendo que o elo de ligação entre os gémeos começa a ser estruturado a partir da vida intra-uterina, com modelos específicos de interação nos primeiros estádios da gravidez, que vão sendo mantidos, embora de formas diferentes, após o nascimento (Beretta et al., 2003; Brustia, Gerino e Rollé, 2013; Padula, 2015; Piontelli, 1989). O vínculo emocional criado na relação fraterna entre irmãos depende do “nível de acesso” a eventos de vida partilhados, bem como quanto à diferença de idades que separa os irmãos. No caso dos gémeos, ambos ficam profundamente ligados entre si (Brustia Gerino e Rollé, 2013; Ebeling et al 2003; Fraley e Tancredy, 2012; Gardner, 2006; Neyer, 2002; Noller, 2005; Segal, 1999), partilhando um vínculo único.

A literatura psicanalítica é consensual quanto às singularidades descritas associadas à relação gemelar, incluindo a fantasia inconsciente de ser metade de um outro; o desejo de vingança em relação à mãe e ao irmão por carências imaginárias ou reais; o desejo de tornar as coisas iguais; a rivalidade intensa envolvida na forte ligação libidinal; a identificação ao longo da vida com o gémeo; o uso permanente da identificação como defesa; a incerteza quanto à separação da representação Eu-Objecto; o deslocamento e a projeção (permitindo a uniformização); a complementaridade entre os gémeos; e a possibilidade de cada um poder assumir traços opostos ao irmão (Glenn, 1974). No que respeita à origem e natureza da dinâmica relacional entre os gémeos, estes são considerados, parceiros de fácil acesso, tornando-se objetos internalizados (Tancredy e Fraley, 2006). Por estas razões, e dada a natureza do vínculo gemelar, a literatura tem dedicado especial atenção à influência constante da presença de um outro, principalmente à profunda intimidade fraterna que a relação gemelar exerce sobre a construção da identidade e o desenvolvimento pessoal do sujeito (Bernier, 2006; Orr, 1941; Brustia Gerino e Rollé, 2013; Principe et al., 2013; Zazzo, 1986).

Ortmeyer (1970) questionou-se, quanto à natureza do vínculo interdependente entre gêmeos na infância, sendo que, cada um tem o outro muito perto, se não constantemente, física e emocionalmente. Os gêmeos aprendem precocemente que podem gratificar-se mutuamente através do tacto, da visão, da linguagem e da audição. Segundo o autor, nos primeiros seis meses de vida é estabelecido um vínculo entre ambos os bebês, sendo que a proximidade rudimentar mais tarde se transforma na intimidade profunda partilhada por ambos ao longo de toda a vida. Joseph e Tabor (1961), introduziram o termo “reação gemelar” para caracterizar uma reação que surge tanto da identificação como da fusão de identidades, sendo determinadas pela proximidade e pela similaridade física, desde o contexto do crescimento, à mútua gratificação das necessidades relacionais, às atitudes altruístas para ocultar a inveja, ao uso do outro para agir conflitos inconscientes e à necessidade de manter a unicidade simbiótica. A situação pouco comum que os gêmeos enfrentam produz assim, uma interdependência mútua, referida por Winnestine (1969) como “Twinning” o que pode resultar numa falha de um gêmeo se tornar suficientemente individualizado do outro. Estes padrões de interdependência podem causar uma confusão quando à auto-imagem, no sentido de uma identidade separada.

Alguns autores (Jarrett e MacGarry, 1980) destacam a dependência mútua e prolongada que distingue os gêmeos, outros (Ablonet al., 1986; Davidson, 1992) enfatizam a rivalidade gemelar. Estes factores parecem influenciar a identidade e a relação de objeto dos sujeitos pertencentes ao par de gêmeos (Abrams e Neubauer, 1994; Castellet Y Ballarà e Bollea 1994). Tancredy e Fraley (2006) destacam alguns aspetos que definem especificamente a relação gemelar, como a empatia, a partilha de atividades, e a introjeção do outro em si mesmo (identidade partilhada a dois). A existência de um outro sujeito que é o reflexo do Eu traz a experiência da gemelaridade, da imagem espelhada e da sombra. Vários estudos apontam o “espelhamento” como um mecanismo defensivo contra o perigo, especialmente da castração. Além da possibilidade que um outro idêntico, e real oferece, evitando certos perigos específicos, a presença de um gêmeo facilita a gratificação e a satisfação narcísica. A gemelaridade representa assim, uma das relações mais próximas entre dois sujeitos. Burlingham (1952) descreveu o vínculo entre gêmeos idênticos como “*o vínculo mais próximo e mais forte entre dois sujeitos*”, sendo altamente ambivalente e narcísico, associado a uma série de riscos psicológicos. A formação da identidade de um gêmeo depende

assim, da qualidade do vínculo estabelecido entre os gémeos, e o seu impacto na conquista da sua individualidade.

Segundo Klein (2012), a primeira identidade de um gémeo, é sempre a identidade do par, sendo que, o vínculo único estabelecido entre ambos tem por base a intimidade partilhada desta a infância, que se intensifica até a idade adulta. Os pais que subestimam o vínculo único entre os gémeos, e que os tratam como uma unidade, ou como metades de um todo, criam conflitos que se expressam mais tarde, quando os gémeos se separam um do outro. Neste sentido, família, e principalmente os pais, ocupam um lugar central no desenvolvimento e na formação da identidade dos gémeos. O grupo familiar é o responsável por apresentar lugares, objetos, rituais, ideologias e indicar os limites ao sujeito. Ao pertencer ao grupo, o sujeito torna-se também herdeiro dos processos subjectivos e intersubjectivos inerentes ao grupo familiar, tornando-se responsável por construir, organizar e transformar aquilo que lhe foi transmitido (Gutierrez et al., 2011 cit por Osti e Sei, 2016). A identidade é assim, o meio através do qual, o sujeito encontra um lugar único, onde possa existir com outros semelhantes a si. O desenvolvimento e a construção da identidade implicam vários tipos de identificação, mas também de diferenciação. Para para que o sujeito possa integrar a família, e construir-se em torno de outros significativos, recorre também a vários processos de diferenciação. A diferenciação é um processo inconsciente que envolve a capacidade do sujeito desenvolver qualidades e desejos próprios, excluindo as qualidades e desejos que são percebidos como semelhantes ao outro. Os vários processos de diferenciação, inerentes ao sujeito, possibilitam a sua separação e a individuação, assegurando a sua autenticidade (Vivona, 2007).

Pietilä, Björklund e Bülow (2012) observaram através da sua investigação que, embora, os primeiros anos da vida sejam fundamentais para o desenvolvimento da Identidade, pouco se sabe sobre o processo de uma perspectiva evolutiva, que consiga incluir todo o percurso de vida de um sujeito. Neste sentido, investigações com sujeitos mais velhos contribuíram para a compreensão de como a Identidade é experienciada desde a infância até à idade adulta, bem como a forma como a identidade é experienciada em relação às várias relações estabelecidas ao longo da vida, quer sejam relações familiares entre cônjuges, pais, filhos, ou entre outros irmãos. Schave e Cirello (1983, cit por Conlon, 2009) descrevem, diferentes padrões relacionais subjacentes à relação gemelar, que incluem a: Identidade Interdependente; Identidade partilhada; Identidade Idealizada; e Identidade Competitiva. A Identidade Interdependente ocorre

quando ambos os gémeos procuram apoio e suporte emocional um no outro. Os gémeos com uma Identidade Interdependente têm dificuldades em identificar diferenças entre si, e a sua relação é tão ou mais importante, que a relação estabelecida com pais. No que se refere à Identidade Partilhada, ocorre quando os gémeos se definem a si próprios como opostos. De modo consciente, ou inconscientemente, os pais atribuem a cada um dos gémeos um lugar, um estatuto, como sendo “o gémeo bom, o gémeo mau”, um gémeo é idealizado, e por consequência o outro desvalorizado. O resultado deste tipo de relação configura-se repleto de conflitos difíceis de serem solucionados. A Identidade Idealizada surge sempre que ambos os gémeos reconhecem a sua relação como a experiência mais significativa das suas vidas, sentindo-se especiais por terem nascido gémeos. Gémeos com uma Identidade Idealizada têm dificuldades em identificar problemas na relação. Por fim, a Identidade Competitiva, ocorre quando os gémeos, consciente ou inconscientemente, estabelecem padrões (metas) para cada um alcançar. Ambos estimulam-se mutuamente no desenvolvimento das suas aptidões. Os gémeos com uma Identidade Competitiva têm tendencialmente uma relação carinhosa e empática, “*they bring out the best of each other*”. Apesar de manterem uma relação de grande proximidade, têm um sentido claro da sua própria identidade.

A Identidade gemelar, do ponto de vista social, é também descrita tendo em conta três pressupostos que se conceptualizam de maneiras distintas: os gémeos como “um” vêem-se a si mesmos como uma unidade social na relação gemelar; um gémeo vê-se a si próprio e ao irmão gémeo como dois indivíduos separados; e/ou uma falsa separação em que um gémeo continua a experienciar uma identidade partilhada, em que a identidade gemelar é polarizada em características opostas (Macdonald, 2002).

Partindo talvez das limitações de estudos posteriores, o presente estudo procura, compreender como é que o sujeito se constitui como separado, e como único. Considera-se necessário, e à luz da perspectiva psicanalítica compreender, a relação entre sujeitos gémeos, tendo em conta o paradigma gemelar, e a qualidade da relação, como é que cada gémeo constrói a sua própria Identidade.

O OBJETIVO DO ESTUDO

Apesar de Freud (1900) ter reconhecido a importância da relação fraterna na construção do mundo interno do sujeito, os gêmeos têm sido negligenciados pela comunidade Psicanalítica. Como resultado, é atribuída pouca importância à presença do gêmeo. Diversas investigações procuraram compreender, a influência de factores genéticos e ambientais no desenvolvimento da personalidade dos gêmeos. Vários estudos consideram que na formação da identidade intervêm essencialmente dois factores que se interligam: o efeito do ambiente, que inclui tanto o ambiente familiar como social, e a relação entre ambos os gêmeos (Brustia e Rollé, 2013; Zazzo, 1984; 1986). O ambiente, e principalmente o ambiente familiar, influenciam o desenvolvimento da identidade. (Conlon, 2009).

Investigações psicanalíticas enfatizaram a importância da experiência gemelar na formação da identidade. Contudo pouca importância foi dada à experiência subjectiva e singular de cada um dos sujeitos pertencentes ao par de gêmeos. A identificação e a diferenciação são o meio através do qual a rivalidade gemelar é resolvida, o compromisso que permite que a identidade e as relações interpessoais sejam construídas. Os dois processos funcionam lado a lado na formação da identidade (Vivona, 2007).

Importa referir a escolha dos participantes, sendo que foram apenas considerados para o presente estudo gêmeos idênticos (monozigóticos). Recorreu-se a sujeitos adultos com idades compreendidas entre os 47 e os 60 anos, procurando que fosse abordada a sua história de vida desde a infância, até à idade adulta.

Tendo em conta que os participantes deste estudo são seres psicossociais que se constroem na relação e através dela, o presente estudo tem como principal objectivo compreender a experiência subjectiva da relação gemelar, bem como os processos de identificação e diferenciação que integram a formação da identidade, neste sentido, foi utilizado o método de Entrevista Narrativa em Associação Livre (Hollway e Jefferson, 2000). A metodologia utilizada procura compreender, através da narrativa pessoal de cada um e da forma como se pensam na relação, como é que estes sujeitos constroem a sua própria identidade. O sujeito define-se indiferenciado ou diferenciado na relação com o gêmeo?

Pretende-se, através do presente estudo, e da metodologia utilizada a compreensão do sujeito e da sua autenticidade. Compreender o sujeito que vive a

relação gemelar e o que para ele se constitui como experiência gemelar. Qual o significado atribuído à relação. De que modo, os processos de identificação e diferenciação contribuem para a formação identitária. Como é para um gêmeo crescer como gêmeo.

A PERTINÊNCIA DO MÉTODO UTILIZADO

Compreender quem é o sujeito e como este se constrói é um processo complexo. A linguagem, é o meio através é possível aceder ao mundo interno do outro, bem como à sua experiência pessoal. Não faria sentido, pensar o sujeito e a relação sem que este fosse implicado na sua própria construção. As narrativas pessoais de cada um constituem-se assim, como o meio através do qual a identidade é formada (Rosenwald e Ochberg, 1992 cit por Pietilä, Björklund e Bülow, 2013). Os sujeitos fazem reivindicações de quem são e gostariam de ser pela forma como se apresentam e se expressam. O sujeito que constrói uma narrativa pessoal sobre si é alguém que partilha com o outro (o que sente e conhece como seu), as suas acções, sentimentos e relações. Não é possível pensar quem somos, sem que por nós seja construída uma narrativa. A narrativa constitui-se como a primeira forma através da qual as nossas experiências adquirem um significado.

Segundo Hollway e Jefferson (2000), e de acordo com alguns autores, a narrativa assume um papel central na vida humana: sendo o meio através do qual a experiência é partilhada; a narrativa organiza a experiência humana, e atribui-lhe significado; o pensamento, a percepção, a imaginação e a tomada de decisões morais baseiam-se na estrutura da narrativa. Ao refletir sobre si, sobre as relações que estabeleceu, as experiências que viveu, o sujeito narra a sua própria história, quem ele é.

Partindo deste pressuposto, o presente estudo procura através da narrativa pessoal de cada um, compreender como é que este se constrói através da relação gemelar, mais precisamente, os processos de identificação e diferenciação na construção da identidade. Recorreu-se a uma metodologia de carácter qualitativo, mais especificamente ao estudo de caso, permitindo a preservação das características holísticas e significativas dos eventos da vida real contribuindo, desta forma para a compreensão dos fenómenos individuais, especificamente como é que um gémeo vive a sua relação, e qual o impacto da relação na construção da sua identidade individual (Yin, 2001). Para tal, foi elaborado um estudo de caso de quatro sujeitos pertencentes a dois pares de gémeos.

INSTRUMENTO - ENTREVISTA NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE (FANI)

A Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI) inscreve-se no paradigma psicanalítico, sob o princípio da associação livre. As associações que o sujeito constrói seguem caminhos orientados por motivações emocionais, sendo que a narrativa não é

estruturada de forma consciente, mas de acordo com uma lógica inconsciente. Os significados subjacentes às narrativas sugeridas pelos entrevistados são melhor compreendidos através de ligações baseadas em associações espontâneas, oferecendo informações mais profundas acerca dos significados emocionais sobre os quais, muitas das vezes, o sujeito não consegue aceder conscientemente. O método utilizado consiste assim, na análise do sujeito que pensa, cria e recria a realidade sob a qual se construiu, partilhando-a com o outro para que pense consigo. Ao narrar a sua história de vida, o sujeito constrói-se, reconstrói-se, pensa-se no passado e no presente, projetando-se no futuro (Hollway e Jefferson, 2000).

Segundo Bauer (1996, cit por Hollway e Jefferson, 2000, p. 31) as entrevistas estruturadas e semi-estruturas baseiam-se num modelo de pergunta-resposta onde o entrevistador detém o controlo de toda a informação que é produzida, sendo que o mesmo elege o tema e os tópicos a serem abordados, formulando perguntas na sua própria linguagem. Por ser permanentemente conduzido por um outro, o sujeito perde-se. A Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI), contrariamente às abordagens tradicionais, promove o desenvolvimento e a mudança. É através da forma como o sujeito narra as suas experiências, que a narrativa se constrói.

Hollway e Jefferson (2000) acrescentam que as narrativas criadas são sempre o resultado da relação estabelecida entre entrevistador e entrevistado, e que ambos estão sujeitos a projecções e introjecções originárias um do outro. As representações estabelecidas entre entrevistador-entrevistado não derivam simplesmente da relação estabelecida no real, mas do que é dito e agido, mediado por fantasias inconscientes provenientes das relações significativas que cada um estabeleceu ao longo da sua vida. Ogden (1994, cit por Hollway e Jefferson, 2000, p. 52) entende que, o sujeito deve ser compreendido como uma produção dinâmica da relação intersubjectiva, sendo que a natureza da dinâmica intersubjectiva é apreendida através do conceito do “Terceiro”: o movimento dialéctico da subjetividade e da intersubjetividade (Ogden 1994/1999: 462, cit por Hollway e Jefferson, 2010, p. 221) um encontro a dois, a nível psíquico. O terceiro é a criação, e simultaneamente o criador do Eu e do outro”. A intersubjetividade constrói-se num espaço de transição entre a criação subjectiva e a vida concreta (Gentile, 2007).

O autor analisa a ideia de o sujeito se “encontrar a si próprio, tornando-se alguém que não conheceu, mas, que no entanto, reconhece” pelo processo de “criar uma voz através da qual pode falar (pensar) as palavras (pensamentos) que o compõem”.

Assim, a dinâmica intersubjectiva criada entre ambos entrevistador-entrevistado (transferência e contra-transferência) deve ser tida em conta, o investigador deverá utilizar os dados provenientes da relação como dados de investigação, de forma a complementar a compreensão do material recolhido (Hollway e Jefferson, 2000).

Para facilitar a produção de significados, Hollway e Jefferson (2000), estabeleceram quatro princípios básicos de condução da Entrevista em Associação Livre: a formulação de questões abertas; estimular a construção de histórias, evitar questões “porquê”; e acompanhar e questionar a narrativa dos entrevistados.

PARTICIPANTES

Partindo da premissa de que cada sujeito se constrói através da relação, e que a relação gemelar representa uma das relações mais próximas entre dois sujeitos, a presente investigação, optou por escolher dois pares de gémeos monozigóticos (um do género masculino, e outro do género feminino), tendo em conta a sua similaridade física, o vínculo exclusivo e relação de objeto estabelecida entre ambos.

Luís e Filipe têm cerca de 40 anos de idade, e vivem no Porto, actualmente encontram-se a morar na mesma localidade. Ambos são casados, e com dois filhos cada um. Apesar de se terem formado na mesma área académica, optaram por diferentes carreiras profissionais. Carmo e Teresa têm cerca de 60 anos de idade, e para além de serem gémeas pertencem a uma fratria de 8 irmãos. Carmo vive no centro da cidade do Porto e Teresa nos arredores. Ambas têm um estabelecimento comercial próprio, Carmo tem um café, e Teresa um restaurante. Carmo é viúva e tem 2 filhos, Teresa é casada e tem dois filhos.

RECOLHA DE DADOS

Após terem concordado participar na presente investigação, os participantes foram contactados via telefónica, e as entrevistas foram agendadas e realizadas individualmente. Luís e Filipe foram entrevistados nas suas casas, Carmo e Teresa nos seus estabelecimentos comerciais. Os participantes foram devidamente informados sobre o tema de investigação, a sua finalidade e anonimato. Com a sua autorização as entrevistas foram gravadas e, posteriormente transcritas. As narrativas dos participantes Luís e Filipe, e Carmo e Teresa podem ser consultadas, respectivamente, nos Anexos (...,...)

PROCEDIMENTO E ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O sujeito é convidado a falar livre e espontaneamente sobre o tema central do estudo, sendo-lhe colocada uma pergunta de resposta aberta no início da entrevista: “*Como é para si ser gémeo?*”. Todas as perguntas feitas ao longo da entrevista devem, também elas ser de resposta aberta, o que conduz a que os temas sejam abordados de forma espontânea, dependendo das experiências do sujeito que conta a história. Assim, neste tipo de entrevista procura-se que a responsabilidade do entrevistado seja a de “*contar a sua história*”, enquanto o investigador deve ser capaz de ouvir e compreender significados latentes à experiência (Hollway e Jefferson, 2000). A narrativa é, por si só um processo transformador, ao contar a sua história, ao revive-la, o sujeito cria uma nova realidade, sendo esta partilhada e pensada num espaço transformado e transformador no encontro a dois.

Bion (1984, cit por Hollway e Jefferson, 2000) refere a contenção como premissa para a intersubjetividade inconsciente, onde as emoções são constantemente transmitidas e transformadas entre Eu-Outro, aquele que ouve experiência com empatia a recordação vivida por outro, sendo que, muitas das vezes, o outro pode conter essa dor, e devolve-la “desintoxicada”, transformada. A contenção de algumas memórias permite o seu reconhecimento, e quando os significados são emocionalmente entendidos emerge a mudança.

Antes de proceder à análise das narrativas de cada um dos sujeitos pertencentes aos pares de gémeos, todas as entrevistas foram devidamente transcritas. Neste sentido, a sua análise contemplou três momentos: num primeiro momento, a análise foi feita, num grupo de intervenção, constituído por diferentes pessoas, incluindo a entrevistadora e a orientadora. Após a transcrição das narrativas, estas foram lidas em voz alta, e cada membro do grupo partilhou ideias, pensamentos, e o que, através do discurso de outro, suscitou em si, tendo sempre subjacente uma linguagem inscrita no quadro teórico psicanalítico. O segundo momento de análise foi feito pela entrevistadora, individualmente, através de uma análise individual da narrativa cada um dos sujeitos, procurando compreender a dinâmica intersubjectiva da relação gemelar, bem como o seu impacto na configuração identitária de cada um dos gémeos. Por fim, e após a análise das narrativas, foram encontrados os grandes temas comuns às narrativas de cada par de gémeos, no entanto, e apesar de comuns, estes apresentam expressões diferentes, em cada um dos sujeitos pertencentes ao par de gémeos. Foram também

destacados, em cada uma das entrevistas, os processos de identificação e diferenciação inerentes à formação da identidade.

Neste sentido, da narrativa de Luís e Filipe destacam-se como grandes temas: A luta pela Eu; a partilha do nome e a construção da identidade; e o Terceiro na mudança da relação. Das narrativas de Carmo e Teresa destacam-se como grandes temas: do vínculo estabelecido à complementaridade – Uma identidade partilhada; e o lugar ocupado na construção da identidade.

RESULTADOS

*It is twin's fate to have to deal with a double identity.
Sometimes it is hard. Sometimes it is bittersweet.
And sometimes it is a lot of fun.*

Barbara Klein

A análise das narrativas consistiu, primeiramente, na análise individual das associações de cada um dos sujeitos. Em seguida, considerou-se a análise conjunta das narrativas de ambos os gémeos (Filipe – Luís e Carmo – Teresa), bem como os elementos que cada um identifica como comuns e diferenciadores na construção da sua identidade. As transcrições em discurso directo das narrativas encontram-se em anexo (...).

Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Filipe Luís

“Os gémeos estão sempre a olhar para o lado, ou à procura de apoio, ou a ter que dar apoio, seja o que for, por isso é assim que eu vejo a minha relação, ou esta condição de ser gémeo.”

Filipe

O Filipe inicia a sua narrativa dizendo: – “ (...) o ser gémeo é algo que em primeiro lugar é muito natural, (...) ”, para ele, é uma condição com a qual sempre viveu que, sempre reconheceu como sua, não sendo possível pensar-se excluindo-a, – “ (...) eu como nós não tivemos mais irmãos, por isso não sei a relação com outro irmão, por isso para mim sempre foi muito natural, nascer gémeo (...), para ele esta condição, foi partilhada a dois, e o facto de não ter mais irmãos impedi-o de se pensar numa outra relação que não a sua. O lapso que comete “eu como nós” é também simbólico da

dificuldade em pensar-se totalmente separado. Acrescenta ainda que – *“embora a determinada altura da minha idade, eu tivesse preferido não ser gémeo, (...)”* referindo-se a uma certa ambivalência na relação, prossegue dizendo – *“começamos quando fomos estudar, quando começamos a trabalhar, quando começamos a namorar, todas as fases da vida, sempre achei que havia ali quase um problema de identidade, ou um pouco porque, o ser gémeo tem coisas muito próprias (...)”*, aqui, Filipe destaca vários períodos, para si significativos, em que se experienciou indiferenciado, justificando – *“(...) até uma determinada altura vivíamos 24 horas por dia juntos, (...)por isso, chegou a uma altura, uma fase, em que eu às vezes me perguntava, como é que é ser gémeo?, é bom, é mau? (...)”*, ao analisar a sua condição, de gémeo, identifica-se à relação entre irmãos de idades diferentes – *“(...) teria sido diferente, (...) passar eu primeiro pelas coisas, e não passar em conjunto, porque aquilo era a aprendizagem, era para os dois (...)”*, Filipe evoca a fantasia de um irmão, irmão este diferente de si, com que pudesse partilhar as suas experiências, mas separado de si. Filipe vai falado da sua condição enquanto gémeo, referindo uma preocupação constante com o que o outro sente, tema este, que irá retomar mais à frente. Persegue dizendo – *“(...) há uma fase, em que muda radicalmente, porque nós vivemos como gémeos, verdadeiros gémeos, até à altura em que casamos, porque até lá... só depois de casarmos é que começamos a discutir uma relação como irmão, (...)”*, a dificuldade de pensar a relação associa-se à falta de diferenciação entre ambos. A relação é discutida não como uma relação entre irmãos, mas como algo mais, sendo que, só é passível de ser elaborada com a entrada do terceiro, proporcionando a individuação, – *“(...) só depois quando começou a haver aqueles namoros mais sérios, é que começamos cada um a seguir, a ter as suas vivências mais próprias, e depois quando nos casámos, é que eu me apercebi, o que é que era se calhar viver com um irmão de idades diferentes, porque tínhamos a nossa vida, já vivíamos em sítios diferentes, começamos a trabalhar em empresas diferentes (...)*, é possível pensar que, talvez a distância física possibilitou também a separação psíquica, – *“(...) começamos a ter, a ver a vida como se calhar, de uma maneira diferente”*. O novo objeto de amor escolhido promove a mudança na relação, e Filipe justifica-o pelo facto de já não estarem juntos. A união simbiótica entre ambos impede a sua individuação, sendo que, para Filipe só se torna possível pensar-se separado através de um distanciamento físico, e conseqüentemente psíquico após a entrada do terceiro.

Filipe evoca, através de vários processos diferenciação e identificação, um movimento ambivalente em que simultaneamente se distancia e aproxima ao irmão – “ (...) *eu e o meu irmão somos pessoas completamente diferentes, mas radicalmente diferentes, a forma como vemos o mundo, a forma como encaramos os problemas, como vemos as coisas, os gostos musicais, os gostos alimentares, a forma de vestir nem tanto mas, somos, somos, somos considerados totalmente diferentes, até a forma como, sei lá, como vivemos, como um é mais reservado, o outro é mais expansivo, o outro é mais, pronto mais isso faz parte, os gémeos, quando se pensa que quando nascem são exatamente iguais dentro e fora, por dentro e por fora e não é verdade, eu e o meu irmão..., claro que temos as mesmas..., nós tivemos a mesma educação, por isso temos a mesma forma de ver alguns problemas e como é que, os mesmos valores, mas depois os gostos pessoais somos bastante diferentes, somos bastante diferentes.*”, Filipe destaca assim, o que para si se constitui como elementos que o diferenciam de Luís, como o comportamento, a personalidade e os gostos, contudo retoma novamente identificando-se através do que lhes foi transmitido pelos pais, como a educação, e os valores.

Sinto a necessidade de o questionar acerca da relação, procurando compreender, e partido do que foi dito anteriormente, se sempre foram claras para si, as diferenças entre ele e o irmão, Filipe responde, recorrendo a uma associação entre um pensamento mais imaturo, e não diferenciado, da sua infância – “ (...) *Não sei, quando somos mais novos, acho que na altura não estamos preparados para perceber isso (...)*”, em contraste, com o presente, em que é passível pensar-se diferenciado e diferente do irmão, – “ (...) *mas visto agora de fora já éramos diferentes na altura, já éramos, como interagíamos, como..., sim acho que éramos diferentes, começou-se a notar mais numa fase mais adulta, (...)*” Filipe distancia-se, e coloca-se na posição de espectador, ao analisar a sua condição, retoma novamente – “ (...) *quando éramos miúdos, em miúdos até vestidos de iguais andávamos, (risos), até uma certa idade, por isso aquela identidade, ou a falta da mesma notava-se, por isso é que parecíamos dois em um não é?, “o dois em um”, depois na escola éramos os gémeos, quem é o original e a fotocópia, por isso aquilo..., não de uma forma intuitiva ou que se perceba, mas tá sempre lá qualquer coisa que somos quase o mesmo, e aquilo está ali sempre atrás(...)*”, ao descrever-se a si e ao irmão em crianças, refere-se a uma relação de cariz fusional, e talvez por isso “o dois em um”, a indiferenciação entre ambos não permitia

que se pensassem separados, como se um fosse a parte do outro, e vice-versa, como se não fosse realmente possível, naquela idade, representarem-se por inteiro.

Em seguida, Filipe explica, – “ (...) *quando chegamos, chegamos dois, quando vamos a qualquer coisa, quando convidas um convidas o outro, eu nunca tive uma pessoa, só no tempo agora já de faculdade é que tinha amigos que não eram meus amigos e eram do meu irmão, mas até ai, os meus amigos eram os mesmos que os do meu irmão (...)*” o modo como os outros se relacionam com eles provoca também a confusão, e promove a indiferenciação entre ele e o irmão, – “ (...) *às vezes esqueço-me eramos sempre dois(...),* contudo, no presente diz – “ (...) *eu agora que já casei à quase 20 anos, por isso à 20 e tal anos que estamos separados realmente, no espaço físico, mas agora quando penso, realmente, andávamos sempre juntos, sempre juntos(...),* Filipe tenta definir o momento de mudança na relação com o irmão, destacando novamente o espaço, como se a separação psíquica entre ambos só pudesse ser feita através de uma real separação no espaço. Depois de mencionar o que considera ter sido o momento da real separação entre ambos prossegue, – “ *E depois existe uma grande cumplicidade, porque eu basta olhar para ele e saber o que é que lhe vai na cabeça, se aquilo lhe está a agradar ou não está a agradar de todo (...),* apesar de separado parcialmente, parece existir um movimento em que ambos se comunicam de forma inconsciente, quase telepaticamente.

Mais à frente narra um episódio, e retoma novamente à infância, – “ (...) *e depois preocupávamos-mos, ou deixávamos-mos tranquilos, mas havia sempre aquele cuidado, e deixava-nos sempre muito mais, que era... e quem não tem um irmão tão próximo não tento essa preocupação, vai viver a sua vida sozinho naquele momento, e os gémeos já acho que não é assim, estão sempre a olhar para o lado, ou à procura de apoio, ou a ter que dar apoio, seja o que for, por isso é assim que eu vejo a minha relação, ou esta condição de ser gémeo.*” Neste momento, Filipe descreve a sua relação com Luís como uma relação de apoio, anaclítica, em que ambos servem de apoio e dão apoio, um duplo movimento de dependência, que funciona como defesa.

Decidi retomar novamente ao pepel dos outros, e questionei Filipe acerca das semelhanças físicas entre ele e o irmão, Filipe recorre-se novamente da infância e agora da família – “ (...) *Eu lembro-me que íamos a casa dos meus avós, (...) e o meu avô chamava Filipe mas não estava a chamar o Filipe, há outra coisa o meu irmão é Luís Filipe e eu sou Filipe Luís, por isso, ainda por cima trocamos ai os nomes, por isso na família toda, ninguém sabia quem era o Filipe e quem era o Luís (...),* acrescenta ainda,

– “ (...) até certa altura não me fazia espécie, queria lá saber, mas depois, lá está é aquela identidade que nós, não tínhamos uma identidade única era a identidade do par, (...)”, o nome tem um papel fundamental na construção da identidade, e neste sentido, o nome atribuído, em espelho a cada um dos gémeos, reflete a sua complementaridade e indiferenciação imposta pela família e depois pelos outros. O nome representa o sujeito, e neste caso, ambos tornam-se parte do outro, quando Filipe se refere à Identidade é possível pensar que procura também a sua autenticidade, e unicidade.

No fim da entrevista faz um último apontamento, – “São 46 anos de condição de gémeo, feliz, (...) uma relação muito próxima, claro que o próximo, depois cada um seguiu a sua vida é saudável, (...), acho que houve aquele momento de, que custou, e que não foi fácil, não..., (...) por isso é que há um momento em que cada um segue o seu caminho, cada um seguiu o seu (...).” Filipe refere uma separação difícil de superar, mas necessária para que mais tarde não sofressem.

Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Luís Filipe

“ (...) o nome é todo igual, do principio ao fim, só há a troca ao início, eles nem se davam ao esforço de se aperceber que eram duas pessoas que havia, (...)”

Luís

Após o convite que deu início à narrativa, “Como é para si ser gémeo?” Luís, clarifica – “ Para mim não foi..., pra mim foi um crescer com um irmão da mesma idade... que se tornou para além de irmão, o meu melhor amigo, (...) ”, contudo, apoia-se no contraste entre aspetos positivos e negativos para explicar a sua condição, – “ (...) como andámos sempre juntos podíamos, percebíamos sempre, tínhamos as mesmas relações de amizade, estivemos no mesmo ciclo, andamos sempre na mesma escola, e portanto, mesmo que não quiséssemos partilhar, partilhávamos assim sem eu saber, e portanto... também os gostos eram muito semelhantes, as pessoas, o ciclo de amigos e, e pronto, portanto ai foi bom (...) ”, Luís destaca alguns componentes envolvidos na relação, como a igualdade, a partilha e o apoio, no entanto, – “Houve um processo menos bom, (...) perde-se um bocadinho da identidade, em que ou é o gémeo, ou a fotocópia, e como o meu irmão e eu temos nomes trocados, tínhamos momentos em que se chamava por um, e os dois tinham que olhar, e depois as próprias pessoas não distinguem um do outro, (...) nós parece que não, mas eramos um só, e não eram duas pessoas (...) ”, revela, a perda da identidade, referindo-se às semelhanças físicas, bem

como ao próprio nome em espelho de ambos. É possível pensar, que Luís, por identificação aos outros, confunde-se com o próprio irmão. A representação que tem de si é influenciada pelo modo como os outros os vêem. A ambivalência na relação é expressa, e revelada, e Luís continua, – “ (...) *a parte boa é que tínhamos a mesma idade, podíamos partilhar, (...)* ”.

Luís aponta, o que para si foi o momento de separação, – “ (...) *só nos separamos mesmo fisicamente quando fomos para o mercado de trabalho, isso foi sempre bom, (...)* ”. Para além da separação física, a entrada do terceiro quebra com o vínculo estabelecido entre ambos, aqui, o terceiro elemento é representado pelo trabalho, prossegue, afirmando – “ (...) *nós perdermos um bocadinho o nosso eu, porque as pessoas, quando as pessoas nos conhecem, quando as pessoas nos conhecem há muitos anos ainda nos confundem, (...)*”, o olhar do outro representa para Luís algo significativo, e ao longo de toda a sua narrativa, o outro conquista um papel central no modo como se pensa e se experiêcia.

Luís sublinha as semelhanças entre ambos, e identifica-se ao irmão não apenas fisicamente, mas nas relações que estabelecem em comum, na educação e na formação inculcada pelos pais, aqui, a igualdade promove a indiferenciação e por consequência o sentimento de perda do eu, como refere Luís. – “ (...) *Também os próprios amigos tanto confiam num como confiam no outro, e quando confundem, confundem e não se preocupam em confundir, nunca têm depois o cuidado de depois não confundir mais, e é esse parte menos boa.*”, Destaca-se novamente o lugar ocupado pelo outro, e a sua influência em Luís, o modo como se representa é alterado pelo modo como os outros o representam. Parece que o outro, exterior à relação, ocupa um lugar central na sua configuração identitária.

Neste momento decido intervir, questiono-me se também ele se confunde com o irmão, e pergunto-lhe se os outros os distinguem, Luís responde, – “*Quem tem o cuidado de estar atento, as pessoas que convivem mais diariamente conosco, (...), mas as pessoas quando nos vêem juntos, têm algum cuidado, as pessoas conhecem, mas a confusão existe sempre, só não existe para os meus pais, e felizmente para as mulheres (...)* ”, Luís introduz os pais e as mulheres de ambos como elementos que promovem a diferenciação entre ambos, os únicos que não os confundem. Luís diferencia aqueles que os confundem, e os que não os confundem. Prossegue afirmando, – “ (...) *mas continua a existir, continua a existir, os amigos mais próximos esses não confundem, porque há traços já agora, sei lá, maneira de estar, maneira de vestir, não confundem,*

há muitos que continuam a confundir nos dias de hoje, e nem fazem grande esforço “há é contigo, não foi com o teu irmão que tive”, Luís comenta que a confusão continua a existir, mas que os amigos mais próximos os distinguem através de elementos que considera que o diferenciam do irmão, como os traços, a maneira de estar e de vestir. As afirmações que faz, e vai fazendo ao longo da narrativa, não têm força suficiente para se sustentarem, e por isso, Luís afirma várias vezes um ponto de vista, e nega-o em seguida. Depois de evidenciar, que a maior parte das pessoas os confundem à exceção dos pais e das mulheres, Luís faz uma distinção entre aqueles que os conhecem e os confundem, e aqueles que não sabem que são gémeos, –“A outra parte são as pessoas que não sabem que nós somos gémeos, e pronto, vêem ter comigo e, a pensar que eu sou o meu irmão, e ao contrário, (...) mas às vezes é um bocadinho... será que se cumprimenta ao longe (...), se for ao longe tudo bem, se for próximo tenho o cuidado de esclarecer (...), o meu irmão já não tem esse cuidado (...) ”. Luís diferencia-se do irmão, pelas atitudes que ambos tomam perante os outros, – “ (...) Ele é diferente nisso.”. No seguimento da narrativa, Luís reflete sobre a sua condição e retracta alguns acontecimentos que o marcaram durante a vida, –“ (...) andamos sempre na mesma escola, sempre desde a primária, sempre juntos, sempre juntos, depois quando mudamos no nosso 7º ano (...) os nossos pais decidiram, e bem, e bem, fazer uma separação, (...) porque mais tarde vai ser difícil, pode ser difícil para vocês deixarem de ser tão unidos”, destaca que, os pais promoveram a sua separação do irmão, colocando-os em turmas diferentes. Separaram-nos, segundo Luís, para que depois não sentissem a dor da separação, e para que cada um seguisse o seu caminho, – “ (...) continuam unidos mas cada um segue o seu caminho, podem ter opções diferentes, académicas e tudo, só que por acaso resultou mal, (...) chumbamos os dois (...), e os meus pais associaram logo por nos terem separado, e sentiram-se ali um bocado culpados e decidiram vamos junta-los outra vez (...) ”, Luís repara, desta forma, a relação com os pais, sublinhando que se sentiram culpados por os terem separado, e acrescenta, –“E depois todo o processo foi até ao 12º ano juntos, concorremos ao ensino superior, optamos sempre por universidades ou faculdades diferentes, ele concorria a uma um concorria a outra (...), assim, a rivalidade é anulada, e a individuação emerge das diferentes escolhas que cada um toma, prossegue – “ (...) ficamos juntos na mesma faculdade, no mesmo curso, na mesma turma, depois (...) resolvemos ir para a IP, tirar uma pós graduação, (...) entramos os dois. Luís conclui, –“ (...) a primeira experiência profissional (...) eramos concorrentes um do outro

(...),um deixa o outro, mas depois ai não cada um pelas zonas geográficas que ficavam cada uma das empresas ai não, mas a partir dai não.”, A distância física promove a mudança e a individuação, sendo que, o trabalho ocupa o lugar de terceiro, potenciando a mudança na relação. Luís introduz as namoradas, também como o terceiro, – “ *Depois com o vir das namoradas, (...) o ciclo manteve-se sempre igual, e as namoradas vinham desse ciclo de amizades (...), mas vinham sempre em conjunto (...),* para se referir em seguida ao casamento, – “*Depois desta relação, há o casamento, casamos no mesmo dia porque a minha mãe pediu-nos se pudesse ser porque para ela era simbolicamente importante saber que saíamos os dois de casa ao mesmo tempo, portanto na altura foi uma despedida em conjunto, e uma união comemorada em conjunto (...),* ” para Luís, a mãe proporcionou novamente a união entre ele e o irmão, pedindo para que casassem no mesmo dia. É possível pensar, que separação entre Luís e Filipe só é viável em conjunto, ao experienciarem a simultânea união com outros, e a separação entre si, estão psiquicamente a separasse um do outro. Luís acrescenta ainda relativamente à família, – “ *(...) os pais têm o gosto de fazer as almoçadas aos fins-de-semana e tamos muitas vezes juntos e continuamos com uma relação próxima, e muito próxima (...)* continuamos a juntar, a família tem o cuidado, também é um ponto importante, a noção de família, continuar a manter, e a família para nós é importante, continuarmos a estar juntos, os filhos de um e de outro estão muitas vezes juntos, privilegiamos isso (...), ” Luís identifica-se à família, e enquanto pai, procura também transmitir a importância do lugar ocupado pela família

Proponho regressarmos ao tema da identidade, e Luís justifica contrastando novamente, – “ *(...) os amigos, aqueles que se dão mesmo connosco conseguem, esses distinguem, agora há pessoas que (...) ou porque não conseguem distinguir, ou porque não fazem esforço (...)* ”. Na sequência do tema da identidade, e de como os outros os vêem Luís revela, – “ *Para mim já não faz qualquer impressão, mas no inicio quando uma pessoa quer crescer e quer o «eu» (...), e somos miúdos e depois a adolescência e tudo, (...) em que queremos nos afirmar uma pessoa única (...) ter amigos a dizer “Filipe, Luís?, (...) isso é complicado porque, até parece, que o amigo é amigo de um só, de uma única pessoa, mas quando são duas não é?”*, Luís procura a minha confirmação de que ambos são realmente diferentes, como se por identificação precisasse que o outro os diferenciasses, para que também ele se diferencie do irmão. Quase a terminar, Luís confia-me, – “ *(...) acho que o principal problema é sermos muito parecidos, se não fossemos parecidos. (...) Cada um tem (...) a sua*

personalidade própria é diferente, (...) personalidades diferentes, portanto, fisicamente, se fossemos mais diferentes, portanto tudo combinava, ok ninguém confundia, este sou eu e tenho esta personalidade (...), o facto de serem fisicamente parecidos confunde os outros, e por consequência confundi-o a si. Para Luís não existe uma consonância entre a sua personalidade, que refere ser diferente do irmão, e a sua aparência física, o que os torna parecidos. No final da entrevista, e respondendo à minha pergunta “gosta de ser gémeo?” Luís acrescenta, – “ Gosto, gosto de ser gémeo, (...) gosto de ter um irmão da mesma idade, e que sempre me acompanhou, (...) a cumplicidade sempre existiu desde o início, o ter nascido gémeo permitiu que andássemos sempre próximos, (...) nunca nos quisemos separar. Continuamos com a mesma relação, boa e de..., pronto é bom ser gémeo nesse aspeto.”

Análise dos grandes temas dos gémeos Filipe e Luís

Da leitura das entrevistas de Filipe e Luís salientam-se três grandes temas, que apesar de comuns, têm expressões diferentes em cada um dos sujeitos. Os temas foram compreendidos em torno da construção identitária, tendo em conta como os processos de identificação e diferenciação, que cada um destaca. As narrativas desenrolam-se em torno dos temas: Luta pelo Eu; A partilha de nome; o Terceiro e a mudança na relação.

Luta pelo Eu

Filipe e Luís analisaram a sua condição enquanto gémeos, e evocam ambos, o tema da identidade, ou a perda da mesma. Filipe salienta, – “ (...) sempre achei que havia ali quase um problema de identidade (...), por sua vez, Luís, – “ (...) perde-se um bocadinho da identidade, em que ou é o gémeo, ou a fotocópia (...), ambos revelam, dificuldades em se definirem. O tema da identidade volta a surgir no discurso de Filipe, porém aqui, coloca-se na posição de espectador, – “ (...) quando eramos miúdos, (...) até vestidos de iguais andávamos, (...) por isso aquela identidade, ou a falta da mesma notava-se, por isso é que parecíamos “o dois em um”, depois na escola eramos os gémeos, quem é o original e a fotocópia, por isso aquilo..., não de uma forma intuitiva ou que se perceba, mas tá sempre lá qualquer coisa que somos quase o mesmo, e aquilo está ali sempre atrás (...) ”, até determinada idade Filipe descreve-se unido ao irmão, o “dois em um” por não ser realmente possível, naquela idade, representar-se totalmente. Filipe destaca também o papel dos outros, como a família e a escola, promotores da confusão e da falta de identidade. Luís acrescenta ainda relativamente aos outros, – “

(...) nós perdermos um bocadinho o nosso eu, (...) quando as pessoas nos conhecem há muitos anos ainda nos confundem (...)”, contudo, para ele o outro adquire a função de espelho, por identificação, a confusão externa provoca a confusão interna. Luís procura diferenciar-se através olhar do outro, mas é confundido por ele. De forma a garantirem a separação e a sua identidade, o seu Eu, Filipe e Luís destacam vários atributos, físicos e psicológicos que os diferenciam, Filipe salienta, – “ *(...) eu e o meu irmão somos pessoas completamente diferentes, (...) a forma como vemos o mundo, (...) como encaramos os problemas, (...) vemos as coisas, os gostos musicais, os gostos alimentares, (...) um é mais reservado, o outro é mais expansivo (...)* ” Luís revela, – “ *(...) acho que o principal problema é sermos muito parecidos, se não fossemos parecidos. (...) Cada um tem (...) a sua personalidade própria é diferente, (...) portanto, fisicamente, se fossemos mais diferentes, (...) tudo combinava, ok ninguém confundia, (...)*”, para Luís não existe uma consonância entre a sua personalidade, diferente do irmão, e a sua aparência física, parecida ao irmão.

A partilha do nome e a Construção da Identidade

Filipe esclarece acerca da particularidade dos nomes, – “ *(...) o meu irmão é Luís Filipe e eu sou Filipe Luís, (...) trocamos ai os nomes, (...) na família toda, ninguém sabia quem era o Filipe e quem era o Luís (...), nós, não tínhamos uma identidade única era a identidade do par (...)* ”, Luís refere também, – “ *(...) como o meu irmão e eu temos nomes trocados, tínhamos momentos em que se chamava por um, e os dois tinham que olhar, (...) as próprias pessoas não distinguiam um do outro, (...) nós parece que não, mas eramos um só, e não eram duas pessoas (...)* ”. O nome representa o sujeito, e permite que este se reconheça, que saiba quem é quando evocam o seu nome. Neste caso, é possível pensar que o nome em espelho atribuído a Filipe e Luís contém o significado latente de permanente união. Parece que a complementaridade do nome transporta consigo a confusão, a dependência e a falta de autenticidade. É possível pensar na não existência de um sem o outro, porque cada um contém parte do outro.

O Terceiro e a mudança da relação

O terceiro representa, simbolicamente a mudança na relação entre os gémeos, nas palavras de Filipe, – “ *(...) há uma fase, em que muda radicalmente, só depois de casarmos é que começámos a discutir uma relação como irmão (...)* ”, a nova relação promove a separação, e concomitantemente a individuação. Depois de se casar, como

refere, começou a discutir uma relação em que se pensa diferenciado do irmão. Para Luís, o elemento separador é representado pelo trabalho, – “ (...) *só nos separamos mesmo fisicamente quando fomos para o mercado de trabalho (...)* ” Aqui, é o terceiro elemento promove a separação e a individuação.

Em suma, Filipe e Luís procuram a sua individualidade, o seu Eu único, através de diversos mecanismos de diferenciação encontram finalmente um lugar único em que cada uma pode existir separado do outro, sem se confundirem entre si. Para Filipe e Luís a distância física promove a separação psíquica, e o terceiro a mudança na relação.

Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Carmo

“Eu sinto a Teresa como um bocado de mim, a outra parte de mim”.

Carmo

Carmo inicia a sua narrativa comentando, – “*Sei lá, eu não sei o que é não ser gémea, a minha experiência sempre foi ser gémea, e para mim era uma coisa muito boa, boa mesmo, porque eu sabia que eu estava sempre protegida, ou seja era eu e era a minha irmã (...)* ”, Apesar de ter crescido numa fratria de 8 irmãos, é lhe difícil pensar-se fora desta relação. Carmo evoca assim, uma relação de suporte – “ (...) *era eu e era a minha irmã (...)* ”, como se fossem “*as duas contra o mundo*”. Em seguida, narra uma recordação de infância, – “ (...) *lembra-me quando fomos para a escola, (...) chegamos lá e eu passado uma semana mais ou menos cai, cai e aleijei-me não fui à escola dois ou três dias, e tive muitas saudades, (...) eu tive muitas saudades (...)* ” Carmo recorda-se do quão difícil foi para si estar longe da irmã, – “ (...) *continuávamos sempre quando uma fazia a outra também fazia, fazíamos asneiras e uma encobria a outra sempre, (...)* ” retoma aqui novamente à relação de suporte, de apoio, sendo a rivalidade anulada pela igualdade.

Ao longo da narrativa, Carmo vai destapando o véu da relação, e o seu significado. Em vários momentos, recorda as vivências partilhadas com a irmã Teresa, dos quais narra dois episódios, como os mais significativos. Mais à frente na entrevista introduz os namorados, – “ (...) *depois começou a época dos namoricos, (...) começamos a ficar adolescentes, começamos a andar com os namoricos e depois eu namorava com um rapaz, mas a minha irmã gostava do meu e eu do dela, nós trocamos, (risos) trocamos, e eu fiquei a andar com o dela e ela com o meu, (...)*” por coincidência chamavam-se os dois, *Joaquim*”. Parece existir um círculo de indistinção

entre Carmo e Teresa, onde ambas se representam mutuamente, trocam de namorados como se uma pudesse ser a outra, e vice-versa.

Carmo retoma novamente à infância, destacando o primeiro momento de ruptura com a irmã, – “ (...) *a minha irmã veio servir, veio para o Porto e eu fiquei na aldeia, foi horrível para mim, eu tive muitas saudades da minha irmã, mas muitas saudades mesmo, era aquela saudade da inocência (...)* ”, é possível pensar numa angústia separação vivida pela ausência de Teresa. Carmo acrescenta, – “ (...) *prontos depois, mais tarde eu vim também, quando eu vim também já ficamos as duas cá, (...) nós tínhamos que falar todos os dias (...)* ” se a minha irmã tivesse um problema qualquer eu ficava triste, eu sei que ela ficava por mim (...), da indiferenciação entre ambas emerge uma dor comum, vivida por ambas, – “ (...) *as dores de uma são as dores da outra (...)* ”. Carmo recorda vários episódios partilhados com irmã e destaca, – “ (...) *nós trabalhamos as duas numa casa, foi engraçado..., na mesma casa, e então há conclusão dos feitios, a minha irmã era: o que é, é e o que não é não é, (...) eles eram do CDS, (...) e então eu achei porque é que eu vou dizer que sou PSD, nada, sou CDS, a minha irmã chegou e disse, não eu sou PSD e era PSD (...)* ”, Carmo diferencia-se da irmã, contrastando, o que chama de “*feitios*”, introduz também o pai, pela primeira vez, para se referir ao lugar que cada uma ocupa na família, – “*Com o meu pai era igual, quando nós queríamos ir a qualquer lado, o meu pai dizia não!, e a Teresa era logo “mas não porquê?”*, Eu acomodava-me, sempre me acomodei (...), A representação que Carmo tem acerca de si contrasta novamente com a representação da irmã, ela a submissa, e a irmã a conflituosa. Retoma novamente às suas memórias, desta vez para falar de seu casamento, – “ *Recorda-me, (...) quando andava para casar, eu casei primeiro que a minha irmã, (...) eu andava tão feliz, que eu não me apercebi que a minha irmã estava a sofrer com isso, feliz mas a sofrer, porque na noite antes do meu casamento a minha irmã chorou toda a noite, e eu queria era dormir, estava toda feliz, e eu mais tarde pensei realmente eu se calhar não fui justa, porque eu casei primeiro e ganhei uma companhia e a minha irmã ainda não tinha (...)* ”, Carmo recorda um momento feliz, porém, evoca um sentimento de culpa que poderá estar associado ao conflito de separação-individação e à sua saída de casa. Carmo procura a autonomia, mas encontra-se ainda dependente da irmã.

Neste momento, Carmo confia-me os dois episódios que marcaram a sua vida, – “*Há duas coisas que me marcaram muito, muito, muito muito, foi (...) quando a minha irmã entrou em trabalho de parto, o primeiro filho dela, porque eu sabia, eu*

tinha sofrido tanto, tanto, quando foi o meu filho, (...) eu imaginava que a minha irmã ia sofrer também, eu sofri muito com isso. Carmo sofre, por pensar que a irmã vai sofrer como ela sofreu, como se fosse o perpetuar de uma situação, igualando-as, – “E pior que depois correu muito mal o parto e a menina morreu-lhe (...), Carmo explica, – “ (...) eu estava em casa e devia ser pra i meio-dia, eu comecei-me a sentir tão triste, tão triste, e disse ao meu marido “vamos embora” (...) vamos para a maternidade que a Teresa não está bem... (...) e a minha irmã ta na janela, e eu com aquilo na cabeça, (...) a menina tinha-lhe acabado de morrer, e eu pergunto, e foi ao meio dia, como é que eu explico isso? (...)”, parece que ambas, Carmo e Teresa, se comunicam entre si, telepaticamente, como se existisse uma psique comum às duas, e acrescenta, – “ (...) nunca contei a ninguém, a ninguém (chora), (...), um dia uma senhora chegou à minha beira e perguntou-me: por quem é que eu chorava tanto, quem é que tinha no cemitério, e eu como tive receio, e como não queria que ela me chamasse de tola (...), e eu disse que era a minha filha, não consegui dizer que era minha sobrinha, eu disse a minha filha”, Carmo emociona-se ao recordar este infortúnio como se fosse uma perda sua, no entanto, estas emoções são ego-distónicas, Carmo sente esta perda como sua, mas sabe que na realidade não o é. O que sente diverge da sua própria consciência. Parece assomar a culpa, como se roubasse a dor à irmã. Encontro aqui também eu, um momento para clarificar o que Carmo me confidenciou, e questiono-a “sentia a como se fosse sua?”, responde, ainda emocionada, – “ E era, mas eu também não queria que as pessoas dissessem que eu era maluquinha, porque a chorar tanto, era como se fosse minha filha (...) eu tomei conta como se ela fosse minha, como se fosse realmente minha, porque a minha irmã não devia de ir ao cemitério porque estava grávida, e eu durante esse ano assumi como se aquela fosse a minha campa, e para mim, eu afeiçoei-me tanto que era como se fosse minha filha (chora)”. Ao substituir a irmã na morte da filha é revelada a complementaridade da dinâmica entre ambas, Carmo representa a irmã junto da filha morta, fazendo o luto por ela. Assume o seu lugar, apropria-se dele, e torna-se a mãe que perdeu a filha.

Em seguida, Carmo faz uma alusão aos vários momentos que a marcaram a si e à irmã, e acrescenta, – “ (...) andávamos grávidas as duas ao mesmo tempo, a minha irmã abortou e foi horrível, eu pensava que a minha irmã vinha ter comigo e que ela não tinha filho para mim foi horrível, (...) porque eu era assim, e se fosse meu?, e era diferente. (...) Lembra-me que ela me trouxe coisas para a minha filha e eu ficava triste por ela, não era por mim era por ela porque eu estava feliz (...)”, ao analisar a situação,

Carmo distancia-se, e diferencia-se da irmã. O vínculo estabelecido entre Carmo e Teresa promove uma amálgama de emoções, e Carmo retoma, – “ (...) eu tinha..., eu não podia sabendo que a minha irmã estava a sofrer. Depois a minha irmã teve cancro da mama, eu fui a última pessoa a saber, (...) eu já tive muito sofrimento, muito, a vida tem sido muito madrasta comigo, mas aquilo pra mim há uns anos ter cancro era morrer (chora) e para mim foi horrível, horrível (...) ”, Carmo identifica-se à irmã através do sofrimento que ambas partilharam. Mais à frente destaca, – “ (...) até que eu dou por mim, quando eu tenho coragem para ligar à minha irmã qual não foi o espanto quando era a minha irmã a reconfortar-me a mim, eu sentia-me bem a ligar à minha irmã para ver a força que ela tinha (...) ”, desta vez, Carmo evidencia uma relação de suporte em que a irmã, apesar de doente, é objeto de apoio, por identificação, se Teresa é capaz, também Carmo. Para si, Teresa é representada como objeto anaclítico. Carmo continua, – “ E sei, que quando o meu marido faleceu, que a minha irmã estando ausente, porque era a que estava mais longe, estava sempre muito presente (...) ”. Carmo descreve uma relação em que cada uma se parece responsabilizar por aquilo que a outra sente. A indiferenciação anula a distância física entre as duas.

Carmo descreve uma irmã «contigente», – “ (...) e sei que a minha irmã, que ela foi uma mais-valia em tudo, em tudo, pronto o meu marido faleceu, e eu acho que ela sofreu muito comigo (chora), sofreu muito com a morte do meu marido, talvez por mim, ou pelos meus filhos, nós andávamos sempre juntos, sempre... não sei acho que ela... eu senti que a minha irmã sofria junto comigo... E acho que ser gémeo..., eu não sei ser de outra maneira.” Para Carmo, a condição de ser gémea é “sofrer junto consigo”. Assim, constrói-se por identificação e diferenciação à irmã, sendo que a indiferenciação emerge da identificação mútua, e serve de mecanismo de defesa, logo, quando o sofrimento é partilhado torna-se menos doloroso. A relação descrita por Carmo joga-se assim num duplo movimento entre mecanismos de identificação e diferenciação. Carmo acrescenta, – “ (...) a minha irmã era mais..., eu para mim era mais acomodada, a minha irmã dizia que eu era «laréu, laréu, lá vou eu», eu não me preocupava com nada, não me chateava com nada (...)”, define-se e diferencia-se da irmã. Questiono-a se permanecem próximas, e Carmo explica, – “ (...) ela é madrinha do meu filho, eu sou madrinha do filho dela (...) ”, a madrinha representa a mãe quando esta não está presente, aqui novamente, ambas substituem-se mutuamente.

No final da entrevista, sinto que acolhi Carmo para que se pudesse pensar, e questiono-a, se gostava de acrescentar mais alguma coisa, Carmo comenta, – “ Não, sei

lá tantas coisas..., não me estava a ver não ser gémea, não sei o que seria de mim se eu perdesse a minha irmã, acho que qualquer irmão eu ia sofrer muito, mas a minha irmã, a Teresa acho que ia ser diferente, eu sinto a Teresa como um bocado de mim, a outra parte de mim. É isso". Os irmãos ocupam um lugar central na vida de Carmo, mas Teresa é diferente, ambas representarem-se mutuamente, e são sentidas como parte uma da outra.

Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre – Teresa

“ (...) É a outra parte de mim, é compatível comigo em tudo, até na medula.”

Teresa

Após Teresa ter sido convidada a pensar sobre a sua condição responde, – *“Ai menina Inês, eu não lhe vou poder responder como é que é ser gémea, porque eu não sei como é que é não ser gémea. Então eu não me estava agora a ver sozinha sem ter uma gémea, sem ter crescido sempre com uma pessoa colada a mim (...)”*, apesar de Teresa não se conseguir definir através da relação, esclarece que não ser capaz de se pensar sozinha. Ser gémea, é ter crescido acompanhada e colada a alguém, acrescenta, – *“ (...) nós até determinada altura andamos sempre coladas, tavamos sempre juntas, sempre juntas (...)”*, Teresa define-se indiferenciada, evocando uma relação fusional entre si e a irmã, – *“ (...) eu lembra-me q a minha mãe, eu comia muito mal, era assim muito leizinha e a minha irmã comia tudo muito bem, então a minha mãe sempre que podia dava-me o melhor a mim, um bocadito, qualquer coisinha, e depois ponha-me a comer atrás da porta, e eu saia dali, dizia ho Carmo, a Carmo não pode saber, eu a primeira coisa que fazia era logo dizer “Carmo a mãe deu me feijões com azeite mas eu não te digo, coisas assim desse género (...)”* ao introduzir pela primeira vez a mãe, revela, uma mãe que proporciona a separação entre ambas, no entanto, Teresa anula-a.

Em seguida, enumera várias experiências comuns a ambas, e narra um episódio da sua infância, – *“ (...) andamos sempre juntas, fomos pra escola juntas, fazíamos tudo em conjunto, sempre na mesma carteira sempre, (...) outra coisa que eu me lembra foi uma asneira que nós fizemos, uma vez entregamos só um trabalho na escola, e ainda hoje não sei qual de nós fez o trabalho (risos), não sei se ela sabe, se não sabe, já questionamos isso, que nós não sabemos qual de nós o fez, só uma é que fez o trabalho, e só uma é que entregou, e a professora não conseguiu saber quem é que o entregou, porque nós eramos tão iguaizinhas, tão iguaizinhas, que não conseguiam saber (...)”*,

através da narrativa de Teresa é possível pensar, que até determinada idade ambas viviam indiferenciadas, e como tal torna-se difícil pensarem-se separadas no passado, e por isso, as memórias de Teresa podem ser confundidas com as memórias de Carmo e vice-versa, por serem iguais fisicamente os outros confundiam-nas. Teresa revela que, – “ (...) *as vezes parece que tínhamos assim um pressentimento uma inquietação muito grande cá dentro e não sabíamos porque, e continuamos sem saber, como se alguma coisa tinha corrido menos bem à outra, ou alguma coisa também não estava bem com ela (...)*”, Teresa não consegue explicar alguns factos, por estes, terem sido vividos através de pressentimentos. O vínculo entre ambas potencia assim, emoções comuns. Mais à frente, esclarece, – “ *Em termos de feitio, nós eramos assim, somos assim muito parecidas mas muito diferentes, o meu filho costuma dizer: “você são gémeas verdadeirinhas, verdadeiras, mas vocês iguais é só a embalagem” depois por dentro (...), por exemplo a minha irmã era muito aquele género que eu dizia: “muita escova,”, eu era muito prática muito refilona, (...), eu lutava pelas minhas coisas (...)* ”, Teresa diferencia-se da irmã, no que refere serem os “feitios”, ela a refilona e a irmã a “santinha”. Acrescenta ainda, e citando o filho, que ambas são idênticas fisicamente, mas que o interior de cada uma é diferente, e justifica, – “ (...) *ela era capaz de dizer assim: “não isto não, eu sei que isto é uma pedra, mas a mãe vai ficar contente se eu dizer que é um pau, eu vou dizer que é um pau”, então estava sempre tudo bem, eramos capazes de assim numas alturas estarmos assim mais distantes (...)* ”, para Teresa ambas ocupam lugares opostos na família, porém, – “ (...) *naquela hora que era preciso, estávamos ali sempre, ainda hoje (...)* ” descreve uma relação de apoio. Teresa prossegue relatando um episódio – “ (...) *lembra-me uma vez que nós tivemos um acidente, vínhamos da aldeia e ela preocupou-se toda “mas ta tudo bem?, está mesmo tudo bem? E eu não lhe disse olha aconteceu-me isto, ela já sabia, tinha uma inquietação muito grande... Prontos, estas coisas para mim é o que é ser gémeo, ser mesmo gémeo, ser mesmo verdadeira”.*., ser gémea para si implica sentirem as mesmas coisas. Mais à frente, recorda-se de um momento difícil na sua vida, em que teve um problema de saúde, e diz, – “ (...) *tentava ao máximo eu dar força aos outros, que os outros tivessem bem, que não me lembrassem do que eu tinha, ela parecia uma melga (risos) e a chorar e toda e eu é assim: “tá tudo bem eu estou bem” (...)*”, Teresa faz novamente uma distinção entre si e a irmã, desta vez, relacionando-a com a doença, define-se forte, em contraste com uma irmã frágil. Ao criticar o carácter frágil da irmã, critica também a sua própria posição perante a vida. Através da leitura que faço do que

Teresa me conta, autorizo-me a afirmar, – “A sua irmã sofria um bocadinho as suas dores”, ao que Teresa responde, – “*Sim, sim, prontos, mas também haviam alturas..., eu também sofria sempre as dores dela, quando ela teve o filho que nasceu com um problema no crânio, (...) aquilo para mim era tipo o meu filho, depois sofreu muito com a minha filha que nasceu morta, ela sofreu muito, claro sofreu e sofremos todos muito, e sei que ela também viveu muito isso, pronto assim como agora com a morte do marido dela para mim foi... (chora)*”, Teresa identifica-se a com irmã através da dor, da mesma forma que Carmo sofreu com a morte da sua filha, Teresa sofre também a morte do cunhado. Coloco novamente uma questão, tentando compreender qual o significado atribuído a este sofrimento partilhado por ambas, e Teresa refere, – “*(...) acho que não tem explicação, havia determinadas coisas que se passavam que eu sentia uma inquietação, como é que eu vou explicar..., é uma inquietação mesmo, sabe quando agente tá assim com um mau pressentimento? Pois a menina sabe, quem sou eu para falar isso, a menina também tem a gémea e é verdadeirinha*”, Teresa identifica-se comigo, por também eu ser gémea, procurando em mim a compreensão de algo inexplicável, e acrescenta, – “*Às vezes aconteciam assim coisas, que aconteceram pela vida fora, (...) parece que tenho um pressentimento aqui dentro, uma inquietação, (...) agente pensa tenho isto, mas é pela nossa vida, que coisa, parece que me vai acontecer qualquer coisa, e depois (...) alguma coisa estava a acontecer do outro lado, isso aconteceram muitas, mas muitas, vezes*”, Teresa recorre-se de explicações para definir o vínculo único entre ela e a irmã, é como se espelha-se a relação, e a irmã estivesse do outro lado, prossegue, – “*(...) doí-me as dores dela, (...) e não sei o que é ser assim, se eu não tivesse uma irmã..., eu tenho outros irmãos, agora dizer assim, a pessoa a quem eu sou mais ligada, mais confidente, que tem um feitio exatamente como o meu, que é igual ao meu, não é ela, não é a minha gémea, é uma outra irmã (...)*”, embora se identifique com outra das suas irmãs, que por coincidência também é gémea, retorna novamente a Carmo, – “*(...) com a minha irmã é este elo de ligação, (...)*”, no entanto sublinha novamente as diferenças, – “*(...) mas são feitios completamente opostos, temos os feitios..., pronto a minha maneira de ser, de estar, de pensar é completamente diferente, completamente diferente da dela, não tem nada a ver, mas isso não quer dizer que não sintamos as coisas da mesma maneira, e pela mesma maneira, porque a minha irmã é capaz de estar a como é que eu ei de dizer..., Teresa não encontra as palavras certas para definir a irmã, afirmando – “*Não é mutilar-se, ou até certo ponto, mas para dizer ámen, ámen, ámen, ámen, e eu não sou assim, eu não sou assim, eu quando quero**

uma coisa vou à luta e defendo-a, eu defendo-a, quando eu tenho razão não me calo (...) ”, Teresa critica o carácter da irmã, opondo-o ao seu, e adianta ainda, aludindo à mãe, – “A minha mãe dizia muitas vezes: “tu um dias vais ter tantos problemas como teu marido porque tu és assim, és refilona”, enquanto que a minha irmã era aquela santinha, tava tudo bem, feitos completamente diferentes, mas em termos de feitio, da maneira de estar, da maneira de pensar, da maneira (...) ”, Teresa refere-se aos lugares que cada uma ocupa na família, opondo-se novamente à irmã, e diferenciando-se, no entanto – “ (...), mas naquela coisa de sentir, de pressentir, de preocupação de estar sempre ali em cima, não isso é uma coisa que é muito forte mesmo, e que sai cá de dentro sem as duas, sem agente se aperceber, sem nós dar-mos por ela, estamos a viver aquelas dores, aquelas coisas dela, é assim (...) ”, identifica-se com Carmo através das emoções, sobretudo o sofrimento. Teresa evoca uma complementaridade emocional e adiciona, – “ (...) e gosto muito, é a minha gémea, é a outra parte de mim, é compatível comigo em tudo, até na medula (...) ” a completude, é alcançada, através da pertença da irmã. Quando questiono Teresa acerca dos outros, destaca a família, – “Em termos da família (...) dizem que é só embalagem (...). Quem nos conhece assim mais sabe que é completamente diferente, somos gémeas verdadeiras, que sentimos tudo uma da outra. A minha primeira angústia é o meu filho e o meu neto logo, mas a partir daí é a Carmo é, é, e ela, acho que também é a mesma coisa comigo...”. Teresa afirma que para a família, só são apenas parecidas fisicamente, no entanto, no que diz respeito às sensações e emoções iguala-se. Para Teresa, a sua primeira preocupação é o filho e o neto, e depois Carmo. Teresa representa o materno na relação com Carmo.

Intervenho novamente, e interrogo Teresa acerca da relação de apoio que criou com a irmã, responde-me – “ e apoio a minha irmã incondicionalmente, em tudo. É um apoio incondicional, é mesmo assim, (...) estou mesmo, inteiramente de corpo e alma para ela, é qualquer coisa que nos liga.”, Teresa finaliza a sua entrevista com a anotação, –“ É assim, é uma história assim pequenina, mas é assim, é a história verdadeira, sem filtros sem nada (...) lembra-me uma altura em que ela ficou e eu fui, e eu tenha muitas saudades, mesmo muitas saudades, lembro-me muito, (...)”. Teresa narra a sua história na primeira pessoa, sem esconder a verdade, sem meias palavras, partilha, e revive a sua história destacando a relação de apoio e a saudade na ausência da irmã.

Análise dos grandes temas das gémeas Carmo e Teresa

Do vínculo estabelecido à indiferenciação - Uma identidade partilhada

Carmo e Teresa evocam uma dupla identificação, Carmo, ao analisar a sua condição, enquanto gémea, refere, – “ (...) começamos a andar com os namoricos e depois eu namorava com um rapaz, mas a minha irmã gostava do meu e eu do dela, nós trocamos, (risos) trocamos, e eu fiquei a andar com o dela e ela com o meu, (...) ”, para si, as duas, podem ser representadas mutuamente uma pela outra. Teresa, assinala que, – “ (...) as vezes parece que tínhamos assim um pressentimento uma inquietação muito grande cá dentro e não sabíamos porque, e continuamos sem saber, como se alguma coisa tinha corrido menos bem à outra, ou alguma coisa também não estava bem com ela (...),o vínculo único estabelecido entre ambas resulta assim, numa inquietação comum, e partilhada pelas duas. Carmo confidencia, – “ (...) as dores de uma são as dores da outra. (...) ”. Aludindo principalmente a um episódio, – “ (...) eu estava em casa e devia ser pra i meio-dia, eu comecei-me a sentir tão triste, tão triste, e disse ao meu marido “ vamos embora ” (...) vamos para a maternidade que a Teresa não está bem (...) a menina tinha-lhe acabado de morrer, e eu pergunto, e foi ao meio dia, como é que eu explico isso? (...) ”, Carmo evidencia uma comunicação telepática, uma conexão emocional entre si e a irmã, e acrescenta, – “ (...) era como se fosse minha filha (...) eu tomei conta como se ela fosse minha, como se fosse realmente minha, (...) eu durante esse ano assumi como se aquela fosse a minha campã, e para mim, eu afeiçoei-me tanto que era como se fosse minha filha (chora)”, ao substituir a irmã na morte da filha é revelada a complementaridade da dinâmica entre ambas, Carmo passa assim a ser Teresa. Para Teresa esta configuração difere um pouco, na medida em que surge mais diferenciada da irmã destacando, – “ (...) eu também sofria sempre as dores dela (...) ”, no entanto, – “ (...) quando ela teve o filho que nasceu com um problema no crânio, (...) aquilo para mim era tipo o meu filho (...) assim como agora com a morte do marido dela para mim foi... (chora)”, Teresa identifica-se a com a dor da irmã, retomando novamente a uma dinâmica relacional indiferenciada, Teresa sofre como se fosse Carmo. Ambas identificaram-se entre si e apropriaram-se de uma identidade comum, partilhada por ambas.

O lugar ocupado na construção da Identidade

Carmo e Teresa identificam-se mutuamente, no entanto, ambas representam-se em lugares opostos, diferenciando-se. Carmo define Teresa, – “ (...) há conclusão dos feitos, a minha irmã era: o que é, é e o que não é não é, (...)”, Teresa acrescenta acerca de Carmo, – “ (...) somos (...) muito diferentes, (...) a minha irmã era muito aquele género que eu dizia: “muita escova,”, eu era muito prática muito refilona, (...), eu lutava pelas minhas coisas (...) ”, ambas diferenciam-se, contrastando o seu carácter. O lugar que cada uma ocupa na família é também revelado, Carmo e Teresa recorrem à relação com os pais para se definirem e diferenciarem uma da outra, Carmo evoca a relação de ambas com o pai distinguindo-se, – “Com o meu pai era igual, quando nós queríamos ir a qualquer lado, o meu pai dizia não!, e a Teresa era logo “mas não porquê?”, Eu acomodava-me, sempre me acomodei (...)”, Teresa por sua vez, evoca a relação de Carmo com a mãe criticando o seu carácter , – “ (...) ela era capaz de dizer assim: “ (...), eu sei que isto é uma pedra, mas a mãe vai ficar contente se eu dizer que é um pau, eu vou dizer que é um pau”, então estava sempre tudo bem, (...) ”. Carmo prossegue, definindo-se, – “ (...) eu para mim era mais acomodada, (...) eu não me preocupava com nada, não me chateava com nada (...) ”, Teresa acrescenta citando a mãe, – “A minha mãe dizia muitas vezes: “tu um dias vais ter tantos problemas com o teu marido porque tu és assim, és refilona”, enquanto que a minha irmã era aquela santinha, tava tudo bem, feitos completamente diferentes, (...) ”. É possível pensar, que Carmo e Teresa se diferenciam através da ocupação de lugares opostos perante a família e, conseqüentemente perante a vida. Carmo é a gémea submissa, que se acomoda, e Teresa é a gémea refilona, que luta pelas suas convicções. Através dos lugares ocupados, cada uma diferencia-se e constitui-se como separada.

Em suma, está latente uma relação de ambivalência entre processos de identificação e diferenciação, Carmo e Teresa procuram a sua unicidade, no entanto, existe um lugar que é comum e partilhado, onde ambas existem através da dor.

DISCUSSÃO

A consolidação da identidade depende de vários factores, principalmente, no caso dos gémeos, depende, de como foram vividos os primeiros anos de vida, qual a atitude da mãe face aos gémeos, a qualidade do vínculo estabelecido, e como foram ultrapassadas as todas as fases do desenvolvimento psicoafectivo. Os gémeos enfrentam o desafio de superarem não só o processo de separação-individação (Mahler, 1982), na relação com a mãe, mas também, na relação com o respectivo gémeo. O modo como se separam reflecte também a forma como se representam mutuamente a si e ao outro. Deste modo, o desenvolvimento psicoafectivo de um gémeo depende de como foram internalizados os objectos primários, (mãe; pai; gémeo). A confusão surge assim, associada ao vínculo afectivo pré-estabelecido e à procura de uma identidade individual. À medida que os gémeos crescem e se desenvolvem, constroem-se através de uma imagem espelhada. Deste modo, associada à procura da sua individuação, emergem conflitos identitários, sendo que a separação na infância pode causar ansiedade. A relação gemelar configura-se como sendo uma relação de suporte e segurança, estabelece-se primeiramente através de um vínculo único, e o seu desenvolvimento cresce e altera-se, quer seja para melhor ou pior, através das várias experiências partilhadas com outros significativos ao longo da vida (Klein, 2012).

Sabe-se que a primeira identidade de um gémeo é sempre a identidade do par e que a profunda ligação entre ambos os torna “*almas gémeas*”. A ligação descrita é o resultado das experiências, das memórias partilhadas e o vínculo é construído através da intimidade partilhada desde a infância até à idade adulta. Para que seja possível o desenvolvimento e construção de uma identidade individual, cada um dos gémeos terá de lutar contra as vulnerabilidades narcísicas que emergem da confusão de quem são na relação com o gémeo e o modo como se representam separados. Ao compreender como é que o sujeito vive a relação e o que para ele se constitui como experiência gemelar, surge também a questão *quem sou eu realmente?* Ao reflectir acerca de quem é, e do que representa para os outros, está a construir a sua própria identidade (Erikson 1950, cit por Seligman e Shanok, 1995). Neste sentido, o encontro a dois permitiu que fosse possível ao sujeito reviver a sua própria experiência subjectiva, pensá-la, integrá-la e por fim transformá-la. Procurou-se compreender como é que um gémeo se constrói através da relação que partilha com um outro idêntico a si. Partindo deste pressuposto, a discussão procurou relacionar os conteúdos das análises entre si, destacando os

elementos individuais e comuns a cada um dos sujeitos, pertencentes ao par de gémeos, bem como o impacto da relação gemelar na configuração identitária.

Sabe-se que a construção da identidade, em gémeos idênticos, depende de vários fatores como a qualidade da vinculação e a consequente relação de objeto interno estabelecida (Klein, 2012; Milton, 2006). A identidade é o reflexo das várias identificações que estabelecemos com outros significativos e a diferenciação é o meio através do qual a rivalidade gemelar é resolvida, o compromisso que permite que a identidade e as relações interpessoais sejam construídas. Os dois processos funcionam lado a lado na formação da identidade (Matos, 2002; Vivona, 2007). A este respeito Filipe destaca vários elementos que o identificam e diferenciam do irmão, num duplo movimento de aproximação e separação – “ (...) eu e o meu irmão somos pessoas completamente diferentes, (...) a forma como vemos o mundo, a forma como encaramos os problemas, como vemos as coisas, os gostos musicais, os gostos alimentares, (...) um é mais reservado, o outro é mais expansivo, (...) nós tivemos a mesma educação, por isso temos a mesma forma de ver alguns problemas e como é que, os mesmos valores, mas depois os gostos pessoais somos bastante diferente, (...) ”, Filipe identifica-se através dos valores transmitidos pela família e diferencia-se pelas escolhas e personalidades opostas de cada um. Filipe recorre à infância revelando – “ (...) em miúdos até vestidos de iguais andávamos (...) ”, acrescenta ainda, – “ (...) depois na escola éramos os gémeos, quem é o original e a fotocópia (...) ”, a maneira pela qual os gémeos são integrados no ambiente familiar e social influencia o modo como constroem a sua identidade (Arlow, 1960). Quanto mais idênticos, mais forte é a tendência para tratá-los como uma unidade e não como separados, enfatizando a sua identificação um ao outro (Engel, 1975). A consequência desta identificação favorecida pelos outros, é descrita por Filipe como “*falta de identidade*” – (...) parecíamos “o dois em um”. Filipe explica, – “ (...) quando chegamos, chegamos dois, quando vamos a qualquer coisa, quando convidas um convidas o outro, eu nunca tive uma pessoa, só no tempo agora já de faculdade é que tinha amigos que não eram meus amigos e eram do meu irmão, mas até aí, os meus amigos eram os mesmos que os do meu irmão (...) ”, a similaridade física e o modo como os outros se relacionam com eles reforça a identificação mútua (Burlingham, 1952; Demasrest e Winestine, 1955; Joseph e Tabor, 1961; Leonard, 1961; Winnestine, 1969).

À semelhança do que foi anteriormente analisado na narrativa de Filipe, também Luís sublinha as semelhanças entre ambos e identifica-se ao irmão não apenas

fisicamente, mas nas relações que estabelecem em comum, na educação e na formação transmitida pelos pais, no entanto e contrariamente a Filipe, o outro ocupa um lugar privilegiado na sua configuração identitária – “ (...) *Também os próprios amigos tanto confiam num como confiam no outro, e quando confundem, confundem e não se preocupam em confundir, nunca têm depois o cuidado de depois não confundir mais, e é esse parte menos boa.*”. Vivona (2007) destaca o processo de diferenciação como o meio através do qual a rivalidade gemelar é resolvida, – “ (...) *optamos sempre por universidades ou faculdades diferentes, ele concorria a uma, um concorria a outra (...)*”, a rivalidade é anulada através das diferentes escolhas de cada um, assim como pelas atitudes que cada um adopta perante os outros, – “ (...) *Ele é diferente nisso.*”. Para Luís, a mãe proporcionou a união entre ele e o irmão, pedindo para que casassem no mesmo dia, – “ (...) *a minha mãe pediu-nos (...) para ela era simbolicamente importante saber que saíamos os dois de casa ao mesmo tempo, portanto na altura foi uma despedida em conjunto, e uma união comemorada em conjunto (...)*”. É possível pensar, que a mãe fortalece o vínculo entre ambos, unindo novamente os filhos. A partilha de experiências significativas comuns a ambos promove assim, uma identidade gemelar em que os gémeos poderão ver-se a si mesmos como uma unidade social (Macdonald, 2002). Relativamente ao papel ocupado pela família, Luís sublinha, – “ (...) *os pais têm o gosto de fazer as almoçaradas aos fins-de-semana e temos muitas vezes juntos e continuamos com uma relação próxima, (...) continuamos a juntar, a família tem o cuidado, também é um ponto importante, a noção de família, continuar a manter, e a família para nós é importante, continuarmos a estar juntos, os filhos de um e de outro estão muitas vezes juntos, privilegamos isso (...)*”, Luís identifica-se à família e ao lugar que ocupa, tornando-se herdeiro dos processos subjectivos inerentes ao grupo familiar. Enquanto pai, também ele é responsável por transmitir aquilo que lhe foi transmitido (Gutierrez et al., 2011 cit por Osti e Sei, 2016).

Filipe e Luís procuram ainda um lugar onde possam existir separados, onde possam estar individualizados. Ambos identificam na sua condição, enquanto gémeos “*a perda da identidade, e do eu*”, surgindo no discurso de Filipe, através das suas memórias infantis, sendo que, até determinada idade Filipe se descreve como unido ao irmão, o “*dois em um*”, que Winnestine (1969) descreve com o fenómeno de “*Twinning*”, que resulta na falha de individuação entre ambos os gémeos.

Filipe destaca também o papel dos outros, como a família e a escola, promotores da confusão e da falta de identidade e Luís acrescenta ainda – “ (...) *nós*

perdermos um bocadinho o nosso eu, (...) ”. O ambiente familiar e social influencia assim, o desenvolvimento da identidade nos gémeos (Brustia e Rollé, 2013; Conlon, 2009; Zazzo, 1984; 1986). Ambos destacam vários atributos, físicos e psicológicos que os diferenciam, porém, Luís sublinha que a aparência física é o principal factor que promove a confusão nos outros e possivelmente, por identificação, a sua própria confusão. É como se não existisse ainda um modelo interno suficientemente seguro para que se possa representar. O nome, atribuído a cada um, ocupa também aqui um lugar fundamental na sua construção identitária (Falk, 1975). Filipe esclarece, – “ (...) o meu irmão é Luís Filipe e eu sou Filipe Luís, (...) trocamos ai os nomes, (...) na família toda, ninguém sabia quem era o Filipe e quem era o Luís (...), nós, não tínhamos uma identidade única era a identidade do par (...) ”, Luís por sua vez refere, – “ (...) como o meu irmão e eu temos nomes trocados, tínhamos momentos em que se chamava por um, e os dois tinham que olhar, (...) nós parece que não, mas eramos um só, e não eram duas pessoas (...) ”. O próprio nome configura-se espelhado, promovendo a relação narcísica e transportando consigo a confusão e a dependência mútua entre os gémeos. Para que ambos se possam individuar, é necessária uma separação, promovida neste caso pela entrada do um terceiro elemento, que para Filipe será representado pela mulher e para Luís, pelo trabalho. Embora ambos identifiquem diferentes elementos que promovem a mudança na relação, o período da adolescência, a separação espacial e as novas relações estabelecidas com outros significativos, são considerados transversais a ambos, assim, onde a diferenciação é encontrada através das diferentes escolhas objectais e consequente opção profissional, – “ (...) só depois quando começou a haver aqueles namoros mais sérios, é que começamos cada um a seguir, a ter as suas vivências mais próprias (Filipe), –“ Depois com o vir das namoradas, (...) (Luís). Muitas das vezes, o vínculo “nós-eu” descrito por Ortmeyer (1970), só é desmantelado na adolescência ou mesmo já na idade adulta. No caso de Filipe e Luís, permaneceu presente até que ambos constituíssem vidas separas com outros significativos.

Através da análise da narrativa de Carmo, destaca-se predominantemente a evocação de uma relação de apoio e o estabelecimento de uma aliança construída a dois – “ (...) era eu e era a minha irmã (...) ”, descrita por Burlingham (1949) como “*Gang of two*”. Através desta aliança a agressividade latente é projectada no exterior e a rivalidade entre ambas é anulada. Carmo recorda-se de várias experiências que partilhou com a irmã, Teresa, referindo-se sempre, – “ (...) continuávamos sempre quando uma fazia a outra também fazia, fazíamos asneiras e uma encobria a outra sempre, (...) ” a

uma relação de suporte, de apoio, pela igualdade. Carmo introduz os namorados, –“ (...) *depois começou a época dos namoricos, (...) começamos a ficar adolescentes, começamos a andar com os namoricos e depois eu namorava com um rapaz, mas a minha irmã gostava do meu e eu do dela, nós trocamos, (risos) (...)*”, no entanto, contrariamente ao que nos diz a literatura, Blos (1967) descreve como o “*segundo processo de individuação*”. Neste caso particular, os laços objectais infantis permanecem intactos, em que ambas permanecem dependentes uma da outra. Apesar de investirem em novos objectos, é possível que os troquem, não existindo ainda uma verdadeira separação entre *self-objecto*. No caso de Carmo e Teresa, trocarem de namorado, surge como desejo de uma tomar o lugar da outra, porém, como a rivalidade é anulada, a troca permite que se igualem. O que uma teve, a outra terá também. O vínculo “*nós-eu*”, descrito por Ortmeyer (1970), é assim reforçado por uma dupla identificação e conseqüentemente pela representação mútua. Os gémeos enfrentam um conflito que não apenas específico à relação gemelar, mas que, no entanto, é particularmente intenso e característico na relação entre gémeos. Este conflito prende-se com a forte tendência de ambas estabelecerem uma relação simbiótica com base na indiferenciação e na tendência para a individuação que cada ser humano possui e conduz à autonomia (Athanassiou, 1986). Carmo destaca este conflito no momento em que refere a época do seu casamento, e a culpa que sente, associa-se à procura de autonomia e à conseqüente dependência face à irmã, –“ *Recorda-me, (...) quando andava para casar, eu casei primeiro que a minha irmã, (...) eu andava tão feliz, que eu não me apercebi que a minha irmã estava a sofrer com isso, feliz mas a sofrer, (...) eu mais tarde pensei realmente eu se calhar não fui justa, porque eu casei primeiro e ganhei uma companhia e a minha irmã ainda não tinha (...)*”. Carmo confirma o significado do termo “*reação gemelar*” (Joseph e Tabor, 1961) ao referir dois episódios para si significativos, em que através da identificação e da fusão de identidades, ambas sentem e vivem as mesmas experiências emocionais, não só através de uma comunicação telepática comum às duas, mas através de uma indistinção que emerge da dupla identificação, da representação mútua, bem como da partilha de emoções, como mecanismo de defesa para lidar com a dor sentida.

Carmo refere-se à morte da sobrinha como se fosse a morte da sua filha – “ (...) *eu tomei conta como se ela fosse minha, como se fosse realmente minha, porque a minha irmã não devia de ir ao cemitério porque estava grávida, e eu durante esse ano assumi como se aquela fosse a minha campã, e para mim, eu afeiçoei-me tanto que era*

como se fosse minha filha (chora)”. Ao identificar-se com a dor da irmã, apodera-se do seu lugar e torna-se a mãe que perdeu a filha. Carmo constrói-se identificando-se através das emoções e diferencia-se através do carácter. Carmo explica a sua condição e destaca, o lugar ocupado por ambas, – “ (...) *ela é madrinha do meu filho, eu sou madrinha do filho dela (...)* ”, Carmo e Teresa substituem-se mutuamente na relação com os filhos.

Para Teresa, e tendo em conta a sua narrativa, a condição enquanto gémea implica ter crescido acompanhada e colada a alguém, – “ *Então eu não me estava agora a ver sozinha sem ter uma gémea, sem ter crescido sempre com uma pessoa colada a mim (...) nós até determinada altura andamos sempre coladas, tavamos sempre juntas, sempre juntas (...)* “, Teresa revela que o seu desenvolvimento e crescimento teve por base uma identificação primária à irmã, em que viviam ambas indiferenciadas (Sandler, 1960 cit por Zepf, 2009). A atitude que a mãe adopta face às suas filhas gémeas, pode promover, ou impedir o desenvolvimento da sua identidade individual (Klein, 2012). Neste caso, Teresa introduz a mãe e representa-a como figura promotora da diferenciação entre si e a sua irmã, – “ (...) *eu lembra-me que a minha mãe, eu comia muito mal, (...) minha mãe sempre que podia dava-me o melhor a mim, (...), e eu saía dali, dizia oh Carmo, a Carmo não pode saber, eu a primeira coisa que fazia era logo dizer “Carmo a mãe deu me feijões com azeite mas eu não te digo, coisas assim desse género (...)* ” no entanto, Teresa anula esta diferenciação promovida pela mãe. Tendo em conta o vínculo único estabelecido entre ambas desde a nascença até à idade adulta, Teresa evoca uma inquietação comum a ambas, como sendo inerente à sua condição, – “ (...) *às vezes parece que tínhamos assim um pressentimento, uma inquietação muito grande cá dentro e não sabíamos porquê, e continuamos sem saber, como se alguma coisa tinha corrido menos bem à outra, ou alguma coisa também não estava bem com ela (...). Às vezes aconteciam assim coisas, que aconteceram pela vida fora, (...) parece que tenho um pressentimento aqui dentro, uma inquietação, (...) agente pensa tenho isto, mas é pela nossa vida, que coisa, parece que me vai acontecer qualquer coisa, e depois (...) alguma coisa estava a acontecer do outro lado, isso aconteceram muitas, mas muitas, vezes*”. Teresa identifica, no vínculo único estabelecido entre ambas, a causa da indiferenciação e conseqüentemente da partilha de emoções. Teresa inscreve-se numa relação narcísica, espelhada, em que descreve a irmã do lado de lá.

Relativamente ao grande tema, do vínculo estabelecido à indiferenciação - Uma identidade partilhada, Carmo e Teresa evocam uma dupla identificação,

consequência, primeiramente do vínculo estabelecido e depois através da dinâmica relacional entre as duas, trocaram de namorados, – “ (...) e eu fiquei a andar com o dela e ela com o meu, (...) ” (Carmo), e podem ser representadas mutuamente, sofrendo também de igual forma, – “ (...) as dores de uma são as dores da outra. (...) ” (Carmo). Para Carmo, ambas substituem-se mutuamente, ocupam e apoderam-se do lugar uma da outra, – “ (...) eu estava em casa e devia ser pra i meio-dia, eu comecei-me a sentir tão triste, tão triste, (...) a menina tinha-lhe acabado de morrer, (...) eu tomei conta como se ela fosse minha, como se fosse realmente minha, (...) eu durante esse ano assumi como se aquela fosse a minha campá, e para mim, eu afeiçoei-me tanto que era como se fosse minha filha (chora)”, Para Teresa esta configuração difere um pouco, na medida em que surge mais diferenciada da irmã, destacando – “ (...) eu também sofria sempre as dores dela (...) ”, no entanto, – “ (...) quando ela teve o filho que nasceu com um problema no crânio, (...) aquilo para mim era tipo o meu filho (...) assim como agora com a morte do marido dela para mim foi... (chora)”, identifica-se com a dor da irmã, e retoma novamente à dinâmica relacional da indiferenciação. Carmo e Teresa vêem-se a si mesmas como uma unidade social na relação gemelar através da identificação mútua e da dinâmica relacional vivida através da partilha de emoções e sensações (Macdonald, 2002).

Das narrativas de Carmo e Teresa, destaca-se também como tema comum, o lugar que cada uma ocupa perante a família e a sua influência na configuração identitária de cada uma. Assim, a forma como se definem, diferenciadas, promove a sua separação e a conseqüente individuação, ambas definem-se, distinguindo-se. Carmo é a gémea submissa, que se acomoda e Teresa é a gémea refilona, que luta pelas suas convicções. Através dos lugares ocupados perante a família, cada uma diferencia-se e constitui-se como separada, – “Com o meu pai era igual, quando nós queríamos ir a qualquer lado, o meu pai dizia não!, e a Teresa era logo “mas não porquê?”, Eu acomodava-me, sempre me acomodei (...) eu para mim era mais acomodada, (...) eu não me preocupava com nada,(...) ” (Carmo), – “A minha mãe dizia muitas vezes: “tu um dias vais ter tantos problemas com o teu marido porque tu és assim, és refilona”, enquanto que a minha irmã era aquela santinha, tava tudo bem, feitos completamente diferentes, (...) ” (Teresa). O sucesso da formação da Identidade antevê a assimilação mútua e integrada de todas as identificações da infância que procedem as introjeções estabelecidas na relação com os objectos primários (Grinberg e Grinberg, 1976). Neste

caso, Carmo e Teresa diferenciam-se através da ocupação de lugares opostos, transmitidos pela família.

No caso dos gémeos Filipe e Luís, através dos dados recolhidos e anteriormente analisados, ilustra-se uma relação de objecto predominantemente anaclítica, de dependência mútua (Jarrett e MacGarry, 1980), – “ (...) e depois preocupávamo-nos, ou deixávamo-nos tranquilos, mas havia sempre aquele cuidado, (...) os gémeos já acho que não é assim, estão sempre a olhar para o lado, ou à procura de apoio, ou a ter que dar apoio (...) ” (Filipe), – “ (...) andássemos sempre próximos, (...) nunca nos quisemos separar. Continuamos com a mesma relação, boa e de..., pronto é bom ser gémeo nesse aspeto.” Talvez Filipe seja o gémeo que mais se diferenciou na relação, em que, ao definir-se refere, – “São 46 anos de condição de gémeo, feliz, (...) uma relação muito próxima, claro que o próximo, depois cada um seguiu a sua vida é saudável, (...)” e Luís o mais dependente. Filipe distancia-se, o que lhe permite também pensar-se separado. Luís por sua vez, mantém o modelo de relação estabelecida com irmão, procurando um modelo de identificação. Neste sentido, o outro ocupa um lugar central na sua configuração identitária, na medida em que, através de mecanismos de identificação ao outro, se confunde com Filipe, é como se não existisse ainda um modelo interno seguro, para que se possa pensar. Ambos identificam-se mutuamente através das semelhanças físicas e do nome atribuído que partilham. No entanto, a importância do olhar do outro sobre si difere, sendo que para Luís, a confusão sentida pelo outro torna-se por identificação, a sua própria confusão interna por não conseguir diferenciar-se totalmente do irmão. A procura da sua identidade individual requer vários processos de diferenciação, sendo que, aquilo que os torna únicos e diferentes reflete-se nas suas personalidades, escolhas e opções de vida. Verifica-se uma ligação única entre ambos, que se criou, através das várias experiências partilhadas na infância e adolescência e que se foi perpetuando e amplificando até à idade adulta, – “ E depois existe uma grande cumplicidade, porque eu basta olhar para ele e saber o que é que lhe vai na cabeça, se aquilo lhe está a agradar ou não está a agradar de todo (...) ” (Filipe), – “ Gosto, gosto de ser gémeo, (...) gosto de ter um irmão da mesma idade, e que sempre me acompanhou, (...) a cumplicidade sempre existiu desde o início (...)”, o que descrevem como cumplicidade é o resultado da intimidade profunda que partilharam deste a infância (Klein, 2012). A separação é também para eles decisiva, primeiramente na infância e depois na idade adulta, – “São 46 anos de condição de gémeo, (...) cada um seguiu a sua vida é saudável, (...), acho que houve aquele

momento de, que custou, e que não foi fácil, não..., (...) por isso é que há um momento em que cada um segue o seu caminho, cada um seguiu o seu (...)” (Filipe). Sobre esta separação Luís acrescenta, – “*(...) andamos sempre na mesma escola, sempre desde a primária, sempre juntos, sempre juntos, depois quando mudamos no nosso 7º ano (...) os nossos pais decidiram, e bem, e bem, fazer uma separação, (...) porque mais tarde vai ser difícil, pode ser difícil para vocês deixarem de ser tão unidos (...) só nos separamos mesmo fisicamente quando fomos para o mercado de trabalho, isso foi sempre bom, (...)*”, Luís refere assim, uma separação forçada na infância, para que depois não sentissem a dor da separação mais tarde.

O que une os gémeos Filipe e Luís é a família, promovendo a confusão e indiferenciação, não só através do nome que lhes foi atribuído, mas também por ambos serem representados como uma unidade social, – “*(...) Eu lembro-me que íamos a casa dos meus avós, (...) e o meu avô chamava Filipe mas não estava a chamar o Filipe, há outra coisa o meu irmão é Luís Filipe e eu sou Filipe Luís, por isso, ainda por cima trocamos aí os nomes, por isso na família toda, ninguém sabia quem era o Filipe e quem era o Luís (...)* (Filipe) – “*(...) casamos no mesmo dia porque a minha mãe pediu-nos se pudesse ser porque para ela era simbolicamente importante saber que saíamos os dois de casa ao mesmo tempo (...)*, (Luís), a família, ocupa um lugar central, na configuração identitária de Filipe e Luís, ao potenciar uma relação indiferenciada entre ambos. Relativamente ao que os separa, – “*(...) quando começou a haver aqueles namoros mais sérios, é que começamos cada um a seguir, a ter as suas vivências mais próprias, e depois quando nos casámos, é que eu me apercebi, o que é que era se calhar viver com um irmão de idades diferentes, porque tínhamos a nossa vida, já vivíamos em sítios diferentes, começamos a trabalhar em empresas diferentes (...)*” (Filipe), – “*(...) só nos separamos mesmo fisicamente quando fomos para o mercado de trabalho, isso foi sempre bom, (...)*” (Luís), para além da distância espacial que promove a separação psíquica e por consequência uma mudança interna em ambos, também as diferentes escolhas de cada um se tornaram elementos diferenciadores, como as mulheres, a profissão e as personalidades, – “*(...) um é mais reservado, o outro é mais expansivo.*” (Filipe), – “*(...) porque há traços já agora, sei lá, maneira de estar, maneira de vestir (...)*”.

No caso das gémeas Carmo e Teresa, do mesmo modo, através dos dados recolhidos e analisados anteriormente, ilustra-se uma relação de objeto anaclítica, de dependência mútua (Jarrett e MacGarry, 1980), – “*(...) continuávamos sempre quando*

uma fazia a outra também fazia, fazíamos asneiras e uma encobria a outra sempre, (...)” (Carmo), – “(...) e apoio a minha irmã incondicionalmente, em tudo. É um apoio incondicional, é mesmo assim, (...) estou mesmo, inteiramente de corpo e alma para ela, é qualquer coisa que nos liga.” (Teresa). A relação de apoio que ambas descrevem constitui-se através do vínculo único estabelecido. A relação de indiferenciação entre Carmo e Teresa emerge primeiramente do vínculo único estabelecido entre ambas na infância (Klein, 2012; Milton, 2006) e posteriormente, através da identificação mútua onde ambas partilham as mesmas emoções e sensações até à idade adulta. O papel que cada uma ocupa perante a família é o elemento diferenciador entre ambas. Carmo diferencia-se assim pelo seu carácter submisso, em oposição, Teresa pelo seu carácter contestatório. Apesar da relação de ambas se inscrever na complementaridade, Teresa encontra-se mais diferenciada na relação. Os outros ocupam aqui um lugar acessório, no que se refere à configuração identitária, no entanto, é através dos lugares atribuídos a cada uma na família que se torna possível diferenciarem-se (Gutierrez et al., 2011 cit por Osti e Sei, 2016).

Torna-se possível pensar, que no caso de Carmo e Teresa, existe uma angústia de separação associada ao sentimento de falta, de solidão, difícil de conter – “ (...) a minha irmã veio servir, veio para o Porto e eu fiquei na aldeia, foi horrível para mim, eu tive muitas saudades da minha irmã, mas muitas saudades mesmo, era aquela saudade da inocência (...) ”, (Carmo), – “(...) lembra-me uma altura em que ela ficou e eu fui, e eu tenha muitas saudades, mesmo muitas saudades, lembro-me muito, (...)”, à luz do que foi descrito por ambas, parecem ter existido separações difíceis, como se não tivesse sido possível suportarem a ausência uma da outra. Carmo e Teresa representam-se separadas, no entanto ainda dependentes uma da outra, principalmente nos momentos de sofrimento.

O que une as gémeas Carmo e Teresa é a partilha de sentimentos e emoções, – “ (...) as dores de uma são as dores da outra (...) ” (Carmo), *Às vezes aconteciam assim coisas, que aconteceram pela vida fora, (...) parece que tenho um pressentimento aqui dentro, uma inquietação, (...) parece que me vai acontecer qualquer coisa, e depois (...) alguma coisa estava a acontecer do outro lado (...) ”* (Teresa), a dinâmica relacional de Carmo e Teresa promove a indiferenciação entre ambas, não existindo uma distinção entre o que é sentido pelo *eu* e o que é sentido pelo *outro*. Parece que ambas se confundem através do que sentem. Por outro lado, o que as separa é o lugar que ocupam perante a família. Definem-se assim através do lugar transmitido pela

família “ – (...) há conclusão dos feitos, a minha irmã era: o que é, é e o que não é não é, (...) Com o meu pai era igual, quando nós queríamos ir a qualquer lado, o meu pai dizia não!, e a Teresa era logo “mas não porquê?”, Eu acomodava-me, sempre me acomodei (...)” (Carmo), – “ (...) meu filho costuma dizer: “você são gémeas verdadeiras mas vocês iguais é só a embalagem” depois por dentro (...), por exemplo a minha irmã era muito aquele género que eu dizia: “muita escova,” eu era muito prática muito refilona, (...), eu lutava pelas minhas coisas (...)”. Assim, a família promove a diferenciação entre Carmo e Teresa, em que ambas se representam através de caracteres opostos. Carmo a gémea acomodada, submissa e Teresa, a refilona, que luta pelas suas convicções.

Fazendo uma análise da relação entre o par de gémeos, Filipe e Luís e Carmo e Teresa, pode verificar-se que ambos diferem entre si nos conteúdos identificados. Para Filipe e Luís a família promove a indiferenciação entre ambos, no caso de Carmo e Teresa o lugar ocupado na família permite a sua diferenciação. No entanto, entende-se que existem pontos em comuns, transversais, quer a Filipe e Luís, quer a Carmo e Teresa, referentes ao tipo de relação de objeto estabelecida, como sendo uma relação anaclítica de dependência e apoio. A presença do gémeo facilita assim a gratificação e a satisfação narcísica (Tancredy e Fraley, 2006).

O vínculo emocional e a permanente presença do outro, configuram-se na capacidade empática de um gémeo se identificar com outros fora da relação (Klein, 2012). Ambos os pares de gémeos mencionam a adolescência como um período significativo onde procuram o seu lugar único, a sua identidade, através de diferentes escolhas, no entanto, os gémeos mantêm-se um ao outro sempre por perto procurando espelhar-se, validando o que fizeram sozinhos.

Verificam-se no entanto diferenças no que se refere ao par de gémeos Filipe e Luís e Carmo e Teresa. Para Filipe e Luís, a adolescência permitiu, o que Blos (1967) descreve como o “segundo processo de separação individualização”. Porém apesar de terem optado por diferentes escolhas, só se torna possível separassem-se psicologicamente, através de uma separação espacial. Contrariamente, Carmo e Teresa mantêm-se indiferenciadas, apesar de optarem por diferentes escolhas objectais, onde trocam de namorados, representando-se assim mutuamente, reforçando a indistinção entre ambas. As primeiras relações libidinais com outros significativos promovem maior independência e intensificam a necessidade de separação. Para Filipe e Luís, bem como para Carmo e Teresa, esta separação só foi totalmente concretizada após casarem e

constituírem a sua própria família. A separação psicológica entre os gémeos é absolutamente necessária para o desenvolvimento da sua maturidade e sobretudo, para que possam ter uma vida feliz (Klein, 2012).

A conquista da sua autenticidade configura-se, por outras palavras, através da resolução do conflito entre a indiferenciação e a autonomia. Assim, a separação depende do tipo de vinculação estabelecida e partilhada entre os gémeos. Eventos externos como o casamento, o trabalho e o nascimento de filhos conduzem os gémeos a viverem vidas separadas (Klein, 2012). A vinculação, entre os gémeos e a vinculação com os pais, é a base para que seja construída a identidade. A família, mais especificamente os pais, ocupam deste modo, um lugar fundamental no desenvolvimento e individuação dos gémeos (Klein, 2012; Lewin, 2004).

A relação gemelar representa, uma das relações mais próximas e mais fortes, entre dois sujeitos. Neste sentido, a construção da identidade de um gémeo depende assim, da qualidade do vínculo estabelecido entre os gémeos, de como foram ultrapassadas as separações e o papel da família, em promover ou impedir a individuação de cada um dos gémeos. Para Filipe e Luís, – “ (...) acho que houve aquele momento de, que custou, e que não foi fácil, não..., (...) por isso é que há um momento em que cada um segue o seu caminho, cada um seguiu o seu (...).” (Filipe), – “ (...) os nossos pais decidiram, e bem, e bem, fazer uma separação, (...) porque mais tarde vai ser difícil, pode ser difícil para vocês deixarem de ser tão unidos” (Luís). Ambos referem as separações como momentos difíceis mas necessários. É destacado um momento de separação na adolescência, promovido pelos pais, no entanto voltaram a uni-los, colocando-os na mesma turma, só mais tarde na idade adulta Filipe e Luís estiveram realmente separados, quando optaram por relacionamentos com outros significativos e pelas diferentes carreiras profissionais.

Por sua vez, Carmo e Teresa, revelam separações difíceis de suportar na infância e na adolescência, – “ (...) lembra-me quando fomos para a escola, (...) chegamos lá e eu passado uma semana mais ou menos cai, cai e aleijei-me não fui à escola dois ou três dias, e tive muitas saudades, (...) eu tive muitas saudades (...) a minha irmã veio servir, veio para o Porto e eu fiquei na aldeia, foi horrível para mim, eu tive muitas saudades da minha irmã, mas muitas saudades mesmo, era aquela saudade da inocência (...)” (Carmo), – “ (...) lembra-me uma altura em que ela ficou e eu fui, e eu tenha muitas saudades, mesmo muitas saudades (...) ” (Teresa), é possível pensar que para Carmo e Teresa, todos os momentos de separação foram sentidos com

angustiantes. Considera-se que, mais tarde, por ambas terem constituído família, a separação e a distância foi-se tornando possível de suportar. No entanto, é como se mesmo estando separadas, sentissem a presença da outra, facto que remete novamente para a dinâmica relacional de indiferenciação entre ambas. A indiferenciação reduz a distância física entre Carmo e Teresa.

Tendo em conta a dinâmica relacional de cada par de gémeos e o seu impacto na formação da identidade, torna-se possível concluir que Filipe e Luís se encontram mais diferenciados na sua relação do que Carmo e Teresa. Ambas, apesar da distância que as separa, parecem manter uma ligação única, experienciando as mesmas emoções, sensações e pressentimentos mútuos, como consequência da indiferenciação vivida na relação.

Ser gémeo...

– *“São 46 anos de condição de gémeo, feliz, (...) uma relação muito próxima, claro que o próximo, depois cada um seguiu a sua vida é saudável, (...)”*.

Filipe

– *“Gosto, gosto de ser gémeo, (...) gosto de ter um irmão da mesma idade, e que sempre me acompanhou, (...) a cumplicidade sempre existiu desde o início (...)”*.

Luís

– *“ (...) Não me estava a ver não ser gémea, não sei o que seria de mim se eu perdesse a minha irmã, (...) eu sinto a Teresa como um bocado de mim, a outra parte de mim. É isso.”*

Carmo

– *“ (...) Gosto muito, é a minha gémea, é a outra parte de mim, é compatível comigo em tudo, até na medula (...) ”*

Teresa

CONCLUSÕES

Reflectindo acerca da relação, e da forma como o sujeito narra a sua história foi possível não só aceder à dinâmica relacional de cada par de gémeos, mas compreender o significado atribuído à relação, na configuração identitária. A premissa para que seja contada uma história, implica sempre um encontro a dois, e neste caso, o presente estudo, através do método utilizado, possibilitou não só um encontro, mas a transformação do sujeito que narra, e do sujeito que escuta.

Conclui-se, através do presente estudo, que a identificação promove o vínculo, o sentimento de pertença, de reciprocidade e partilha, e que a diferenciação permite que o sujeito, sendo gémeo, se individualize, e se diferencie do outro, na procura da sua autenticidade. A qualidade da relação, o significado atribuído, e o modo como o sujeito se representa, são o motor para que se possa desenvolver, pensar-se um ser único num mundo de iguais. Os processos de identificação e diferenciação são também, muitas das vezes o resultado das projeções do grupo familiar e social, influenciando o modo como o sujeito se constrói.

Foi possível denotar que os estudos psicanalíticos existentes acerca da relação gemelar têm por base a observação proveniente da prática clínica e por consequência, abordam predominantemente apenas a patologia, sendo a literatura psicanalítica referente ao tema limitada. Tendo em conta o crescente número de nascimento, de gémeos, torna-se indispensável que sejam desenvolvidos mais estudos que se interessem não só por compreender o impacto da relação, mas também, do meio familiar e social na construção da identidade de gémeos. Ao compreender a relação, tornou-se também fundamental conceptualiza-la, tendo em conta a teoria das relações de objecto, como é que o sujeito se representa a si e ao outro, e de que modo a qualidade da relação estabelecida, potencia ou impede o desenvolvimento de uma identidade individual.

O encontro com cada um dos sujeitos tornou-se extremamente enriquecedor. Através do método utilizado, Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI), foi possível aceder ao mundo interno dos sujeitos, à sua experiência subjectiva, e o que para eles significa “*viver com a condição de ser gémeo*”, permitindo também, uma compreensão da relação gemelar, vivida por um gémeo. O encontro intersubjectivo entre o entrevistador e entrevistado, e o que é contado, ouvido e transformado, possibilitou a compreensão de que a identidade é um processo mutável, que se vai

construindo, não só na relação com o outro, mas também na representação que vai sendo elaborada desse outro em simultâneo com o próprio.

A representação que o sujeito tem acerca de si, e do outro depende dos mecanismos de identificação e diferenciação que actuam na relação e que, consequentemente conduzem à ocupação de um lugar, e à construção de uma identidade individual. Os resultados evidenciam, que a família ocupa um lugar central na configuração identitária de um sujeito gémeo, promovendo ou impedido que cada um se constitua como separado. A narrativa torna-se o meio através do qual a experiência é partilhada, ao contar a sua história o sujeito atribui-lhe significado, a reflectir acerca si, e das relações que estabeleceu, o sujeito narra quem ele é.

O estudo não procurou de inferir generalizações universais acerca da relação gemelar, mas sim aceder à experiência subjectiva de cada um dos gémeos, e compreender como é que cada um dos sujeitos se representa, e se pensa na sua individualidade. Todos os sujeitos contribuíram com histórias únicas, com as quais tive a oportunidade de me relacionar. Tive o privilégio de escutar o que para cada um significa ser gémeo, e como cada um vive esta relação tão particular.

Por fim, é possível concluir que o projecto inicialmente fantasiado se foi construindo, em cada uma das etapas houve um crescimento pessoal não só com foi sendo revelado através da literatura existente acerca dos gémeos, e da relação, mas com o que pude apreender através da partilha de experiências, com as histórias que me foram contando acerca de si e da relação que partilham. Pensar uma relação, e o que ela implica, só pode ser possível de ser contado na primeira pessoa, e sem dúvida que pensar em conjunto com sujeito, se tornou transformador.

Em suma, considera-se que o presente estudo foi enriquecedor, e que o método da Entrevista Narrativa em Associação Livre (FANI) permitiu uma melhor compreensão do sujeito que vive a relação, e do impacto da relação na configuração identitária. O estudo permitiu também uma reflexão acerca da relação, e a necessidade de se pensar a relação em contexto terapêutico, mas precisamente na transferência.

Sugerem-se como estudos futuros acerca do tema, e recorrendo ao mesmo tipo de metodologia utilizada, em populações com gémeos, que seria de igual modo útil, a realização de um estudo longitudinal tendo em conta o período da adolescência, e posteriormente a idade adulta, procurando compreender se existem alterações na dinâmica relacional influenciadas pelo período do desenvolvimento e o seu impacto na construção da identidade; seria também pertinente a realização de um estudo recorrendo

a gémeos com outros irmãos, procurando compreender qual o lugar ocupado pelo irmão na relação gemelar. Considera-se também interessante, a utilização do mesmo método, na análise de entrevistas com pais de gémeos, destacando o papel da transmissão psíquica no vínculo e na qualidade da relação estabelecida, e o seu impacto na formação da identidade; seria também interessante, e recorrendo novamente ao método utilizado compreender as diferenças relativas ao género, compreender as diferentes expressões no masculino e no feminino quanto aos vários processos identitários.

REFERÊNCIAS

- Ablon, S. L., Harrison, A. M., Valenstein, A. F., & Gifford, S. (1986). Special Solutions to Phallic-Aggressive Conflicts in Male Twins. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 41, 239-257.
- Abrams, S., Neubauer, P. (1994). Hatman's vision: identical twins and developmental organisation. *Psychoanalytic Study of the Child*, 49, 49-59.
- Arlow, J. A. (1960). Fantasy Systems in Twins. *Psychoanalytic Quarterly*, 29, 175-199.
- Bernier, J. (2005). L'influence du facteur gémellaire sur l'acquisition d'une identité distincte.
- Blos, P. (1967). The Second Individuation Process of Adolescence. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 22, 162-186.
- Brustia, P., Gerino, E., & Rollé, L. (2013). Costruzione dell'identità e sviluppo emotivo nelle coppie gemellari: effetti sul benessere nel ciclo di vita. Identity construction and emotional development in twin pairs: Effects on health in the life cycle. *Psichiatria e Psicoterapia*, 32(3), 181-196
- Burlingham, D. (1952). *Twins: a study of three pairs of identical twins*. Oxford, England: International Universities Press.
- Burlingham, D. (1963). A Study of Identical Twins—Their Analytic Material Compared with Existing Observation Data of their Early Childhood. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 18, 367-423.
- Burlingham, D. (1967). Empathy Between Infant and Mother. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 15,764-780.
- Burlingham, D. T. (1946). Twins—Observations of Environmental Influences on their Development. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 261-73.
- Burlingham, D. T. (1949a). The Relationship of Twins to Each Other. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 357-72.

- Burlingham, D. T. (1949b). Twins—as a gang in miniature. In K. R. Eissler, K. R. Eissler (Eds.), *Searchlights on delinquency; new psychoanalytic studies* (pp. 284-287). Oxford, England: International Universities Press.
- Conlon, J. L. (2009). *One-whole or one-half: A case study of an identical twin's exploration of personal identity through family perceptions*. Iowa State University.
- Davison, S. (1992). Mother, Other and Self—Love and Rivalry for Twins in their First Year of Life. *International Review Of Psycho-Analysis*, 19, 359-374
- Demarest, E. W., & Winestine, M. C. (1955). The Initial Phase of Concomitant Treatment of Twins. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 10336-352.
- Dibble, E. D., & Cohen, D. J. (1981). Personality development in identical twins: The first decade of life. *The Psychoanalytic Study Of The Child*, 3645-70.
- Elkisch, P. (1957). The Psychological Significance of the Mirror. *Journal Of The American Psychoanalytic Association*, 5235-244.
- Engel, G. L. (1975). The Death of a Twin: Mourning and Anniversary Reactions. Fragments of 10 Years of Self-Analysis. *International Journal Of Psycho-Analysis*, 56, 23-40
- Erikson, E. H. (1993). *Childhood and society*. WW Norton e Company
- Falk, A. (1975). Identity and Name Changes. *Psychoanalytic Review*, 62(4), 647-657.
- Freud, S. (1921). Group Psychology and the Analysis of the Ego. In J. Strachey (Ed. and Trans.), *The standard edition of the complete psychological Works of Sigmund Freud* (Vol. 18, pp. 65-144). London: Hogarth Press, 1955.
- Freud, S. (1999). The Psychogenesis of a Case of Homosexuality in a Woman (1920). That Obscure Subject of Desire: Freud's Female Homosexual Revisited, 13.
- Gentile, J. (2007). Wrestling With Matter: Origins of Intersubjectivity. *Psychoanalytic Quarterly*, 76(2), 547-582
- Glenn, J. (1974). Twins in Disguise. II. Content, Form and Style in Plays by Anthony and Peter Shaffer. *International Review Of Psycho-Analysis*, 1373-381.

- Grotstein, J. S. (1978). Inner Space: Its Dimensions and its Coordinates. *International Journal Of Psycho-Analysis*, 59, 55-61
- Hollway, W. & Jefferson, T. (2000). *Doing qualitative research differently: Free association, narrative and the interview method*. London: Sage.
- Hollway, W. (2010). Relationality: The intersubjective foundations of identity. *The Sage Handbook of Identities*, London: Sage Publications.
- Jacobson, E. (1964). *The self and the object world*. New York: International Universities Press
- Joseph, E. D., & Tabor, J. H. (1961). The Simultaneous Analysis of a Pair of Identical Twins and the Twinning Reaction. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 16, 275-299
- Karpman, B. (1953). Psychodynamics in A Fraternal Twinship Relations. *Psychoanalytic Review*, 40(3), 243-267.
- Klein, B. (2012). *Alone in the Mirror, Twins in Therapy*. New York: Routledge
- Kohut, H. (1971). *The Analysis of the Self*. New York: International Universities Press.
- Lachmann, F. M. (2004, December). Identity and self: Historical antecedents and developmental precursors. *In International forum of psychoanalysis* (Vol. 13, No. 4, pp. 246-253). Taylor e Francis Group.
- Leonard, M. R. (1961). Problems in identification and ego development in twins. *Psychoanalytic Study of the Child*, 16, 300-320
- Lichtenstein H. *The dilemma of human identity*. New York
- Mahler, M. (1982). *O Processo de Separação-Individuação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Mahler, M., Bergman, A., & Pine, F. (1975). *The psychological birth of the infant: Symbiosis and individuation*. New York: Basic, 263.
- Milora, M. T. (2001). Creativity, "Twinning," and Self-Destruction in the Life and Work of Tennessee Williams. *Journal Of Applied Psychoanalytic Studies*, 3(2), 127-148.

- Milton, J. (2006). Review of The twin in the transference. *The International Journal Of Psychoanalysis*, 87(6), 1728-1732
- Minolli, M. (2004, December). Identity and relational psychoanalysis. *In International Forum of Psychoanalysis* (Vol. 13, No. 4, pp. 237-245). Taylor e Francis Group.
- Muller, J. (1985). Lacan's Mirror Stage. *Psychoanalytic Inquiry*, 5(2), 233-252.
- Neubauer, P. B. (1983). The Importance of the Sibling Experience. *Psychoanalytic Study Of The Child*, 38, 325-336
- Ogden, T. H. (1979). On Projective Identification. *International Journal Of Psycho-Analysis*, 60, 357-373.
- Orr, D. W. (1941). A psychoanalytic study of a fraternal twin. *Psychoanalytic Quarterly*, 10, 284-296.
- Ortmeyer, D. H. (1970). The We-Self of Identical Twins. *Contemporary Psychoanalysis*, 6(2), 125-142.
- Osti, Natalia Monti Di, & Sei, Maíra Bonafé. (2016). A importância da família na clínica infantil: um ensaio teórico-clínico. *Temas em Psicologia*, 24(1), 145-157.
- Padula, A. (2015). In the other's skin: Aspects of identification in a young child observation of a twin. *Infant Observation*, 18(2), 143-153.
- Pietilä, S., Björklund, A., & Bülow, P. (2013). “We are not as alike, as you think” sense of individuality within the co-twin relationship along the life course. *Journal of Aging Studies*, 27(4), 339-346.
- Piontelli, A. (1989). A Study on Twins Before and after Birth. *International Review Of Psycho-Analysis*, 16, 413-426.
- Principe, C. P., Rosen, L. H., Taylor-Partridge, T., e Langlois, J. H. (2013). Attractiveness Differences Between Twins Predicts Evaluations of Self and Co-twin. *Self e Identity*, 12(2), 186-200.
- Robin, M., Josse, D., & Tourette, C. (1988). Mother-twin interaction during early childhood. *Acta Geneticae Medicae et Gemellologiae: Twin Research*, 37(2), 151-159.

- Segal, N. L. (1999). Entwined lives: twins and what they tell us about human behavior. *Twin research*, 2(4), 291-292.
- Seligman, S. e Shanok, R. (1995). Subjectivity, Complexity and the Social Worlds: Erikson's Identity Concept and Contemporary Relational Theories. *Psychoanalytic Dialogues*, 5(4), 537-566.
- Stewart, E. A. (2000). The comparative constitution of twinship: strategies and paradoxes. *Twin Research: The Official Journal Of The International Society For Twin Studies*, 3(3), 142-147
- Tancredy, C. M., & Fraley, R. C. (2006). The nature of adult twin relationships: An attachment-theoretical perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 90(1), 78.
- Tausk, V. (1933). On the origin of the "influencing machine" in schizophrenia. *The Psychoanalytic Quarterly*.
- Winestine, M. C. (1969). Twinship and psychological differentiation. *Journal Of The American Academy Of Child Psychiatry*, 8(3), 436-455.
- Winnicott, D. W. (1958). Formulación teórica del campo de la psiquiatria infantil. In *Donald Winnicott: Obras Completas*. Acedido em 20 setembro de 2017 em <http://www.psicoanalisis.org/winnicott/formula.htm>
- Yin, R. (2001). *Estudo de caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman
- Zazzo, R. (1960). Les jumeaux le couple et la personne.
- Zepf, S. (2009). Modes of Identification: Freud's Concepts Reorganized. *Scandinavian Psychoanalytic Review*, 32(1), 44-55.

ANEXOS

ANEXO A – NARRATIVA DE FILIPE LUÍS

Como é para si ser gémeo?

O ser gémeo é algo que em primeiro é muito natural, nunca pensei... eu como nós não tivemos mais irmãos, por isso não sei a relação com outro irmão, por isso, para mim foi sempre muito natural, nascer gémeo, com um irmão gémeo, embora a determinada altura da minha idade, eu tivesse preferido não ser gémeo, porque existe sempre uma... entre todas as relações que se vai estabelecendo, e os contactos com outras pessoas, até na forma como nos, como, como, começamos quando fomos estudar, quando começamos a trabalhar, quando começamos a namorar, todas as fases da vida, sempre achei que havia ali quase um problema de identidade, ou um pouco porque, o ser gémeo tem coisas muito próprias, porquê?, porque nós, e até uma determinada altura vivíamos 24 horas por dia juntos, porque dormíamos no mesmo quarto, acordávamos à mesma hora, íamos para a mesma escola, comíamos à mesma hora, tínhamos a mesma coisa, tínhamos os mesmos pais, vivíamos na mesma casa, por isso, chegou a uma altura, uma fase, em que eu as vezes me perguntava, como é que é ser gémeo?, é bom, é mau?, e eu se calhar teria pensado, ou pensado, o que teria sido diferente se, eu tivesse um irmão mais novo ou mais velho, ou que me ensina-se ou mostra-se as coisas, ou eu ser o mais velho e ensinar ao outro, passar eu primeiro pelas coisas, e não passar em conjunto, porque aquilo era a aprendizagem era para os dois, depois via-se, depois havia aquela coisa, se o outro estava-se a sentir bem com aquela experiencia, se não se estava a sentir bem com aquela experiencia, e havia sempre aquela... mais ansiedade, que não haveria, se não estivéssemos a viver em conjunto aqueles momentos. Por isso, eu acho que, as coisas também há uma fase, em que muda radicalmente, porque nós vivemos como gémeos, verdadeiros gémeos, até à altura em que casamos, porque até lá... só depois de casarmos é que começamos a discutir uma relação como irmão, até lá não era bem uma relação como irmão era irmão... e continua a ser, mas... dada a proximidade tão grande, aquelas vivências todas em conjunto, só quando começamos a namorar, tivemos algum afastamento, porque nós até para a faculdade fomos para a mesma faculdade, que é uma coisa incrível (risos), porquê?, porque tínhamos os mesmos amigos, inscrevemo-nos na mesma faculdade, entramos na mesma faculdade, tivemos, até na faculdade tivemos os mesmos amigos... só depois quando começou a haver aqueles namoros mais sérios, é que começamos cada um a seguir, a ter as suas vivências

mais próprias, e depois quando nos casámos, é que eu me apercebi, o que é que era se calhar viver com um irmão de idades diferentes, porque tínhamos a nossa vida, já vivíamos em sítios diferentes, começamos a trabalhar em empresas diferentes, isso não trabalhamos na mesma empresa. Começamos a ter, a ver a vida como se calhar, de uma maneira diferente, porquê?, porque já não estávamos juntos, já não sentia aquele..., um tava mais preocupado, ou um tava mais feliz, e a nós não nos apetece estar feliz porque algo está a acontecer, mas depois não podemos mostrar cara feia para não estragar o momento do outro, e aquelas coisas todas, que eu acho que todas os gémeos passam, por isso às vezes aquela estupidez, que é, tu sentes quando o teu irmão..., claro que se sente, porque se está ali, agora acho que não existe pressentimento, é uma forma de expressão, há uma forma de expressão, mas como as vivências são tão próximas e os, embora que tem uma coisa muito peculiar, eu e o meu irmão somos pessoas completamente diferentes, mas radicalmente diferentes, a forma como vemos o mundo, a forma como encaramos os problemas, como vemos as coisas, os gostos musicais, os gostos alimentares, a forma de vestir nem tanto, mas, somos, somos, somos considerados totalmente diferentes, até a forma como, sei lá, como vivemos, como um é mais reservado, o outro é mais expansivo, o outro é mais, pronto mais isso faz parte, os gémeos, quando se pensa que quando nascem são exatamente iguais dentro e fora, por dentro e por fora e não é verdade, eu e o meu irmão..., claro que temos as mesmas..., nós tivemos a mesma educação, por isso temos a mesma forma de ver alguns problemas e como é que, os mesmos valores, mas depois os gostos pessoais somos bastante diferentes, somos bastante diferentes!

E sempre foram assim?

Não sei, quando somos mais novos, acho que na altura não estamos preparados para perceber isso, mas, visto agora de fora já éramos diferentes na altura, já éramos, como interagíamos, como..., sim acho que éramos diferentes, começou-se a notar mais numa fase mais adulta, mas aaaaa... mas o meu irmão é diferente, na forma..., na forma como..., não sei, até nas relações que estabelece, nos gostos musicais, eu não gosto nada de algumas coisas que ele ouve, ele não gosta de algumas coisas que eu oiço, por isso..., mas quando éramos miúdos, em miúdos até vestidos de iguais andávamos, (risos), até uma certa idade, por isso aquela identidade, ou a falta da mesma notava-se, por isso é que parecíamos dois em um não é, “o dois em um”, depois na escola éramos os gémeos, que é original e a fotocópia, por isso aquilo..., não de uma forma intuitiva o

que se perceba, mas tá sempre lá qualquer coisa que somos quase o mesmo, e aquilo está ali sempre atrás, não de uma forma permanente ou de uma forma sempre para nos apontar o dedo, mas sem querer de uma forma inconsciente acho que estamos sempre ali, ali atrás, quando chegamos, chegamos dois, quando vamos a qualquer coisa, quando convidas um convidas o outro, eu nunca tive uma pessoa, só no tempo agora de já de faculdade que tinha amigos que não eram meus amigos e eram do meu irmão, mas até ai, os meus amigos eram os mesmos que os do meu irmão, por isso logo ai, nós não tínhamos grupos diferentes, e faz com que o caminho se faça sempre junto, e que é perfeitamente normal, que nunca se..., mas em dados momentos apercebi-me que gostava de ter experimentado, porque não é gostar de ser, mas por querer saber o que é que seria não ter um irmão gémeo, e como diz agora a minha mulher “a tua filha está agora numa idade de, de começar a andar sozinha”, eu comecei a andar sozinho a partir dos 11, “não tu nunca andavas sozinho, tu andavas sempre com o teu irmão” (risos), “eram sempre dois, e não sei quê, por isso, e é verdade, e às vezes esqueço-me eramos sempre dois, e eu agora que já casei à quase 20 anos, por isso à 20 e tal anos que estamos separados realmente, no espaço físico, mas agora quando penso, realmente, andávamos sempre juntos, sempre juntos, havia aquela, quando começamos a namorar só tínhamos um carro, quem é que levava o carro, depois aquilo já começou a ser..., e era engraçado e agora quando penso mais um bocadinho, realmente fizemos toda a nossa vida, ou parte da nossa vida até aos 20 e tal anos sempre lado a lado, sempre a viver os momentos bons e momentos maus, que é engraçadíssimo, que acaba por ser uma coisa, por isso é isto que eu sinto do que é que é ser gémeo. E depois existe uma grande cumplicidade, porque eu basta olhar para ele e saber o que é que lhe vai na cabeça, se aquilo lhe está a agradar ou não está a agradar de todo, se está..., por isso existe isso, existe, e faz com que uma pessoa às vezes sofra mais porque está sempre, como qualquer, agora já nem tanto, mas lembro-me há uns anos, estávamos no mesmo espaço, num momento mais difícil, profissional seja, para um teste seja não sei quê, e aquilo, a troca de olhares, nós víamos logo o que é que cada um estava a sentir naquele momento, e depois preocupávamos-mos, ou deixávamos-mos tranquilos, mas havia sempre aquele cuidado, e deixava-nos sempre muito mais, que era... e quem não tem um irmão tão próximo não tem essa preocupação, vai viver a sua vida sozinho naquele momento, e os gémeos já acho que não é assim, estão sempre a olhar para o lado, ou à procura de apoio, ou a ter que dar apoio, seja o que for, por isso é assim que eu vejo a minha relação, ou esta condição de ser gémeo.

Dizia há pouco se na infância vestiam as mesmas roupas...

Vestíamos a mesma roupa até uma certa idade! Que nunca gostamos!
Às tantas tive que dizer há minha mãe que já não gostava daquilo.

A minha pergunta se calhar seria, as pessoas claramente vos acham idênticos, como é que vos distinguem, se isso é claro para vocês?

Olha isso é uma coisa engraçada, porque nós sabemos, eu e o meu irmão somos gémeos verdadeiros, e somos mesmo iguais, nós começamos a ficar ligeiramente, fisicamente diferentes quando começamos a ter hábitos alimentares mais desregulados, um engordou mais, e não sei quê, mas agora estamos outra vez muito parecidos, o meu irmão estava um bocado mais forte, agora está, também está muito parecido, por isso as pessoas não distinguem. Eu lembro-me que íamos a casa dos meus avós, que era uma coisa que me irritava, aquilo é uma piada, mas depois aquilo..., o meu avô chamava Filipe mas não estava a chamar o Filipe, há outra coisa o meu irmão é Filipe Luís e eu sou Luís Filipe, por isso, ainda por cima trocamos aí os nomes, por isso na família toda, tanto os irmãos do meu pai e da minha mãe ninguém sabia quem era o Filipe e quem era o Luís, aquilo era o que lhes aparece-se à mão, tanto chamavam Filipe a mim como ao Luís, isso sempre foi uma coisa um bocado irritante, porque até certa altura não me fazia espécie, queria lá saber, mas depois, lá está é aquela identidade que nós, não tínhamos uma identidade única era a identidade do par, era o Filipe era os dois, o Luís eram os dois, e não havia, ninguém distinguia, os amigos, que já vivíamos diariamente, já começavam..., claro que distinguem, mas os professores não distinguem na aula, porque nós andamos sempre na mesma turma, só no 7º ano é que nos separamos, depois voltamos a juntar-nos a seguir, mas ninguém distinguia, por isso, isso ainda provoca mais..., é sempre o par, ninguém sabe muito bem com quem está a falar, e quando chega ali ao momento, tirando a parte os meus pais, que distinguem claramente e depois os amigos, os amigos verdadeiros depois já distinguem, porque nós eramos fisicamente muito idênticos, muito muito idênticos, e isso, pronto...depois aquela coisa do gémeo e da fotocópia, nós era, o chamar era “óóó gémeo anda cá”, já nem quase, até uma certa idade era o gémeo, não havia o Luís, nem o Filipe, quase que me esquecia, às vezes de como me chamava, por isso tem essa parte engraçada, mas essa parte da confusão sempre existiu, e ainda hoje existe muito, agora mais até porque nós trabalhamos em áreas completamente diferentes, e quando me cruzo com colegas do trabalho do meu irmão ainda me cumprimentam como se fosse o meu irmão, e ao

contrário também acontece, já tivemos..., o meu irmão reage melhor do que eu, eu até, o meu irmão até se irrita comigo, mas são momentos às vezes tão inusitados que aquilo é est..., não sei lidar muito bem, eu pre..., se me cumprimentar ao longe eu sou capaz, eu comprimento para não ficar mal, depois se há mesmo uma abordagem, e eu claro que depois desfaço, mas se foi assim, às vezes a apanham-me de surpresa, como já foi, estava noutra outro país, não estava nada à espera daquilo, à entrada de um avião alguém me dá dois beijos assim de repente, e nós ficamos com aquilo e ficamos assim um bocado, como é que vamos reagir, não é a mim que me conheces é ao meu irmão, mas aquilo foi um momento fugaz, olá ta bom, e foi-se embora, epá nem tive tempo de desfazer aquilo, depois telefono logo ao meu irmão, olha ouve lá, não sei quem é que era...e... quer dizer fiquei com aquilo, telefonei ao meu irmão e disse olha cumprimentei alguém, o que aliás fui cumprimentado e nem sei, e o meu irmão hee é sempre o mesmo não disseste, agora deixaste me numa situação se calhar chata, pronto mas isso do ser muito parecido ao longo da vida trouxe-nos ai momentos divertidos e outros momentos menos divertidos. E é isso.

Já agora por curiosidade, quer contar-me mais acerca dos vossos nomes?

Os meus pais, acho que foi..., a ideia foi do meu pai, por ser gémeos queriam dois nomes próprios que dessem para trocar e que jogassem bem, e até foi uma irmã da minha mãe que estava no nascimento e que escolheu estes, e os meus pais, há é giro, eu gosto mais de ser Luís e o meu irmão Filipe, por isso calhou bem, mas é engraçado porque até já trouxe problemas por exemplo, uma vez no abono de família, foi cortado um abono de família, porque a senhora que estava na Segurança Social ao ler rápido viu Luís Filipe, Filipe Luís, mesma data de nascimento, os mesmos pais, “há isto está duplicado”, e tirou uma só ficou a outra, o meu pai “possa só recebe um”, foi lá, “há deve ter havido um erro”, porque aquilo estava repetido, por isso, foi propositadamente escolhido para se fazer esse trocadilho.

Ambos têm o nome um do outro.

Temos, há ali aquela ligação, o meu pai sempre quis que os dois ficassem ali ligados, para se saber, tem essa curiosidade...

Não sei se quer acrescentar alguma coisa.

Não. São 46 anos de condição de gêmeo, feliz, e temos uma relação ótima, uma relação muito próxima, claro que o próximo, depois cada um seguiu a sua vida, é saudável, não ficamos ali com aquela coisa de que os gêmeos têm de viver juntos para sempre, não foi nada disso, acho que houve aquele momento de, que custou, porque aquilo era como nós vivêssemos ali juntos, não há esta condição para mais ninguém, por isso houve ali quase uma separação, e que não foi fácil, não..., foi uma quebra de hábitos de rotinas e tudo mais, como me custou afastar os meus pais não é, nós vivíamos ali juntos, por isso é que há um momento em que cada um segue o seu caminho, cada um seguiu o seu, por acaso vivemos na mesma cidade, mas podíamos ter ido para sítios completamente diferentes, estamos aqui próximos, há telefones, todos os fins-de-semana estamos juntos, porque temos o hábito de ir comer todos os sábados, almoçar a casa dos meus, dos nossos pais, estamos sempre em família lá com os filhos de ambos e por isso tem sido..., tem sido bom até agora. Pronto!

ANEXO B – NARRATIVA DE LUÍS FILIPE

Como é para si ser gémeo?

Para mim não foi..., pra mim foi um crescer com um irmão da mesma idade... que se tornou para além de irmão, o meu melhor amigo, podíamos..., como andámos sempre juntos podíamos, percebíamos sempre, tínhamos as mesmas relações de amizade, estivemos no mesmo ciclo, andamos sempre na mesma escola, e portanto, mesmo que não quiséssemos partilhar, partilhávamos assim sem eu saber, e portanto... também os gostos eram muito semelhantes, as pessoas, o ciclo de amigos e, e pronto, portanto ai foi bom. Houve um processo menos bom, porque a parte da identidade de cada um não é?, quando se é gémeo, e se é muito parecido, perde-se um bocadinho da identidade, em que ou é o gémeo, ou a fotocópia, e como o meu irmão e eu temos nomes trocados, tínhamos momentos em que se chamava por um, e os dois tinham que olhar, e depois as próprias pessoas não distinguiam um do outro, isso é que era a parte menos boa, nós parece que não, mas eramos um só, e não eram duas pessoas, essencialmente era isso. De resto, essa foi a principal parte, a parte boa é que tínhamos a mesma idade, podíamos partilhar, até a mesma faculdade, entramos no mesmo ano, fomos para a mesma faculdade, só nos separamos mesmo fisicamente quando fomos para o mercado de trabalho, isso foi sempre bom, e mesmo depois, porque como eu disse para além de sermos irmãos tornamos nos grandes amigos, partilhámos a nossa vida, e continuamos a partilhar nos dias de hoje. A outra parte menos boa de ser gémeo, menos boa, é nós perdermos um bocadinho o nosso eu, porque as pessoas, quando as pessoas nos conhecem, quando as pessoas nos conhecem há muitos anos ainda nos confundem, ainda nos abordam, e “há desculpa enganei-me outra vez”, e, a outra parte mais engraçada é que as pessoas estão nos sempre a confundir também, engraçado, eu lido bem com isso, o meu irmão não lida tão bem, mas hã... há muitas pessoas que me abordam, durante o dia, durante, durante o fim-de-semana, e o que é preciso é, “pronto está a confundir, ok” uma pessoa brinca, brinca um bocadinho com isso, quando é mais a nível profissional pode ser complicado quando nós nos apercebemos que estamos a ser abordados, cumprimentados, e as pessoas podem interpretar mal, “no fim-de-semana é assim e à semana é outra pessoa”, pode levar a esses riscos, de resto, não... não tem..., a minha relação, o ser gémeo para mim, sempre foi um coisa benéfica, benéfica no sentido em que tinha um irmão, como muitos outros têm, o meu é da minha idade, e podemos nos apoiar muitas vezes em situações escolares, situações menos boas,

podemos... aconselhamos nos mutuamente e dizemos “olha não sigas esse caminho, não faças essa opção”, porque andávamos sempre juntos, é só mesmo por causa disso. Foi um processo, para mim foi normal, saber que é gémeo, sim, e nunca o escondi, e pelo contrário e,.. “há gostas de ser gémeo, não gostas de ser gémeo?”, sim gosto, nunca tive problemas com isso, porque tenho um bom irmão, porque se fosse um irmão mau era exactamente igual. A parte mais custosa nos gémeos, digo eu, é deve de ser, quando os gémeos são fisicamente mais parecidos, é que se perde o eu, porque quando temos amizades, e quando temos o mesmo tipo de educação e formação, temos os mesmos gostos, temos os mesmos amigos, os próprios amigos tanto confiam num como confiam no outro, e quando confundem, confundem e não se preocupam em confundir, nunca têm depois o cuidado de depois não confundir mais, e é essa parte menos boa.

As pessoas não conseguem distinguir-vos?

Quem tem o cuidado de estar atento, as pessoas que convivem mais diariamente connosco, neste momento não é diariamente, porque, a parte profissional, não faz com que estejamos tão frequentemente juntos, mas as pessoas quando nos veem juntos, têm algum cuidado, as pessoas conhecem, mas a confusão existe sempre, só não existe para os meus pais, e felizmente para as mulheres, hã..., mas continua a existir, continua a existir, os amigos mais próximos esses não confundem, porque há traços já agora, sei lá, maneira de estar, maneira de vestir, não confundem, há muitos que continuam a confundir nos dias de hoje, e nem fazem grande esforço “há é contigo, não foi com o teu irmão que tive”, porque depois ele passa a ter amigos só dele, eu passo a ter amigos só meus e aí não há confusão, porque as pessoas sabem perfeitamente, os traços, há traços que são evidentes, mas para uma pessoa que vê, apesar de ser aquela amizade de infância, e que se vê de vez em quando acaba por confundir. A outra parte são as pessoas que não sabem que nós somos gémeos, e pronto, veem ter comigo e, a pensar que eu sou o meu irmão, e ao contrário, por exemplo, pessoas que mesmo assim, que sabem que tenho um irmão gémeo acabam por vir ter comigo a pensar que sou ele, e ao contrario é exactamente igual, esse é uma parte engraçada que a pessoa brinca um bocadinho, mas às vezes é um bocadinho... será que se cumprimenta ao longe, cumprimento também ao longe, pronto normalmente o que eu faço é quando me abordam cumprimento como se nada fosse, porque se fosse a ir ter com as pessoas sempre que me abordam era mais complicado, se for ao longe tudo bem, se for próximo tenho o cuidado de esclarecer ficar com o nome da pessoa para depois dizer ao meu

irmão que fui abordado, o meu irmão já não tem esse cuidado. Ele é diferente nisso. Faz-lhe um bocadinho de confusão, e tem algum problema desse contacto, o problema dele não, às vezes já me telefonaram a dizer “ semana passada passaste por mim e não me disseste nada”, e eu digo “o quê? Onde? olha era o meu irmão gémeo”. Já aconteceu profissionalmente com clientes que não acreditaram, e muitos deles não acreditam, eu telefono ao meu irmão para ele saber que é mesmo verdade, portanto às vezes podem haver mal entendidos, e há pessoas que depois não o dizem e pensam “à semana é uma pessoa e ao fim-de-semana é outra, quer dizer não me conhece ao fim-de-semana”, quer dizer profissionalmente e tudo, às vezes podem haver mal entendidos e podem continuar mal entendidos sem eu saber, não é, se disser esclareço logo se não disser pode ficar sempre com aquela coisa, realmente não é a pessoa que eu pensava, isso acontece.

O que é que me pode contar mais sobre a vossa relação? Sempre foram próximos?

Sim porque nós andamos sempre na mesma escola, sempre desde a primária, sempre juntos, sempre juntos, depois quando mudamos no nosso 7º ano que agora é o 3º ciclo, quando mudamos de residência os nossos pais decidiram, e bem, e bem, fazer uma separação, tipo tu vais para uma turma, ele outra, porque mais tarde vai ser difícil, pode ser difícil para vocês deixarem de ser tão unidos, continuam unidos mas cada um segue o seu caminho, podem ter opções diferentes, académicas e tudo, só que por acaso resultou mal, nesse ano, apesar de os meus pais acharem que foi por estarmos separados, mas não, mudamos de residência fomos para turmas diferentes, fomos para turmas problemáticas, também na altura foi um bocado..., ok está na altura de nos baldarmos um bocadinho..., e chumbamos os dois curiosamente, em turmas diferentes, e os meus pais associaram logo por nos terem separado, e sentiram-se ali um bocado culpados e decidiram vamos junta-los outra vez, não foi nada disso, nós também nunca tivemos, não tivemos o cuidado de dizer não era por ai, e voltamos a estar juntos, para castigo nosso, no mesmo 7º ano, foi bom para nós estarmos juntos. Nós estávamos juntos na escola, só não estávamos na mesma turma. E depois todo o processo foi até ao 12º ano juntos, concorremos ao ensino superior, optamos sempre por universidades ou faculdades diferentes, ele concorria a uma um concorria a outra, porque nós os dois queríamos o mesmo curso, ainda por cima, e um concorria a uma o outro concorria à outra e, se acontecesse não entrarmos numa pública concorríamos para uma privada e só concorremos a uma igual, e pronto, e entramos nessa, ficamos juntos, ficamos juntos na mesma faculdade, no mesmo curso, na mesma turma, e depois ao longo do semestre,

porque aquilo era por semestre, encontrávamos nos porque as aulas eram sempre ao mesmo tempo e ele acabou meio ano mais cedo só, portanto foi essa a diferença, depois curiosamente quisemos tirar, quisemos não, porque na altura o mercado de trabalho, quando a tropa estava por resolver, um bocado complicado o mercado de trabalho resolvemos ir para a IP, tirar uma pós graduação, numa área completamente diferente, sendo que à área de logística concorreremos os dois, e éramos 200, e só haviam 6 vagas entramos os dois. E profissionalmente, a primeira experiência profissional de cada um foi na área de logística, éramos concorrentes um do outro, e pronto ai já foi mais... eu fui para outras áreas profissionais, e ele foi para áreas parecidas mas foi até aos nossos 24, 25 anos quase sempre juntos, até o meio de transporte era o mesmo, os meus pais quando eu tirei a carta deram nos um carro usado para usarmos os dois, porque íamos para a faculdade, no fim-de-semana os amigos eram os mesmos íamos sempre aos mesmos sítios, a partilha era automática, era assim uma coisa completamente automática, e só quando entramos no mercado de trabalho mesmo no mercado de trabalho, continuamos a partilhar o carro na 1ª experiência profissional, um deixa o outro, mas depois ai não cada um pelas zonas geográficas que ficavam cada uma das empresas ai não, mas a partir dai não. Depois com o vir das namoradas, e pronto, apesar de as namoradas se conhecerem sempre, o ciclo manteve-se sempre igual, e as namoradas vinham desse ciclo de amizades, e de outro ciclo de amizades, mas vinham sempre em conjunto, as namoradas conheciam-se. Depois desta relação, há o casamento, casamos no mesmo dia porque a minha mãe pediu nos se pudesse ser porque para ela era simbolicamente importante saber que saíamos os dois de casa ao mesmo tempo, portanto na altura foi uma despedida em conjunto, e uma união comemorada em conjunto, e na altura as namoradas não se importaram e até acharam uma excelente ideia, fomos de lua-de-mel, e não, não fomos para o mesmo sitio juntos, casamos no mesmo dia, e até hoje continuamos a fazer não diariamente porque é impossível mas continuamos a estar juntos muitas vezes e até porque os pais têm o gosto de fazer as almoçadas aos fins-de-semana e tamos muitas vezes juntos e continuamos com uma relação próxima, e muito próxima e pronto, cada um..., as vidas também com filhos e tudo, continuamos a juntar, a família tem o cuidado, também é um ponto importante, a noção de família, continuar a manter, e a família para nós é importante, continuarmos a estar juntos, os filhos de um e de outro estão muitas vezes juntos, privilegiamos isso, e como nos damos bem e continuamos a dar bem é natural que nos encontremos é natural que nos juntemos pelos filhos, por nós, actividades, jantares e acabamos por estar

juntos, não com a frequência que queríamos porque isto hoje a vida que se tem é mais complicado porque de resto a relação é próxima e quer dizer posso acreditar que há outro tipo de relações, mas, o ser gémeo ajudou que também, por ser da mesma idade, por andarmos sempre muito próximos porque até a escola assim o obrigava, podíamos não andar, no mesmo ano, nas mesmas escolas era natural andarmos sempre nas mesmas escolas, fez com que andássemos sempre muito próximos, com irmãos com idades diferentes, pode acontecer que não sejam tão próximos, ou não mas pode haver isso, aqui é um processo que acho natural, portanto, para mim foi natural, portanto, e para ele, portanto não sei o que é se passa com outros gémeos, nunca fiz essa pergunta nunca questionei, e depois não tem aquilo que o outro tá a sentir, nada disso, isso é brincadeira, isso é um mito urbano, para mim é, aquela sensação há tá a acontecer qualquer coisa com o meu irmão, não essa pergunta que se faz a todos os gémeos, se sentem a dor do outro, se têm pressentimentos, não, não nunca! Nunca peguei no telefone ao ponto de saber se ele estava bem porque pressenti, posso telefonar a saber se está todo bem, mas é uma pergunta natural, de resto sim, ser gémeo é fazer aniversário no mesmo dia, e de resto é um irmão e um amigo.

Há pouco referira-se à perda da Identidade, do Eu quer explicar-me melhor?

As pessoas que nos conheciam, e que nos conhecem e mais ainda, porque agora não é tão frequente estarmos juntos, a confusão acontece na mesma, a confusão acontece, só se formos com as nossas mulheres e aí já é fácil, aí sente-se na mesma que as pessoas não estão a identificar qual é um e qual é outro, quando o meu irmão estava muito magro e eu mais gordo era mais fácil, mas mesmo assim não sabiam tipo, aquele vê-se mesmo que é o Luís e aquele o Filipe, continua a existir.

Mas como é que o sentem agora?

Normal, os amigos, aqueles que se dão mesmo connosco conseguem, esses distinguem, agora há pessoas que por ser pouco casual estarmos juntos, ou porque não conseguem distinguir, ou porque não fazem esforço, isso continua a acontecer. Para mim já não faz qualquer impressão, mas no início quando uma pessoa quer crescer e quer o eu, eu sou eu o Filipe. Fisicamente é fácil perceber que somos parecidos, mas há traços dele que são dele e traços meus que são meus, se a pessoa for a olhar, repara-se bem. Até por marcas e outras coisas, há coisas que são evidentes, claro que somos parecidos e as pessoas ao olhar numa primeira impressão, de facto é, olá um olá outro e

é, quando estamos separados não é, porque normalmente, por exemplo agora, juntos é raro, ou menos provável estarmos juntos na rua e quando estamos as pessoas distinguem logo, mas quando estamos separados continua a acontecer, a altura quando estamos a crescer, quando somos crianças, e somos miúdos e depois adolescência e tudo, em que temos, em que queremos nos afirmar uma pessoa única com gostos parecidos ou não, ter amigos a dizer “Filipe, Luís?, há anda cá”, isso é complicado porque, até parece, que o amigo é amigo de um só, de uma única pessoa, mas quando são duas não é?, um tem um problema na altura, o outro pode não ter um problema na altura, isso sim, isso foi, acontecia que, as pessoas na escola, mesmo os colegas e tudo, eram os gémeos, fotocópia, cópia e fotocópia e não havia nomes, portanto ai sim, não me marcou, marcou, mas ai sim marcou tipo de “pa eu sou eu, o meu irmão é o meu irmão, se tu queres estar comigo é para estares comigo, se é para estares com o meu irmão é para estares com ele, se queres estar com os dois ao mesmo tempo chama pelos dois”, e não havia esse esforço, porque se calhar também para eles como a amizade era tão como para um como para outro, mas às vezes percebia-se mesmo, principalmente os colegas, já para não falar dos professores, são sabiam distinguir-nos, haviam professores que nem sabiam que estavam dois numa sala de aula, pensavam que era o mesmo, porque nós nunca ficávamos juntos, um ficava à frente outro ficava mais a atrás, mesmo nos testes, porque os nomes são trocados, nem se quer se apercebiam que eram duas pessoas trocadas, havia um ponto em que as pessoas chegavam ao final do ano e percebiam que existiam duas pessoas. A caligrafia era completamente diferente, tudo diferente, até porque, em termos de disciplinas quer dizer, sim, pode ser, temos mais ou menos parecido, havia uma ou outra que tirávamos notas diferentes, mas a caligrafia e tudo era diferente, chega a um ponto em que o nome é todo igual, do principio ao fim, só há a troca ao inicio, eles nem se davam ao esforço de se aperceber que eram duas pessoas que havia, e estamos a falar de secundário e de ensino superior, e mesmo em turmas diferentes, mesmo no semestre a seguir com os mesmos professores, “por aqui mas eu não o chumbei”, “pois não eu sei, eu ainda não estive cá”, “não pode ser, não pode ser”, e haviam pessoas que depois iam à outra sala ver o meu irmão, e diziam, “realmente é”, portanto isto, o ser, o ser, acho que o principal problema é sermos muito parecidos, se não fossemos parecidos.

Fisicamente?

Fisicamente, porque cada um tem a sua maneira de estar na vida, tem a sua maneira, a sua personalidade própria e diferente, e diferente, personalidades diferentes,

portanto quando temos personalidades diferentes, e aí, já na altura tínhamos algumas coisas que fazíamos com personalidade própria já havia isto, portanto, fisicamente, se fossemos mais diferentes, portanto tudo combinava, ok ninguém confundia, este sou eu e tenho esta personalidade, ainda bem que um é mais alto e o outro é mais baixo, um é mais claro outro é mais escuro, nunca havia essa do “óóó tu, coiso”, aí nunca aconteceria. Em termos de personalidade somos diferentes, fisicamente ainda somos parecidos. E agora que emagreci ainda somos mais parecidos. É por aí, tudo isto para dizer se, isto tudo, do ser gémeo “opa é fixe ou não é?”, “é igual aos outros, é como se tivesse um irmão, só que da mesma idade”, o único problema realmente é que os gémeos são sempre muito parecidos fisicamente, já não estou a falar quando eramos bebés e a minha mãe vestia-nos das mesmas cores, depois cada um vestia as suas roupas, podíamos escolher as nossas roupas, já tinha-mos o cuidado para não andarmos com a mesma roupa, ou com roupas parecidas, cada um tinha o seu gosto, e eram gostos parecidos por acaso, não havia um tipo de roupa que servia só ao Filipe, só usas esta e o Luís só usa essa, não, temos gostos parecidos, nunca tínhamos uma *t’shirt* comum, nunca trocamos de roupa, nunca, e também se calhar por aí, não havia um que só vestisse uma *t’shirt* com um símbolo e o outro não, houve sempre esta confusão de resto ser gémeo é, não tem traços especiais nenhuns.

Gosta de ser gémeo?

Sim gosto, gosto de ser gémeo, tenho um irmão da mesma idade, fizemos um percurso sempre juntos, aproximo-nos mais sermos da mesma idade se calhar, não tou a dizer que os outros irmãos não sejam próximos, e que tenham também o mesmo tipo de ligação, mas por sermos da mesma idade, desde pequeninos andamos sempre juntos. Porque andamos sempre juntos, podia ser uma coisa que foi forçada, mas não, foi uma coisa natural, andamos na mesma escola, quando mudamos não sabíamos que íamos para a mesma turma, os amigos também iam para a mesma turma, foi assim até à vida profissional foi isto, portanto, nunca quisemos estar separados, quisemos na faculdade, na faculdade quisemos, optamos mesmo, porque como eramos tão unidos podia ser mais prejudicial no futuro, porque futuro profissional podia ser outro, as experiências podiam ser outras e podíamos sentir mais a ausência um do outro, mas acabou por não acontecer. Profissionalmente estamos em áreas completamente diferentes, mas quer dizer, continuamos a viver os dois na mesma localidade, os pais muito próximos, portanto há distância de um *click* físico, não um *click* de telemóvel ou internet. Gosto,

gosto de ser gémeo, isto de ser gémeo, “gosto de ser gémeo? Não, gosto de ter um irmão da mesma idade, e que sempre me acompanhou, como poderia ter um irmão com 2 ou 3 anos de diferença, e a partir dos 9, 10 anos a aproximação ser igual, porque os irmãos, por isso é que os irmãos de idades diferentes acabam por ser, apoiam-se um ao outro, um é mais novo, o outro tem o cuidado de se preocupar mais, e acompanham-se e criam grandes cumplicidades, neste caso a cumplicidade sempre existiu desde o início, o ter nascido gémeo permitiu que andássemos sempre próximos, deste sempre e portanto sermos gémeos é, olha não tem nada a ver uma coisa com a outra, e acredito que não é, e somos, andámos sempre juntos, nunca nos quisemos separar, podíamos querer ou ter dito aos nossos pais para o fazer, não, foram eles que o quiseram fazer, mas não. Continuamos com a mesma relação, boa e de..., pronto é bom ser gémeo nesse aspeto.

ANEXO C – NARRATIVA DE CARMO

Como é para si ser gémea?

Sei lá, eu não sei o que é não ser gémea, a minha experiência sempre foi ser gémea, e para mim era uma coisa muito boa, boa mesmo, porque eu sabia que eu estava sempre protegida, ou seja, era eu e era a minha irmã, e lembra-me que nós estávamos a brincar num sitio e tínhamos que estar as duas, lembra-me o meu pai, as vezes nas chatices, chateava-se porque nós às vezes estávamos à mesa e estávamos sempre a conversar, e às vezes estava uma na sala, e nós as vezes por hipótese uma ficava de castigo na sala e outra na cozinha, nós achávamos que ainda havíamos, nós tínhamos que estar juntas, sempre juntas. Uma experiencia que eu tenho, por exemplo lembra-me quando fomos para a escola, estávamos todas contentes que íamos para a escola, e fomos, chegamos lá e eu passado uma semana mais ou menos cai, cai e aleijei-me não fui à escola dois ou três dias, e tive muitas saudades, a minha irmã foi eu não, eu tive muitas saudades, fiquei em casa. Depois lembra-me..., continuávamos sempre quando uma fazia a outra também fazia, fazíamos asneiras e uma encobria a outra sempre, recordo-me... (risos), sei lá, não quero estar a alongar isto, mas há coisas que me lembra que nós fazíamos as asneiras, mas, o que uma fazia a outra também fazia sempre, sempre assim, e recorda-me uma também uma altura, sei lá, que eu fazia à minha irmã as coisas que fosse de decorar e ela fazia matemática que eu não gostava, sempre foi assim, protegíamos-mos, eu nunca vivi de outra maneira, pronto. Depois ao longo da nossa vida, as duas, continuamos sempre, depois começou a época dos namoricos...
...(fomos interrompidas), começamos a ficar adolescentes, começamos a andar com os namoricos e depois eu namorava com um rapaz, mas a minha irmã gostava do meu e eu do dela, nós trocamos, (risos) trocamos, e eu fiquei a andar com o dela e ela com o meu, eu andei mais ou menos meio ano com o dela e ela andou com o meu, por coincidência chamavam-se os dois Joaquim. Depois, entretanto a minha irmã veio trabalhar, nós vivíamos até então no campo, e a minha irmã veio servir veio para o porto e eu fiquei na aldeia, foi horrível para mim, eu tive muitas saudades da minha irmã, mas muitas saudades mesmo, era aquela saudade da inocência... prontos depois, mais tarde eu vim também, quando eu vim também já ficamos as duas cá, e andávamos sempre..., nós tínhamos que falar todos os dias, coitadas das patroas, antigamente não haviam os telemóveis e nós ligávamos do telefone para tudo, nós tínhamos que falar todos os dias, se a minha irmã tivesse um problema qualquer eu ficava triste, eu sei que ela ficava por

mim, depois tínhamos assim muitas..., nós trabalhamos as duas numa casa, foi engraçado..., na mesma casa, e então há a conclusão dos feitos, a minha irmã era o que é, é e o que não é não é, eles eram do CDS, umas pessoas muito importantes da política, eu e a minha irmã conhecíamos os políticos (...), e há conclusão, a minha irmã fazia cada coisa, mas eu não me ria, nem nada, mas a minha irmã desfazia-se a rir, ela chegava à cozinha e contava-me coisas assim que se passavam, mas os patrões, quem lá fosse CDS não era bem vindo na casa, e então eu achei porque é que eu vou dizer que sou PSD, nadaaa, sou CDS, a minha irmã chegou e disse, não eu sou PSD e era PSD, então a patroa gostava muito de mim e da minha irmã não gostava, tudo o que a minha irmã fizesse estava mal, tudo o que eu fizesse estava bem. A minha irmã partia uma coisa, era só “ó dona maria Teresa partiu isto?”, eu cá dizia assim: Teresa não digas tu, eu digo que foi se querer, “ó rapariga, aconteceu, era assim, protegia-a sempre. Mas a minha irmã, o que era, era e eu dizia assim “ó Teresa mas porque é que tu és assim?, se nós conseguimos viver, não, eu não vou fazer os outros infelizes, recorda uma altura em que a patroa disse: já arrumas-te o quarto da bebé, arrastaste? e ela dizia arrastei, a patroa, não arrastas-te, arrastei sim senhora, e a patroa dizia vá lá ver se limpou, a minha irmã dizia “ó dona Amélia dúvida de mim?, então arraste e vá ver se está ou não está, eu não vou arrastar, eu tenho a certeza do que vi, era assim. E eu chegava, a irmos as duas, por exemplo, há e a Teresa dizia arrastei, pronto e a patroa dizia pra próxima vais limpar, e ela não, não, foi lá arrastou com força e disse limpei ou não limpei?!, e por exemplo era capaz de dizer “e então não pede desculpa”, assim, e eu não eu era do género, o que eu queria era estar bem. Com o meu pai era igual, quando nós queríamos ir a qualquer lado, o meu pai dizia não!, e a Teresa era logo “mas não porquê”, e eu dizia “ó Teresa deixa lá, olha ó pai mas porque é que não nos deixa ir? Eu acomodava-me, sempre me acomodei assim, em qualquer coisa. Recorda-me, quando eu por exemplo, quando andava para casar, eu casei primeiro que a minha irmã, para mim eu andava toda feliz da vida, sou sincera, eu nesse espaço de tempo não..., não..., se calhar não me apercebi, eu andava tão feliz, que eu não me apercebi que a minha irmã estava a sofrer com isso, feliz mas a sofrer, porque na noite antes do meu casamento a minha irmã chorou toda a noite, e eu queria era dormir, estava toda feliz, e eu mais tarde pensei realmente, eu se calhar não fui justa, porque eu casei primeiro e ganhei uma companhia e a minha irmã ainda não tinha, prontos tinha um namorado e assim, mas tanto que ele não foi ao meu casamento, estava a começar a namorar com o marido que é hoje. Recordo-me que eu estava ansiosa no dia do meu casamento, nós antigamente não

íamos assim de lua-de-mel nem nada, e depois era aquela coisa que tínhamos que ter tudo, deus me livre, e a minha e tudo, e é importante, estava ansiosa que chegasse a altura para eu contar à minha irmã como foi, tudo, quer dizer aquilo tudo, não sei porque se eu não contasse à minha irmã eu não estava bem, e lembra-me assim dessas coisas disso, ao longo da vida a minha irmã foi a madrinha do meu filho, porque tinha que ser, e esteve sempre presente, tudo, tudo, tudo. Há duas coisas que me marcaram muito, muito, muito muito, foi quando a minha irmã... quando a minha irmã entrou em trabalho de parto, o primeiro filho dela, porque eu sabia, eu tinha sofrido tanto, tanto, quando foi o meu filho, e eu queria-lhe dar coragem, e dei sempre, que não era tão assim tão mau pronto, mas eu sabia o que tinha sofrido, e eu imaginava que a minha irmã ia sofrer também, eu sofri muito com isso. E pior que depois correu muito mal o parto e a menina morreu-lhe... a menina teve problemas de coração e morreu, e nós estávamos naquela, será que ela vai sarar, será que não vai, aquela expectativa de que ninguém quer ver o filho... prontos, e eu estava em casa e devia ser pra i meio-dia, eu comecei-me a sentir tão triste, tão triste, íamos para almoçar (chora), e eu comecei a ficar tão triste, e disse ao meu marido “vamos embora” e ele disse “vamos embora a onde?”, vamos para a maternidade que a Teresa não está bem...

Mas não sabia o que se tinha passado?

Não, não havia telemóveis, não havia nada, e ele disse “não está bem?, tu és tola, a menina até estava melhor” e eu disse “vamos que a minha irmã não está bem, vamos, vamos, vamos, vamos que a Teresa não está bem” e nós viemos, aquilo a gente tinha de esperar pela hora da visita, nós nem tínhamos carro nem nada, e lembra-me que estávamos à porta, tá muita gente à espera para entrar, e a minha irmã ta na janela, e eu com aquilo na cabeça, a menina tinha-lhe morrido, a menina tinha-lhe acabado de morrer, e eu pergunto, e foi ao meio dia, como é que eu explico isso?, depois foi horrível, toda a gente..., aquele ano eu fiz questão, nós não fomos batizar a menina, então ela fez questão que eu fosse ao cemitério sempre arranjar, eu isto nunca contei a ninguém, a ninguém (chora), eu ia a caminho do cemitério e eu chorava, chorava, um dia uma senhora chegou à minha beira e perguntou-me:, por quem é que eu chorava tanto, quem é que tinha no cemitério, e eu como tive receio, e como não queria que ela me chamasse de tola (...). E uma senhora perguntou-me quem é que eu tinha no cemitério para eu ficar sempre assim, e eu disse que era a minha filha, não consegui dizer que era minha sobrinha, eu disse a minha filha.

Sentia-a como sua?

E era, mas eu também não queria que as pessoas dissessem que eu era maluquinha, porque a chorar tanto, era como se fosse minha filha, eu chorava, eu sempre que ia para lá pro cemitério, e então como me via com o meu filho tão pequenino perguntavam-me como é que eu tinha, porque eram os dois muitos juntinhos, porque eu Às vezes levava o meu filho, e eu dizia que foi a minha filha que morreu, Eu isso nunca contei a ninguém, mas no cemitério quando me viam a ir arranjar, e porque é que eu fui arranjar durante um ano? Porque a minha irmã ficou logo grávida, e o que é que acontece as pessoas que ficavam, antigamente diziam que não deviam de ir ao cemitério, que não devia fazer isto, que não devia fazer aquilo, a minha irmã como correu tão mal a menina fazia tudo direitinho para que não acontecesse nada, a família salvo erro do meu cunhado, dizia que ela não devia de ir ao cemitério.

Mas a sua irmã pediu-lhe que fosse?

Não, fui eu que lhe disse que tomava conta da campa, e eu tomei conta como se ela fosse minha, como se fosse realmente minha, porque a minha irmã não devia de ir ao cemitério porque estava grávida, e eu durante esse ano assumi como se aquela fosse a minha campa, e para mim eu afeiçoei-me tanto que era como se fosse minha filha (chora). Depois outra vez, que eu fiquei, quando nós fizemos 25 anos, nós tínhamos combinado que íamos à aldeia, e a minha irmã tinha carro e eu não tinha, mas eu não sei, não fui, ou uma coisa assim, ele acomodava-se muito tava bem, nós não fomos, e ela supostamente ia nos dar boleia, e eu no fim da tarde comecei a ficar muito triste, muito triste, uma angústia, assim uma angústia que eu não sei explicar, a minha irmã teve um acidente, mas foi só chapa, mas é do género “coitada, sabe deus, bateu com o carro, era muito dinheiro”, isso foi uma das coisas que mais me marcou, “mas como é que é possível? Porque é que eu fiquei assim?” Depois quando eu andava grávida, que já estava, a minha irmã teve um aborto, eu fiquei triste, ela queria ter outro filho, só tinha um, ela abortou, fiquei triste claro, sofri muito, acho que eu sofro muito com todos os meus irmãos, mas com ela é diferente, não sei, entretanto que a minha filha nasceu, andávamos grávidas as duas ao mesmo tempo, a minha irmã abortou e foi horrível, eu pensava que a minha irmã vinha ter comigo e que ela não tinha filho para mim foi horrível, é horrível (chora) porque eu era assim, e se fosse meu?, e era diferente. Entretanto, a minha filha nasceu e a minha irmã disse-me eu sei que não tenho menino,

eu sei que não tenho. Lembra-me que ela me trouxe coisas para a minha filha e eu ficava triste por ela, não era por mim era por ela porque eu estava feliz, eu tinha..., eu não podia sabendo que a minha irmã estava a sofrer. Depois a minha irmã teve cancro da mama, eu fui a ultima pessoa a saber, eu fui a ultima pessoa a saber, eu só soube quando ela estava mesmo para ser operada, não sei explicar. Acho que foi das coisas... eu já tive muito sofrimento, muito, a vida tem sido muito madrasta comigo, mas aquilo pra mim há uns anos, ter cancro era morrer (chora) e para mim foi horrível, horrível, até que eu dou por mim, quando eu tenho coragem para ligar à minha irmã qual não foi o espanto quando era a minha irmã a reconfortar-me a mim, eu sentia-me bem a ligar à minha irmã para ver a força que ela tinha ao dizer-me “Carmo, cancro temos nós todos os dias quando andamos na rua, e o médico diz que eu tenho, que há esperanças, e então se há esperança eu vou-me agarrar a ela, e eu tenho, tu vais ver” prontos. Lembra-me que a fui ver ao hospital, e para eu estar em condições de entrar, o meu marido só dizia assim “olha vê lá, é assim, tu vais ver a tua irmã”, porque eu, não sei, não sei explicar. Não sei explicar mesmo. E sei, que quando o meu marido faleceu, que a minha irmã estando ausente, porque era a que estava mais longe, estava sempre muito presente.

Como assim? Ausente fisicamente?

Ou seja, eu quero dizer que a minha irmã estava na casa dela, e eu na minha, mas eu sentia, e sei que a minha irmã, que ela foi uma mais-valia em tudo, em tudo, pronto o meu marido faleceu, e eu acho que ela sofreu muito comigo (chora), sofreu muito com a morte do meu marido, talvez por mim, ou pelos meus filhos, nós andávamos sempre juntos, sempre... não sei acho que ela... eu senti que a minha irmã sofria junto comigo... E acho que ser gémeo..., eu não sei ser de outra maneira! E de maneira que eu não sei ser de outra maneira, nunca... temos coisas tão boas juntas, tão boas, nós as duas em casa, com os meus pais, quando pedia a minha irmã para se fazer passar por mim, (risos), com os namorados, fazíamos. Uma vez eu conheci um rapaz, e estava chateada com o meu namorado, que não era o meu marido, era outro namorado pronto, entretanto eu..., fomos a um bailarico uma coisa qualquer, e eu comecei a namorar com esse rapaz, e esse rapaz, depois o meu faz as pazes comigo, e eu não queria mais estar com ele, e eu disse, “era o que faltava, eu não vou”, e ela “ tu és tola, não vais?, “olha agora vais fazer uma coisa, vais tu” (risos), vais tu e amigos como dantes, somos, como é que ela dizia: não vais para aquele sitio vais para aquele com ele, e depois olha despacha-lo e amigos como dantes”. Lembra-me que a minha irmã, que eu escrevi uma

carta depois pra outro também, e a minha irmã, o namorado da minha irmã, lembra-me que a minha irmã teve problemas entre aspas, não foi problemas, mas ele não confiava na minha irmã porque nós eramos gozonas, nós não eramos gozonas eramos brincalhonas, nós eramos muito integras, nunca conseguíamos fazer mal, não, nem ás nossas colegas, nunca, nunca, nunca, nunca fomos disso, eramos brincalhonas, muito brincalhonas, tavamos sempre a fazer..., tudo servia para nós brincarmos, tudo servia para nós, sei lá..., há tanta coisa tanta coisa...

Refere-se aos outros, como as viam às duas por serem iguais?

Sim, sim, os outros viam-nos, nós eramos..., mas nós eramos filhas da mãe, nós eramos mesmo, nós eramos um bocado mesmo, malandras mesmo, eramos mesmo malandras, mas pronto. Lembra-me quando a minha irmã depois estava já no Porto, e foi à aldeia, e por exemplo o meu irmão dizia por exemplo, faz isto, e ele não ia, e a minha irmã dizia não é assim, tem que ir, tem que fazer, “Ó Teresa deixa lá, deixa lá”...

Vocês são as mais velhas?

Das gémeas sim, mas temos outra mais velha, e depois outro irmão, depois somos nós as duas, depois temos um irmão. Lembra-me que nós fazíamos...

Vocês são quantos irmãos?

Somos 8, três rapazes e quatro raparigas, eramos 9, mas morreu uma irmã com 8 anos. E sei lá..., tanta coisa, tanta coisa que nós vivemos, mesmo..., e por isso é sempre aquela coisa, o que eu fizesse..., há outra coisa se eu fosse a um sitio qualquer se me desse uma coisa eu pedia para a minha irmã também, sempre..., lembra-me que eu ia a mercearia, a senhora já morreu, lembra-me que ela me dava sempre um figo, e eu queria também para a minha irmã, ela não me dava, e eu queria outro, eu partia a meio para dar à minha irmã, sempre. Íamos para a escola, aí eu muito me lembro, chorava quando a professora batia à minha irmã...

A sua irmã era a mais reguila?

A minha irmã era, a minha irmã era mais..., eu para mim era mais acomodada, a minha irmã dizia que eu era “laréu, laréu, lá vou eu”, eu não me preocupava com nada, não me chateava com nada, pra mim estava tudo certo, pra mim estava tudo certo, eu só

tinha que estar com a barriguinha cheia, a barriguinha cheia e o resto estava tudo bem, prontos sei lá..., Tanta coisa que agente viveu, não sei o que mais lhe possa dizer...

Continuam próximas?

Eu e a minha irmã?, continuamos na mesma, continuamos sempre, a minha irmã casou, teve a vida dela, ela é madrinha do meu filho, eu sou madrinha do filho dela, sempre..., por exemplo, eu não falo todos os dias com essa minha irmã, enquanto já fala com as outras gêmeas todos os dias, porquê, porque falo com elas para ajudar a passar o tempo, porque uma das gêmeas tem uma menina que é paralítica, e ela está sempre em casa a tomar conta dela, e a outra pronto quando chega a casa e quer ligar, depois paga as chamadas e liga, com a minha irmã, uma vez por semana, duas vezes por semana, mas se temos alguma coisa nós estamos lá, e estamos, porque a minha irmã, a vida foi um bocadinho..., enquanto ela, que eu tinha a minha vida, casei, tive o meu marido fui muito feliz, habituem-me, acomodei-me, eu tinha o meu emprego, o meu marido tinha o emprego dele, tínhamos nos nossos fins-de-semana, a minha irmã não, teve uma vida de muito sacrifício, de muito trabalho, muito trabalho, e então, eles eram donos de um café, e antigamente trabalhava-se á séria mesmo, e ela trabalhava muito, e então nós de vez em quando íamos até lá, e a minha irmã não tinha o tempo que eu tinha livre para estar assim a ligar tanto, então ela viveu mais, é do género, nós sabemos que podemos contar com ela, que ela tá lá, mas está no canto dela, está no cantinho dela. Mas continuamos as duas..., agora assim, em termos de doenças, o que a minha irmã teve eu também quase que foi assim, e era o contrário, o que uma teve a outra teve logo a seguir, e de resto não sei, como seria, se eu fosse sozinha?, não sei, não sei porque eu nunca fui, e acho que não ia gostar de ser....

As pessoas quando se referem aos gémeos têm sempre a tendência a comparar...

Connosco não, e rivalidade, não nunca, não nunca, eu nunca tive um segredo com a minha irmã, nunca tive um segredo da minha irmã, e eu acho que ela também não tem comigo, mas isso ela é que o sabe, mas eu nunca tive um segredo da minha irmã, nada. Desde o primeiro beijo, quando fosse com um rapaz, ou seja, eu recorda-me uma vez que eu fui de férias, há porque depois quando nós estávamos a trabalhar na casa dessa patroa, a minha irmã um dia chateou-se e disse: “olha tava a cantar, enfrente dela, para a provocar, que ela era lixada, e ela chegou lá, “então Teresa não sei quê, não sei quê”, e ela pegou e despediu-se, a minha irmã despediu-se, e a patroa chegou à cozinha e disse-

me assim, foi uma das coisas que eu fiz, que eu gostava lá de estar, mas achava que não estava a ser justa com a minha irmã, e chegou à cozinha e disse: “olha a outra despediu-se, a outra. E eu disse: quem?, a outra, e eu então esta também se despede, fui me embora chateada com ela. Não tínhamos trabalho, mas a minha irmã despediu-se e eu também me despedi.

Mas porque é que se despediu também?

Não sei, não me pergunte que eu agora não sei, sei que se calhar foi porque se ela, a minha irmã vai, então eu também vou, e fomos as duas, estávamos ali as duas, mas eu já lá estava quando a minha irmã veio, enquanto não a trouxe para lá não descansei, mas os nossos feitios eram diferentes, nós as duas dávamo-nos muito bem, mas perante a patroa era diferente, enquanto eu sabia lidar com ela, que ela parecia bipolar, como nos levava a passar e nos dava prendas, nos dava muitas coisas, como berrava, berrava, berrava, era mesmo bipolar, ela era mesmo, mas comigo eu não tinha razão de queixa, eu não tinha, mas a minha irmã tinha, a minha irmã não tava para aturar nada disso. A minha irmã era empregada de cozinha, eu era de sala, ela tinha de tomar banho duas a três vezes por dia, quando se levantava, e à noite antes de servir, tinha de mudar de farda, e nós as vezes sentávamos as duas à beira da banheira, e a água a correr, para a patroa pensar que nós estávamos a tomar banho, a minha irmã tinha de apanhar o cabelo, e lembra-me que a afilhada da patroa, que era nossa amiga dizia: a totiça tem as penicas na mesa? As penicas eram umas coisinhas para lavar as mãos para se, se suja-se qualquer coisa, e a afilhada não era nada dessas cerimónias, e nós riamo-nos as duas, aquilo para nós era uma brincadeira...

E os irmãos dão-se todos bem?

Sim, sim, cada um com o seu feitio nenhum é igual ao outro, damos nos todos bem, e os meus pais faleceram, e graças a Deus acho que eles estão orgulhosos de todos nós, ou não, não sei, mas nós procuramos manter-nos sempre reunidos, próximos...

Quer acrescentar mais alguma coisa? Já falamos imenso.

Não, sei lá tantas coisas..., não me estava a ver não ser gémea, não sei o que seria de mim se eu perdesse a minha irmã, acho que qualquer irmão eu ia sofrer muito, mas a minha irmã, a Teresa acho que ia ser diferente, eu sinto a Teresa como um bocado de mim, a outra parte de mim. É isso.

ANEXO D – NARRATIVA TERESA

Como é para si ser gémea?

Ai menina Inês, eu não lhe vou poder responder como é que é ser gémea, porque eu não sei como é que é não ser gémea. Então, eu não me estava agora a ver sozinha sem ter uma gémea, sem ter crescido sempre com uma pessoa colada a mim. Porque nós até determinada altura andamos sempre coladas, tavamos sempre juntas, sempre juntas, eu lembra-me que a minha mãe, eu comia muito mal, era assim muito leizinha e a minha irmã comia tudo muito bem, então a minha mãe sempre que podia dava-me o melhor a mim, um bocadito, qualquer coisinha, e depois ponha-me a comer atrás da porta, e eu saia dali, dizia Ó Carmo, a Carmo não pode saber, eu a primeira coisa que fazia era logo dizer “Carmo a mãe deu me feijões com azeite mas eu não te digo, coisas assim desse género, pronto, então, não sei o que é porque andamos sempre juntas, fomos pra escola juntas, fazíamos tudo em conjunto, sempre na mesma carteira sempre, uma faltava a outra faltava, uma num ia, sempre...outra coisa que eu me lembra foi uma asneira que nós fizemos uma vez entregamos só um trabalho na escola, e ainda hoje não sei qual de nós fez o trabalho (risos), não sei se ela sabe, se não sabe, já questionamos isso, que nós não sabemos qual de nós o fez, só uma é que fez o trabalho, e só uma é que entregou, e a professora não conseguiu saber quem é que o entregou, porque nós éramos tão iguaizinhas, tão iguaizinhas, que não conseguiam saber. Pronto e depois fomos sempre assim pela vida fora, haviam coisas, depois com o tempo foram acontecendo, as vezes parece que tínhamos assim um pressentimento uma inquietação muito grande cá dentro e não sabíamos porquê, e continuamos sem saber, como se alguma coisa tinha corrido menos bem à outra, ou alguma coisa também não estava bem com ela, depois também tivemos as nossas macaquices, também fizemos as nossas coisas, uma vez eu desmarquei um encontro com o namorado dela, para que ela fosse comigo, (risos) ela falou-lhe nisso?, eu queria que ela fosse, e ela disse que não ia comigo, eu disse tu vais ir, então pequei e liguei-lhe, ele convencido de que estava a falar com ela, todo porreirinho, só lhe disse, olha que eu fiz isto assim e assim, é aquela coisa nunca nos zangávamos, às vezes acontecia por exemplo nós não combinávamos nada, nada mas na hora de, que nos encontrávamos, por força das circunstâncias, depois fomos trabalhar, não estávamos juntas, depois encontrávamo-nos e estávamos com a roupa exatamente igual, aconteceu muitas vezes, o cabelo, tínhamos comprido loiro, uma cortava e a outra, não sei porque aparecia com ele cortado também, isso acontecia muitas vezes. Em

termos de feitio, nós eramos assim, somos assim muito parecidas mas muito diferentes, o meu filho costuma dizer: “olha vocês são gémeas verdadeirinhas, verdadeiras, mas vocês iguais é só a embalagem” depois por dentro..., por exemplo a minha irmã era muito aquele género que eu dizia: “muita escova, nha, nha, nhã, e eu não”, eu era muito prática, muito refilona, eu era prática e refilona, eu lutava pelas minhas coisas, e era assim, porque é que eu ia dizer que não era assim?, só porque era assim, e ela era capaz de dizer assim: “não isto não, eu sei que isto é uma pedra, mas a mãe vai ficar contente se eu dizer que é um pau, eu vou dizer que é um pau”, então estava sempre tudo bem, haviam coisas que às vezes me faziam ferver, ela era completamente diferente, e eramos capazes de assim numas alturas estarmos assim mais distantes, mas, naquela hora que era preciso, estávamos ali sempre, ainda hoje...Prontos depois as coisas foram passando, ela entretanto depois casou, depois o marido tinha um feitio completamente diferente, enquanto que nós somos mais extrovertidos, gostamos de falar, gosto de danças, de passear, e ele não era assim, e depois de uma certa, de um certo momento, à noite tinham que se deitar aquela hora, aquelas coisas e nós tínhamos uma vida mais aberta, e depois tínhamos, tinha a vida muito ocupada, e não..., mas havia qualquer coisa, que qualquer uma de nós tinha, lembra-me uma vez que nós tivemos um acidente, vínhamos da aldeia e ela preocupou-se toda “mas ta tudo bem?, está mesmo tudo bem? E eu não lhe disse, olha aconteceu-me isto, ela já sabia, tinha uma inquietação muito grande... Prontos, estas coisas para mim é o que é ser gémeo, ser mesmo gémeo, ser mesmo verdadeira. Lembra-me quando eu tive um problema de saúde, tentava ao máximo eu dar força aos outros, que os outros tivessem bem, que não me lembrassem do que eu tinha, ela parecia uma melga (risos) e a chorar e toda e eu é assim tá tudo bem eu estou bem, pronto e era assim isso.

A sua irmã sofria um bocadinho as suas dores...

Sim, sim, prontos, mas também haviam alturas..., eu também sofria sempre as dores dela, quando ela teve o filho que nasceu com um problema no crânio, depois deve de fazer muito cálcio, e nessa altura..., mas eu ainda não era mãe, aquilo para mim era tipo o meu filho, depois sofreu muito com a minha filha que nasceu morta, ela sofreu muito, claro sofreu e sofremos todos muito, e sei que ela também viveu muito isso, pronto assim como agora com a morte do marido dela para mim foi... (chora)

Como é que explica isso?

Não sei, acho que não tem explicação, havia determinadas coisas que se passavam que eu sentia uma inquietação, como é que eu vou explicar..., é uma inquietação mesmo, sabe quando agente tá assim com um mau pressentimento? Pois a menina sabe, quem sou eu para falar isso, a menina também tem a gémea e é verdadeirinha. Às vezes aconteciam assim coisas, que aconteceram pela vida fora, que eu era assim, pera aí, parece que eu não estou bem, parece que tenho um pressentimento aqui dentro, uma inquietação, e eu não ia busca-la, como é que eu vou explicar, agente pensa tenho isto, mas é pela nossa vida, que coisa, parece que me vai acontecer qualquer coisa, e depois alguma coisa acontecia do lado de lá... alguma coisa estava a acontecer do outro lado, isso aconteceram muitas, mas muitas, vezes. Ainda hoje, pronto ela tem a vida dela, e eu tenho a minha e tudo mais, é o que eu digo às vezes tenho pena entre aspas não é, mas doí-me as dores dela, doí-me as dores dela, e não sei o que é ser assim, se eu não tivesse uma irmã..., eu tenho outros irmãos, agora dizer assim, a pessoa a quem eu sou mais ligada, mais confidente, que tem um feitio exatamente como o meu, que é igual ao meu, não é ela, não é a minha gémea, é uma outra irmã que também tem outra gémea, essa é que agente diz que somos a sombra uma da outra, essa é que somos mesmo a sombra uma da outra, com a minha irmã é este elo de ligação, mas são feitios completamente opostos, temos os feitios..., pronto a minha maneira de ser, de estar, de pensar é completamente diferente, completamente diferente da dela, não tem nada a ver, mas isso não quer dizer que não sintamos as coisas da mesma maneira, e pela mesma maneira, porque a minha irmã é capaz de estar a como é que eu ei de dizer...,

Diga pelas palavras que encontrar...

A sofrer, às vezes as palavras certas...,

Diga pelas suas palavras,

Não é mutilar-se, ou até certo ponto, mas para dizer ámen, ámen, ámen, ámen, e eu não sou assim, eu não sou assim, eu quando quero uma coisa vou à luta e defendo-a, eu defendo-a, quando eu tenho razão não me calo, porque eu..., não é aquela não me calo de ser mal-educada e refilona, não, eu é para expor a minha vontade própria...

As suas convicções?

Exatamente, as minhas convicções, o meu ponto de vista, lembra-me uma vez que a minha mãe me estava a chatear, a chatear entre aspas coitadinha da minha mãe, quem me dera que me chateasse agora, a dizer-me assim: “não façam isso é Amélia que era a outra minha irmã, mais nova, que sofria muito, mas eu não achava bem, porque ela era mentirosa, e as coisas não era assim, eu não ia dizer “tá bem pronto eu acredito em ti, as coisas não eram assim”, “não, mãe não é assim, porque é que ela tem de ser assim?, não são”, “mas deixa-a lá porque ela é doentinha, porque ela é assim”, “Ó mãe mas não é assim, se não vai ser assim toda a vida” e a minha irmã já era assim pronto ta bem, sim tá bem, era assim, pronto. A minha mãe dizia muitas vezes: “tu um dias vais ter tantos problemas com o teu marido porque tu és assim, és refilona”, enquanto que a minha irmã era aquela santinha, tava tudo bem, feitios completamente diferentes, mas em termos de feitio, da maneira de estar, da maneira de pensar, da maneira de..., mas naquela coisa de sentir, de pressentir, de preocupação de estar sempre ali em cima, não isso é uma coisa que é muito forte mesmo, e que sai cá de dentro sem as duas, sem agente se aperceber, sem nós dar-mos por ela, estamos a viver aquelas dores, aquelas coisas dela, é assim, e gosto muito, é a minha gémea, é a outra parte de mim, é compatível comigo em tudo, até na medula, e era o que o meu filho dizia não era preciso fazerem o teste para saberem, e pronto é assim. E agora depois que ela ficou viúva, unimo-nos mais um bocadinho, porque eu acho que até agora ela estava um bocado castrada, um bocadinho castrada, mas porquê?, porque nunca defendeu o ponto de vista dela, porque se a partir do principio ela tem o meu feitio, era a personalidade completamente diferente. Eu muitas vezes dizia assim: “Ó Carmo tu tens de ser assim...” Ela gostava muito do marido..., e eu também sofri muito pela minha irmã, a perda dela, as dores dela, vivias muito, ainda hoje. Eu naquela altura estava mais preparada para perder o meu irmão, do que o meu cunhado que foi assim de repente, e sofri muito, ai de repente eu tive na pele dela, tudo, eu fiz tudo o que era funeral, fiz tudo pronto. Ai sim voltamos outra vez, voltamos a viver perto uma da outra, de resto...

Como é com os outros? Diferenciam-vos?

Em termos da família? Sim, sim, dizem que é só embalagem, os nossos amigos é família, somos uma família muito unida, gémeos é na embalagem, de resto não, porque

quem nos conhecem mesmo. Quem nos conhece assim mais sabe que é completamente diferente, somos gémeas verdadeiras, que sentimos tudo uma da outra. A minha primeira angústia é o meu filho e o meu neto logo, mas a partir daí é a Carmo é, é, e ela acho que também é a mesma coisa comigo...

Sente a vossa relação como um apoio?

Sim, sim, sim, e apoio a minha irmã incondicionalmente, em tudo. É um apoio incondicional, é mesmo assim, eu ainda não falei com ela porque não tive. Eu não falo com ela todos os dias, com a regularidade em que falo com a outra, mas quando sei que ela anda com algum problema ou anda com alguma chatice de um filho eu estou sempre ali, e já lhe disse a ela não te deixes ser maltratada eu tou aqui, estou mesmo, inteiramente de corpo e alma para ela, é qualquer coisa que nos liga. É assim não sei o que posso ajudar mais.

Contou-me a sua história...

Lembro-me nós estávamos sempre juntas, lembra-me uma altura em que ela ficou e eu fui, e eu tinha muitas saudades, mesmo muitas saudades, lembro-me muito, ui, só que depois o tempo foi passando, estamos com 60 anos e a vida vai mudando completamente. Eu posso ter este feitio, mas se sei que a pessoa precisa, não é só de dinheiro, de uma palavra de um conforto, estou lá, e nela mais, e com a doença do meu cunhado voltamos outra vez, era qualquer coisa que estava aqui dentro, voltamos outra vez, tudo aquilo naquela hora, fiz o que pude, o que estive ao nosso alcance. Pronto assim como ela qualquer coisa que agente precise está lá sempre. É uma ligação, não dá para explicar.

Todos vos distinguem?

Há, há, isso é outra conversa..., quando o meu pai chegava a casa dizia assim: “tu qual és? Isso ainda hoje, tenho clientes que falam comigo, às vezes passam na rua tem uma conversa comigo, como se eu seja ela, quando eu vejo que posso arrumar digo: “tá tudo bem, e vocês, tá, tá, e agente vai e não tá a contar a história, quando passa isso tenho de dizer pronto eu sou a Teresa não sou a Carmo. Nós fazíamos muitas brincadeiras, agora a vida é completamente diferente. É assim, é uma história assim

pequenina, mas é assim, é a história verdadeira, sem filtros sem nada, é isto assim, espero ter contribuído.